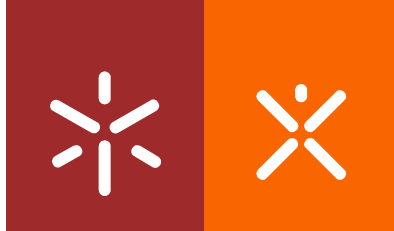




Nadina Manuela Rodrigues Freitas

Cultura e Tradição: As Festas Nicolinas



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Nadina Manuela Rodrigues Freitas

Cultura e Tradição: As Festas Nicolinas

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos da Criança
Área de Especialização em Associativismo e
Animação Sócio-Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Fernando Ilídio Ferreira

outubro de 2013

Declaração

Nome: Nadina Manuela Rodrigues Freitas

Endereço eletrónico: nadinafreitas@hotmail.com

Número do Cartão de Cidadão: 12033449 6ZZ7

Título dissertação: Cultura e Tradição: As Festas Nicolinas

Orientador: Professor Doutor Fernando Ilídio Ferreira

Ano de Conclusão: 2013

Designação do Mestrado: Mestrado em Estudos da Criança – Área de Especialização Associativismo e Animação Sócio-Cultural

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura:_____

Dedicatória

A minha dedicatória vai, como não poderia deixar de ser, para a minha família – o pilar mais importante da minha vida.

Agradecimentos

Quero agradecer à minha mãe e ao meu pai por me terem apoiado, a vários níveis, na concretização deste objetivo de vida.

Ao meu irmão que, com o jeito de brincadeira, me incentivou, deu-me força e confiança.

Aos meus amigos que me deram a máxima força naqueles momentos em que mais precisei.

À minha entidade laboral, concretamente ao Dr. José Leite de Oliveira, por me ter possibilitado faltar sempre que eu precisei dedicar-me ao trabalho de investigação.

À Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, em especial ao Sr. Augusto Castro e Costa e ao Sr. João Neves, por me terem aberto as suas “portas” e terem promovido a minha entrada no terreno.

À Comissão de Festas Nicolinas que me permitiu o acompanhamento e a participação nas várias atividades, em especial ao seu Presidente, Nuno Silva, que se mostrou sempre disponível para qualquer “interrupção” minha, tirando-me várias dúvidas ao longo deste trabalho.

Ao Prof. Fernando Ilídio Ferreira, meu orientador, pela forma como orientou o percurso e a execução deste trabalho.

E, por último, mas sempre o primeiro, um muito muito obrigado para o meu filho, Rodrigo Miguel que esteve sempre, sempre presente mesmo quando estava ausente, sendo a minha fonte de inspiração.

Resumo

As Festas Nicolinas, tradição estudantil de Guimarães, é o tema deste trabalho de investigação. Estas festas constituem uma tradição muito antiga da cidade de Guimarães, e como tantas outras tradições, não é imóvel, pois ao longo do tempo acompanhou e adaptou-se às transformações ocorridas na sociedade, mantendo, no entanto, uma das características pela qual a torna especial: continuam a ser os jovens estudantes a organizar e a animar as Festas Nicolinas e, concomitantemente, a perpetuar a tradição.

Compreender o que são as Festas Nicolinas a partir das perspetivas dos seus principais responsáveis, a Comissão de Festas Nicolinas, é o objetivo principal deste estudo.

Para tal, a metodologia utilizada é o estudo de caso de orientação etnográfica que se insere no paradigma interpretativo, cujo principal objetivo é o de compreender a realidade em causa.

A observação participante e a análise documental foram os instrumentos privilegiados nesta investigação. Para a recolha de informação no terreno usei as notas de campo registadas num diário de bordo, as quais foram posteriormente interpretadas; foram utilizadas, também, também a máquina de filmar e a máquina fotográfica.

Deste trabalho resultaram algumas conclusões que passo a destacar: As Festas Nicolinas são as festas dos estudantes de Guimarães e são os estudantes das escolas secundárias de Guimarães que constituem a Comissão de Festas Nicolinas, responsável máximo pela organização, realização e perpetuação destas festas. Apesar da Comissão ser o órgão principal das festas, a Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães também fomenta esta perpetuação: participa nos vários festejos, apoia na organização das Festas Nicolinas e promove várias iniciativas locais tendo em vista a transmissão desta tradição. A originalidade e a criatividade são algumas das características destas festas, integradas na cultura popular vimaranense, que ainda hoje sofrem algumas alterações, muitas delas originadas por sugestões espontâneas. Esta tradição é bastante “acarinhada” pela população vimaranense, sobretudo por aqueles que um dia vivenciaram, participaram e viveram as Festas Nicolinas onde encontram na noite do Pinheiro (um dos vários números nicolinos) uma viagem ao passado, ao convívio, à saudade e à amizade.

Palavras-chaves: Cultura, cultura popular, tradição, Festas Nicolinas.

Abstract

The theme of my research work is the Nicolinas Festival, a student tradition of Guimarães. This festival is a very ancient tradition of Guimarães, which, like many others, is not immutable, having kept up with and adapted to the transformations that took place in society over time. Nevertheless, it has preserved one of the characteristics that make it so special: young students are still organizing and bringing life to the Nicolinas Festival while perpetuating the tradition.

The main goal of this study is to understand the Nicolinas Festival from the point of view of those who are primarily responsible for it – the Comissão de Festas Nicolinas (the organizers of the Nicolinas Festival).

For this purpose, the methodology I used was the case study of ethnographic orientation: it is part of the interpretive paradigm, which aims at understanding the reality in question.

The participant observation and the documentary analysis were my favoured instruments in this investigation. For collecting information *in situ*, I used field notes recorded in a logbook, which I subsequently interpreted, and a camera and a video camera recorder.

A few conclusions could be drawn from this work, which are: the Nicolinas Festival is a celebration of the students of Guimarães and the Comissão de Festas Nicolinas – ultimately responsible for the organization, accomplishment and perpetuation of these festivities – is composed of local secondary school students. Although the Comissão de Festas Nicolinas is the main body of the festival, the Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães (Alumni Association of the Liceu de Guimarães) also favours this perpetuation by participating in the various festivities, supporting the organization of the festival and promoting several local initiatives, with regard to the continuity of the tradition. Originality and creativity are some of the characteristics of this festival, which is integrated into the popular culture of Guimarães. The festivities still undergo some changes today, many of them caused by spontaneous suggestions. This tradition is very cherished by the local population, especially by those who have once experienced, participated and lived the festival and who may find in the Pinheiro night (one of the several festivities of the festival) a way of reliving the past, the conviviality, the nostalgia and the friendship.

Key words: Culture, popular culture, tradition, Nicolinas Festival.

Índice

Declaração	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract.....	ix
Índice_.....	xi
Lista de Siglas	xii
Índice de Figuras	xiii
Índice de Tabelas.....	xiv
Introdução.....	15
Capítulo 1 – Problemática e objetivos da Investigação	17
1.1 A Problemática da Investigação.....	17
1.2 Objetivos da Investigação.....	18
Capítulo 2 – O conceito de Cultura. Cultura popular, memória, tradição e festa	19
2.1 Conceito de cultura(s)	19
2.2 Memória Social e Memória Cultural.....	26
2.3 Cultura erudita, cultura popular e cultura de massas.....	28
2.4 Democratização e Democracia Cultural.....	34
2.5 A Cultura Popular	36
Capítulo 3 – Contextualização histórica das Nicolinas.....	45
3.1 O culto a São Nicolau.....	46
3.2 Dimensão religiosa e profana das festas	50
3.3 As Nicolinas e o liceu	50
3.4 Senhora Dona Aninhas (A madrinha dos estudantes)	52
3.5 Os Números Nicolinos	53
Capítulo 4 – Metodologia	67
4.1 – O estudo de caso de observação participante	67
4.2 Descrição da Investigação	70
Capítulo 5 – Análise e discussão dos resultados.....	77
5.1. Eleição e Constituição da Comissão de Festas Nicolinas	77
5.2. A Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.....	80
5.3 Primeira Saída Oficial da Comissão das Festas Nicolinas	82
5.4 Ensaios.....	84

5.4.1 Ensaio das Danças de S. Nicolau (8 de novembro de 2012)	84
5.4.2 Ensaio dos toques nicolinos (9 de novembro de 2012)	85
5.4.3 As Moinas (10, 17 e 24 de novembro de 2012)	88
5.5 Peditório (16 de novembro de 2012)	91
5.6 Participação no “Guias improváveis” com membros da AAELG (24 de novembro de 2012)	92
5.7 A A.A.E.L.G. e as Escolinhas de Guimarães (28 de dezembro de 2012)	93
5.8 Corte do Pinheiro, Cortejo do Retábulo de S. Nicolau e Cortejo do Pinheiro (29 de novembro de 2012)	93
5.9 Solenidades em honra a S. Nicolau (2 de dezembro de 2012)	102
5.10 Roubalheiras (2 de dezembro de 2012)	103
5.11 Dízimo de Urgezes (4 de dezembro de 2012)	104
5.12 Posses e Magusto (4 de dezembro de 2012)	105
5.13 Pregão Nicolino (5 de dezembro de 2012)	107
5.14 Maçãzinhas (6 de dezembro de 2012)	110
5.15 As Novenas (17 de dezembro de 2012)	113
5.16 Baile Nicolino “Baile da Saudade” (7 de dezembro de 2012)	115
5.17 Danças de São Nicolau (8 de dezembro de 2012)	116
6. Discussão dos resultados	118
Capítulo 6 – Conclusões	123
Referências bibliográficas	127
Anexos	131
Anexo 1 – Hino do São Nicolau dos Estudantes	133
Anexo 2 – O Compromisso	135
Anexo 3 – Hierarquia e Funções da Comissão de Festas Nicolinas	137
Anexo 4 – Posse da inenarrável e sempre infame Associação das Comissões de Festas Nicolinas 2012	143

Lista de Siglas

AAELG – Velhos Nicolinos: Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Guimarães

ACFN: Associação das Comissões de Festas Nicolinas

Índice de Figuras

Figura 1 – Entrega da bandeira da Academia ao 1.º Vogal da Academia	82
Figura 2 – Ensaio das Danças com velhos e novos nicolinos	85
Figura 3 – Subchefe de Bombos a dar indicações sobre o toque da caixa	87
Figura 4 – Chefe de Bombos e a sua boneca "Angelina"	87
Figura 5 – Ensaio do toque com o punho fechado	87
Figura 6 – Forma e estrutura do cortejo da moina	90
Figura 7 – Caixa decorada com o Castelo de Guimarães	90
Figura 8 – À porta da 1.ª Moína 2012 em frente ao café Green Line	91
Figura 9 – Bombo com a pele rasgada	91
Figura 10 – Bombo marcado com sangue	91
Figura 11 – Corte do Pinheiro	95
Figura 12 – A junta de bois que transportou o Pinheiro	95
Figura 13 – Retábulo de São Nicolau	96
Figura 14 – Presidente, com o Retábulo na mão, e a comissão a dirigirem-se para a Torre dos Almadas	97
Figura 15 – A comissão a decorar o carro do Pinheiro	101
Figura 16 – Carro de Minerva	101
Figura 17 – Carro com as tradicionais piadas	101
Figura 18 – Local do "enterro"	101
Figura 19 – Iluminação do local do "enterro"	101
Figura 20 – Nicolinos abraçam-se e festejam o enterro	101
Figura 21 – Missão cumprida, um abraço ao Pinheiro	101
Figura 22 – A comissão à saída da Capelinha de S. Nicolau	103
Figura 23 – S. Nicolau	103
Figura 24 – A comissão na execução das Roubalheiras	104
Figura 25 – Banda de Música	107
Figura 26 – A Comissão na execução das Posses	107
Figura 27 – Posse recolhida no Liceu Martins Sarmento	107
Figura 28 – O Pregoeiro a declamar o Pregão e o ponto do pregoeiro	109
Figura 29 – A Comissão à saída do cortejo do Pregão	110
Figura 30 – 1.º Vogal da Academia à saída do cortejo	110

Figura 31 – Carro do Pregão	110
Figura 32 – Final do 1.º Pregão recitado	110
Figura 33 – Carro decorado pelos alunos da Escola Secundária Martins Sarmiento.....	112
Figura 34 – Carro decorado pelos alunos da Escola Secundária Francisco de Holanda.....	112
Figura 35 – A lança com a maçã na ponta	113
Figura 36 – As lanças decoradas com as fitas	113
Figura 37 – Varanda da Praça de S. Tiago com as "damas" à espera das maçãzinhas.....	113
Figura 38 – A entrega da maçã, a sua recolha e a entrega do pequeno presente.....	113
Figura 39 – Em frente à Capelinha da Nossa Senhora da Conceição	114
Figura 40 – Participação da Comissão na Missa	115
Figura 41 – Peditório de bens alimentares no Mercado Municipal.....	115
Figura 42 – Entrega dos bens alimentares à Casa dos Pobres	115
Figura 43 – Um dos momentos altos das Danças de São Nicolau.....	117

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Atividades observadas	75
Tabela 2 – Cronograma da investigação	76

Introdução

Uma das formas mais naturais para introduzir este trabalho de investigação é iniciar o texto com uma pequena referência às Festas Nicolinas, o que não é de todo fácil se tivermos em conta a antiguidade desta tradição.

As Festas Nicolinas são uma tradição (ou seja, tudo aquilo que é transmitido, incluindo objetos materiais e imateriais), cujas origens remontam para trás do século XVI e são dedicadas ano após ano ao seu Patrono São Nicolau. O culto a São Nicolau difundiu-se na Idade Média pela Europa, entrando também em Portugal onde adquiriu na cidade de Guimarães um lugar especial.

As várias obras analisadas fazem referência aos vários milagres executados pelo Santo, mas é, sobretudo, o milagre de ter ressuscitado três jovens em idade escolar que foram esquartejados por um ladrão que é mais apontado como promotor da devoção por parte dos estudantes.

O culto a São Nicolau foi apropriado pelos estudantes de Guimarães, que no ano de 1663 construíram uma capela em honra do Santo, tendo sido posteriormente sediada uma Irmandade (a Irmandade de São Nicolau) cujos estatutos foram publicados no ano de 1691.

As Festas Nicolinas inicialmente eram celebrações meramente religiosas e o seu festejo cingia apenas ao dia de São Nicolau, 6 de dezembro.

A esta herança cultural e histórica foi acrescentado por cada geração alterações ao longo dos anos. Apesar das várias transformações ocorridas, as Festas Nicolinas perduraram chegando até nós. O que são as Festas Nicolinas, hoje, é o tema proposto para este trabalho de investigação.

Para tal, o que se analisou ao longo desta pesquisa foi o trabalho da Comissão de Festas Nicolinas na organização e realização das Nicolinas. A Comissão de Festas Nicolinas é constituída por estudantes do sexo masculino das escolas secundárias de Guimarães e são eles os protagonistas, os “atores”, os dinamizadores, os realizadores e organizadores desta tradição. O percurso desta investigação levou-me a perceber que a Comissão não está só nesta tarefa de realizar as Nicolinas e com isso na tarefa de as transmitir e de as perpetuar. A Associação dos Antigos Estudantes de Guimarães é outra parte visível das Festas Nicolinas, que para além de participarem nos festejos, realizam e organizam várias iniciativas locais tendo em vista a transmissão do conhecimento desta tradição.

Conhecer e compreender as Festas Nicolinas é conhecer e compreender uma tradição estudantil muito peculiar que faz parte da cultura popular vimaranense. Com este estudo pretende-se de alguma forma contribuir para o seu conhecimento, reconhecimento e divulgação.

Quem, como eu, estudou nas escolas secundárias de Guimarães, sente um fascínio pelas Nicolinas muito difícil de descrever, fascínio esse que leva, ano após ano, a reviver e a participar nestas festas académicas. Compreender as Festas Nicolinas foi, portanto, a motivação principal desta investigação, cruzando um olhar implicado com algum distanciamento necessário ao desenvolvimento do estudo.

Muitas pessoas já ouviram falar e já participaram nas Festas Nicolinas, nomeadamente no seu número mais conhecido, o Pinheiro, mas dificilmente conseguem compreender o(s) seu(s) significado(s). Este estudo pretende ajudar um pouco na sua compreensão para que esta tradição possa despertar a curiosidade, o interesse e o gosto, e como tal a sua valorização.

Esta dissertação é constituída por seis capítulos.

O primeiro capítulo trata da apresentação da problemática a investigar e dos objetivos do estudo. O segundo e o terceiro capítulos referem-se à revisão bibliográfica.

No segundo é abordado as noções de cultura e as várias questões associadas, terminando com um especial “olhar” sobre a cultura popular.

O terceiro é dedicado ao passado, às origens das Festas Nicolinas como forma de compreender o que foram as Festas Nicolinas, como surgiram e evoluíram ao longo do tempo.

O quarto capítulo refere-se à metodologia aplicada, aos métodos e às técnicas utilizadas para a recolha de dados.

O quinto capítulo apresenta e analisa os dados recolhidos e segue-se à sua posterior discussão. Faço, o que julgo pertinente nesta investigação, uma descrição “densa” dos dados, das informações que eu recolhi no campo da investigação. Assim sendo, analiso as Festas Nicolinas realizadas no ano de 2012. Depois passo para a discussão dos dados obtidos e termino com a conclusão, onde são também sugeridos estudos futuros. A estrutura inclui ainda as referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo 1 – Problemática e objetivos da Investigação

1.1 A Problemática da Investigação

As Festas Nicolinas são as festas dos estudantes de Guimarães e da população vimaranense em geral. É uma das mais antigas tradições do nosso país. Não se sabe ao certo a data exata da sua origem mas sabe-se que tem raízes que remontam a mais de três séculos. Inicialmente, os festejos em honra de São Nicolau realizavam-se, apenas, no dia 6 de dezembro, dia de São Nicolau, no entanto, os estudantes acharam que apenas um dia de festejos era insuficiente para os vários números das festas. Hoje, as Festas Nicolinas iniciam-se a 29 de novembro e terminam no dia 8 de dezembro.

Na sua composição encontramos vários números nicolinos que animam a população nesta altura do ano, entre os quais se incluem: o Pinheiro, o Pregão, as Maçãzinhas, as Posses, o Magusto, as Novenas, as Roubalheiras, o Baile Nicolino e as Danças de São Nicolau. Uma das características que torna esta tradição especial é o fato de serem os alunos das escolas secundárias aqueles que dão vida à tradição.

Compreender o que são as Nicolinas e o que torna esta tradição especial é ponto de partida deste estudo. Quando estamos inseridos numa realidade, e considero estar inserido quando fazemos parte dessa realidade, quando a observamos, participamos, interagimos com o meio, com as pessoas, sem esquecer a busca de informações nos vários documentos que vão auxiliar e orientar o processo de investigação, passamos a compreender essa mesma realidade, passamos a partilhar os vários significados (gestos, palavras, símbolos, atitudes) que até então eram desconhecidos e incompreendidos.

As Festas Nicolinas possibilitam a quem se dedica às questões da cultura, da cultura popular, da tradição, e não só, um campo de estudo privilegiado ao abranger uma multiplicidade de dimensões, de realidades e de possibilidades de análise.

Nas várias obras analisadas sobre as Nicolinas, são abordadas essencialmente as questões relativas ao passado, às origens das Festas Nicolinas. Com este trabalho de investigação pretendo focar, analisar, descrever o que são as Nicolinas no presente e, sobretudo, focar quem efetivamente anima (dá vida) esta tradição. Por isso, o processo de investigação incidiu na Comissão de Festas Nicolinas, onde acompanhei as várias atividades e iniciativas por ela dinamizada.

Não esquecendo o passado, a história das Nicolinas, o que é abordado e enfatizado neste trabalho é o seu presente, a realidade atual das Festas Nicolinas e o que representam para a população vimaranense.

1.2 Objetivos da Investigação

O objetivo principal da investigação é compreender as Festas Nicolinas e os seus significados, pretendendo-se, assim:

- Conhecer a tradição Nicolina: a sua história, origens, contextos, estrutura, transformações, etc..;
- Conhecer os principais intervenientes nas festas, quem organiza e realiza (Quem são? O que fazem? Como fazem?);
- Analisar a organização e a execução/ animação das festas (o que fazem e como fazem, descrever os números nicolinos e as várias atividades relativas ao tema);
- Compreender a relação entre os “velhos nicolinos” com as festas e com os “novos nicolinos”;

Capítulo 2 – O conceito de Cultura. Cultura popular, memória, tradição e festa

O presente capítulo aborda o conceito de cultura, alguns dos seus significados e algumas questões associadas, nomeadamente a hierarquia cultural, a democratização e a democracia cultural. São vários os autores que procuram definir o conceito de cultura e devido à pluralidade de significações, de olhares e de interpretações definir cultura não é uma tarefa fácil. Ela transformou-se com a evolução das sociedades. A Cultura passa a ser vista não apenas como “obras culturais” mas como um sistema de símbolos/signos, conhecimentos, valores, crenças, costumes, etc., deixando de ser considerada apenas no singular passando a ser considerada por vários autores como culturas, no plural, dando origem a várias distinções, nomeadamente entre cultura erudita, cultura de massas e cultura popular.

2.1 Conceito de cultura(s)

Definir cultura não é tarefa fácil. Vários autores problematizam o conceito de cultura reconhecendo-lhe a sua complexidade. Segundo Marilena Chaui (2008), o conceito de cultura deriva do verbo latino *colere* que significa cultivar/cuidar. Este conceito sugere diferentes sentidos e aceções. Relacionado com os Deuses obtemos a palavra culto, relacionado com o cuidado com a terra obtemos a palavra agricultura, e associado com o cuidado com as crianças temos a palavra puericultura. Nesta perspetiva o cultivar/cuidar era muito associado ao aperfeiçoamento de alguma coisa ou alguém: era brotar, frutificar, florescer, cobrir de benefícios.

A partir do século XVIII a cultura viria a ser sinónimo de civilização, ou seja, a cultura é o padrão que mede o grau de civilização de uma determinada sociedade, passa a ser encarada como um conjunto de práticas, como por exemplo, as artes, as ciências, as técnicas, a filosofia, os ofícios etc., que avaliam e hierarquizam o valor dos regimes políticos. O Estado, o mercado e a escrita eram os elementos de avaliação de uma dada sociedade. Para Thompson, citado em Souza (2010), a civilização é um processo do desenvolvimento humano que se opõe à «barbárie» e à «selvageria». Cuche, citado em Souza (2010), refere que a cultura tem a ver com os progressos individuais e a civilização tem a ver com os progressos coletivos. Associada ao conceito de civilização, a cultura confundia-se frequentemente com a ideia do desenvolvimento, da educação, e sobretudo, dos comportamentos da elite.

Uma das mais antigas definições de cultura é de Tylor, em 1871, que nos diz que cultura é “o modo complexo que inclui conhecimentos, convicções, arte, leis, moral, costumes e

qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem na qualidade de membro de uma sociedade” (Tylor, citado em Trilla, 2005: 20)

A partir do século XX a concepção de cultura é ampliada pelos antropólogos europeus que defendiam que “cada cultura exprime, de maneira historicamente determinada e materialmente determinada, a ordem humana simbólica com uma individualidade própria ou uma estrutura própria” (Chauí, 2008:57). A cultura “passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano.” (Idem: 57).

Malinowski, investigador e fundador da etnografia, diz-nos que a cultura consiste “no conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos”. (Malinowski, 1976: 37). A satisfação das necessidades básicas do homem faz impor à sua cultura um conjunto de condições mínimas, entre elas a organização a que Malinowski chama de “instituição”.

Cuche (1999) refere que o homem é um ser cultural pois até estas necessidades são informadas pela cultura. Assim sendo, a cultura é um todo indiviso, composto por instituições autónomas e associadas, e alcança a sua plenitude ao facto de satisfazer todas as necessidades quer básicas, quer instrumentais e integrativas (Malinowski, 1976).

Para Geertz (1989) o conceito de cultura defendido é essencialmente semiótico. Com fortes influências na ideia de Max Weber, ao afirmar que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, Geertz assume a cultura como uma ciência interpretativa em busca de significados (em que a cultura são as teias e a sua análise) e não como uma ciência experimental em busca de leis. A ênfase é dada à interpretação das ações desenvolvidas pelos indivíduos na sociedade. Como sistemas de signos com interpretações possíveis, “a cultura não é poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” (Geertz, 1989: 24)

De acordo com este autor, saliento a primazia atribuída à “interpretação das culturas” para de facto as conhecermos e as compreendermos. A interpretação deverá de estar presente em todas as ações humanas em busca do seu significado. Para isso é fundamental uma descrição densa de todos os fatos.

A cultura, como mecanismo de controlo, é uma necessidade e condição humana. Todo o ser humano tem de ter cultura senão seriam “monstruosidades incontroláveis”. Se o homem não fosse dirigido por “padrões culturais” este teria um comportamento sem sentido, ingovernável até. (Geertz, 1989). A cultura vai preenchendo o Homem com informação que precisa para viver, ou seja, a diferença está, pegando num exemplo de Geertz, naquilo que o nosso corpo nos diz e naquilo que devemos saber a fim de ele funcionar.

Assim, a cultura é vista como “um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um”. (Geertz, 1989:64)

A cultura não é apenas falar, uma capacidade inata, mas é, também, saber usar as palavras e as frases no sítio certo, ou seja, nas situações apropriadas. Um outro exemplo do que temos vindo a falar do que é cultural é precisamente a fala. O falar é inato mas saber falar outra língua, por exemplo, o inglês, já é cultural.

No estudo da cultura, Geertz apoia-se na seguinte definição: cultura “denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 1989:103).

Peter Burke (1991) diz que a cultura era antigamente usada para referir-se à arte e à literatura. Hoje em dia a cultura é tudo aquilo que pode ser aprendido numa determinada sociedade, pois inclui as normas e as adaptações que fazem parte da vida diária; é como um “sistema de significados, atitudes e valores compartilhados e de formas simbólicas (espetáculos e objetos) através dos quais se expressa ou se encarna”. (Burke, 1991:25).

A cultura não nasce com o ser humano; ela é adquirida na relação com o grupo, com a sociedade onde está inserido. Este processo de transmissão, receção e aprendizagem da cultura que se vai ajustando ao individuo chama-se endoculturação, ou seja, “o processo universal pelo

qual uma criança aprende, a partir do nascimento, a ajustar o seu comportamento à cultura da sua sociedade”. (Herskovits, citado em Lima, A. M., Martinez, B., & Lopes, J. 1991: 50).

Contudo, estes autores mencionam a diferença entre a endoculturação e a interiorização que, apesar de parecerem semelhantes, são diferentes, isto porque o sujeito tem a capacidade de escolher os elementos, o método e a ordem a interiorizar, podendo, então, se for a sua intenção, rejeitar qualquer traço de cultura. (Idem, 1991)

O homem “move-se no espaço, onde o ambiente natural exerce sobre ele uma interminável influência. Existe no tempo, o qual o provê de um passado histórico e um sentido do futuro. Leva adiante as suas atividades como membro de uma sociedade, identificando-se com os seus companheiros e cooperando com eles na manutenção do seu grupo e na garantia da sua continuidade” (Herskovits, citado em Lima, A. M., Martinez, B., & Lopes, J. 1991: 37). O homem modifica, acrescenta, diminui as suas aprendizagens ao longo do tempo, por isso diz-se que a cultura é movente, ela é tudo o que recebemos, transmitimos ou inventamos.

Para Herder e Thompson, citados por Souza (2010), a cultura é simbólica, pois são os símbolos/ os significados incorporados na forma de símbolos que incluem ações, manifestações verbais, objetos significativos que identificam e diferenciam um povo. Estas formas simbólicas podem ter significados diferentes ao serem interpretados por uma cultura diferente, daí a importância do reconhecimento destes significados para a compreensão de uma dada cultura, entendida como sistema simbólico.

Por sua vez, Saraiva (1993) define a cultura em dois sentidos. No sentido extenso, a cultura abrange todos os objetos e operações que a natureza não produz e que são acrescentados ao espírito, como exemplo, a fala. A religião, a arte, o desporto, o luxo, a ciência, e a tecnologia são produtos da cultura. No sentido restrito, a cultura é todo o conjunto de atividades lúdicas ou utilitárias, intelectuais e afetivas que caracterizam um povo.

Segundo A. S. Silva (1994), mais importante do que definir o conceito de cultura é perceber o modo como os processos sociais são constituídos em problemas de investigação empírica por uma dada investigação, tendo em conta que há imensas dimensões em cada facto social. Deve-se portanto, procurar “uma perspectiva de análise cultural que privilegiará, reconstituirá e interpretará os processos de construção social, dos bens, dos valores e das práticas culturais”. (Silva, A. S., 1994: 17). Os processos sociais devem ser percebidos como factos sociais totais, tendo em conta a pluralidade de dimensões em qualquer facto social

(económico, cultural, político) sendo necessário a diferenciação analítica para cada dimensão. (Silva, A. S., 1994).

O que nos importa aqui são as dimensões culturais dos processos sociais. Esta perspetiva é explicada por este autor da seguinte forma: “as dinâmicas através das quais, em diversos contextos socioculturais, diversos grupos e instituições vão estruturando e reestruturando o território da cultura, vão construindo representações acerca do que seja a cultura, vão criando e transformando campos e agentes especializados, identificados como culturais” (Silva, A. S., 1994: 16). Acrescenta, no entanto, que todas essas dinâmicas produzem factos culturais num segundo sentido. Por exemplo, o conhecimento corrente das pessoas tende a qualificar como cultura a faina tradicional do linho mas não o trabalho quotidiano atual numa linha de montagem. (Silva, A. S., 1994).

Como forma de abordar este tema tão complexo que é a cultura o autor propõe cinco dimensões de análise que sintetizamos a seguir.

A cultura e atribuição de sentido. Importa analisar a dimensão simbólica dos processos sociais construídos como culturais, ou seja, às condutas o Homem atribui sentido e significação numa relação entre atores, recursos, objetos e limites naturais.

Nesta linha de pensamento Crespi (1997) diz-nos que a cultura pode ser definida como “um conjunto das formas simbólicas publicamente disponíveis através dos quais os indivíduos, selecionando instrumentos diversos a fim de construírem a sua linha de ação, traduzem e exprimem significados...” (Crespi, 1997: 30)

A cultura como padrão de conduta. Apoiando-se nas ideias de Geertz, A. S. Silva foca a dimensão das práticas, ou seja, as culturas como padrões simbólicos estruturantes da ação. A conceptualização citada de Vitorino Magalhães Godinho em Silva, A. S., (1994) demonstra isso mesmo “uma integração de maneiras de sentir e pensar e de propensões a agir segundo valores, normas e regras, agulhadas por símbolos e signos, orientadas por padrões de mentalidade e ação que carrilam as condutas” (Godinho, citado em Silva, A. S., 1994: 22).

A cultura como prática duplamente expressiva. O autor diz-nos que “toda a ação é carrilada por padrões simbólicos, modelos socialmente produzidos de representação e conduta quotidiana” (Silva, A. S., 1994: 25). Neste sentido todas as práticas têm elementos simbólicos (considerada pelo autor uma conceção ampla de cultura), no entanto, há certos tipos de práticas (heterógenas e diversas) que se distinguem ao focarem registos próprios dessas construções simbólicas (aceção mais restrita). As lógicas expressivas realizam-se sempre que os atores

investem nas suas práticas fazendo valer as capacidades contidas na apropriação e manipulação de símbolos. (Silva, A. S., 1994).

As obras culturais. As obras culturais surgem através de certas práticas e atos, bens ou valores que se tornam supra-quotidianos adquirindo uma persistência e uma consolidação independentes da vida social comum (Silva, A. S., 1994).

Maria de Lurdes Lima dos Santos (1988), referindo o ponto de vista de Goldmann, “obra cultural corresponde a uma *visão do mundo* que estrutura e exprime com maior profundidade e coerência as aspirações dos demais membros do grupo social com que o criador se identifica”. (Santos, M. L. L., 1988: 690). Verifica-se nestas práticas uma lógica de repetição e intensidade com que elas são assumidas transformando-se em algo superior ao que o era originalmente. Trata-se por exemplo, de práticas rituais de festividade cíclicas.

Para Diane Crane citada em Crespi (1997) há uma distinção entre cultura registada e cultura não registada. Na registada estão inseridas todas as formas documentadas de cultura desde textos escritos, filmagens, meios de comunicação, produtos elaborados pelo homem... na cultura não registada estão as crenças, as atitudes e os valores partilhados que podem aparecer ou não na cultura registada.

Formação e desenvolvimento de campos culturais. Neste plano são considerados a génese e o funcionamento dos campos culturais no plural, que segundo o autor são “redes de instituições e agentes especializados que se configuram como espaços de relações dotados de certa autonomia face à globalidade do espaço social” (Silva, A. S., 1994: 33). Trata-se de explicar as práticas dos atores nos campos culturais. Esses campos diferenciam-se em campos de produção, consagração e conservação, num sentido mais amplo em campo de consumo cultural, e é nessa relação/dinamismo entre os vários campos que é reconhecido como cultura em cada sociedade.

Ainda neste plano, o autor fala-nos do reconhecimento social das culturas, ou seja, “aos modos de classificar os diferentes conjuntos de bens, instituições e práticas que vão sendo apercebidos como culturais, e aos modos de impor as classificações” (Silva, A. S., 1994: 35)

Numa obra mais recente, A. S. Silva define cultura, contendo várias ideias anteriormente citadas, como “um conjunto complexo e dinâmico de significações, padrões de cultura, práticas, obras e instituições” (Silva, A. S., 2000: 1). Para este autor, cultura e desenvolvimento andam interligados mas ao mesmo tempo são conceitos distintos. A cultura é um conceito que está associado ao ser e à identidade enquanto que o desenvolvimento tem sobretudo a ver com as

formas de agir, com a ação e, concomitantemente, com a transformação. Todavia, o fato de haver transformação não quer dizer que esta mudança se opõe à tradição. A tradição também muda tal como não existem sociedades estáticas e imutáveis. A mudança e a tradição estão em relação e não em oposição.

“A tradição – insistimos – não pode ser estanque, tem necessariamente que evoluir no tempo. Não se pode ficar preso à estrutura cega e invariável do “modelo”, do “mito” e do “rito” da tradição, que é no seu estágio bruto apanágio dos povos primitivos quando postulam os seus modos de atuação. A fidelidade à tradição não se irá perder por isso” (Silva, L.M., 1991: 117).

Esta mudança pode apresentar diferentes níveis, do tipo macro quando envolvem a sociedade ou do tipo micro quando, por exemplo, se refere a uma mudança numa organização. Quanto às mudanças, A. S. Silva (2000) destaca algumas dimensões sociais, tais como: a natureza dinâmica dos processos, a dimensão diacrónica, a ocorrência de transformações nas estruturas e práticas sociais e a ação intencional de atores (animados por projetos de alteração de alguns ou de todos os aspetos das estruturas e práticas sociais).

O autor considera, ainda, que uma forma de percebermos o que muda e porque muda é analisarmos a tradição sendo esta entendida como “o processo pelo qual as estruturas construídas pelas práticas sociais adquirem uma dinâmica global e objetiva que faz com que transcendam circunstâncias particulares de produção de práticas, ganhem uma espessura temporal acentuada e configurem as condições (no triplo sentido de marcações, condicionantes e recursos) que enquadram as práticas de ação e interação social” (Silva, A. S., 2000: 11).

A palavra tradição deriva do latim “traditio” do verbo *tradere* e significa o ato de transmitir e entregar. Esta transmissão é criada pela ação humana e inclui objetos materiais e imateriais. Para Coutinho, tradição designa um “legado cultural”, ou um “objeto, o produto da atividade humana, e a sua reprodução ou transmissão no tempo: o processo por meio do qual esse produto é socialmente elaborado” (Coutinho, 2005: 2).

A tradição está relacionada com o tempo; há uma continuidade com o passado onde as práticas se vão transmitindo ao longo do tempo. Muitas dessas transmissões são feitas através da oralidade ou da escrita, contudo a escrita é a forma que mais vantagem acarreta ao favorecer o registo e com isso transmitir o legado da tradição o mais real e completo possível.

As tradições apresentam algumas características. Elas constituem uma referência na identidade social e na identificação dos sujeitos, induzindo fortes sentimentos de pertença à comunidade. São “obras culturais” que “armazenam” e fixam experiências, vivências e saberes” (Idem, 2000: 14).

Relativamente às tradições, estas passam também por oscilações entre altos e baixos, avanços e recuos, aquisições, renovações e dissoluções o que leva ou ao progresso da tradição ou à estagnação e retrocesso da mesma.

“É assim que tradições nascem, tradições morrem, tradições se convertem e transformam; só as mais fortes permanecem. Assim aconteceu com as Festas Nicolinas” (Silva, L. M., 1991: 81).

2.2 Memória Social e Memória Cultural

Para Marcelo Bolsham Gomes (2005) a cultura é vista como dupla mediação social, ou seja, como uma mediação entre a sociedade e a natureza e como uma mediação das relações dos homens entre si. Da primeira relação (sociedade e natureza) este autor diz-nos que a cultura é memória social, ou seja, “um depósito de informações históricas para as futuras gerações e sociedades “ (Gomes, 2005: 2).

Segundo A. Custódio Gonçalves a memória social e a memória cultural têm a ver com “os acontecimentos rememorativos reconstruídos através de experiências representativas e de recordações socializadas” (Gonçalves, 1997: 127).

De acordo com Gonçalves (1997) a memória social compreende três tipos de memória: memória histórica, memória coletiva e memória individual.

A memória histórica não se reduz à fixação de datas e de factos importantes. Ela consiste sobretudo em “inscrever as experiências e as significações dum passado antigo ou dum passado recente ou contemporâneo em novas estruturações e em diferentes dinamismos das maneiras de pensar, de sentir e de agir” (Gonçalves, 1997: 127).

A memória coletiva está associada à memória dos grupos de que se compõe, daí considerar-se uma memória múltipla porque para cada grupo social existe uma memória coletiva.

Segundo A. S. Silva (1994) é dessa memória coletiva que constitui a (re)construção social do passado e transforma em tradição.

A principal característica deste tipo de memória consiste na perpetuação da identidade dos sentimentos e das imagens do grupo. A apreensão destas memórias faz-se sobretudo por via oral, tendo em conta que a evocação destas recordações é repetida, é “ o facto da memória das pessoas que coexistem no espaço e no tempo as transcender que define como campo de estudo da memória social. Esta partilha dos quadros sociais de memória conduz a questão, declaradamente, para o domínio da identidade”. (Cunha, citado em Cabecinhas, 2006:6)

A apreensão da memória social está ligada com a memória individual, ou seja, pela capacidade de evocação de uma “imagem-recordação” dum acontecimento do qual o sujeito fez parte ou foi espectador.

A memória individual é inseparável da memória coletiva pois esta é que lhe dá os instrumentos de construção do seu passado, como por exemplo, as expressões verbais, os gestos, as mímicas, os sentimentos e os rituais. Em relação aos rituais sociais estes são executados por atores sociais cujas ações são coordenadas, onde cada um desempenha um papel, não se confundindo com o papel do outro (Gonçalves, 1997).

Na memória social é tão importante compreender o que recordamos e o que esquecemos e importa salientar que esta memória não implica uma uniformidade nas recordações, ou seja, cada sujeito recorda factos diferentes de modo diferente bem como grupos sociais diferentes reconstroem memórias diferentes face a um mesmo acontecimento; ela reflete as pertenças e as identidades sociais (Cabecinhas, 2006).

Por sua vez, a memória cultural “forma-se e perpetua-se através da socialização de experiências significativas e representativas” (Gonçalves, 1997: 129).

É um processo social contínuo constituído por um movimento de apropriação e de tomada de consciência coletiva e por um movimento de inculturação, inovação e criação. É através destes movimentos que os atores sociais se reapropriam das normas, das regras de jogo, dos interesses em causa, avaliam os seus próprios recursos e definem as suas estratégias.

Quer na memória social quer na memória cultural há uma temporalidade associada. A memória só funciona com as experiências/marcas deixadas pelos acontecimentos passados e inscritas no espaço e no tempo, “é na memória que praticamente tudo acontece e se constrói um conjunto de representações, criações individuais sugeridas por situações vividas colectivamente pelo indivíduo no seu meio social. A preservação da memória é, assim condição indispensável para a existência e continuidade histórica de um povo” (Cunha, 2012: 32).

As funções sociais dos ritos promovem esta relação temporal, ou seja, relacionam o presente com o tempo e o relato das origens e por isso, as sociedades ritualizam “os retornos cíclicos” através das festas, dos rituais, do exercício do poder, da divisão do território, em períodos de anarquia surgidos com a renovação do ano ou com um interregno (Gonçalves, 1997).

2.3 Cultura erudita, cultura popular e cultura de massas

As culturas não são iguais e classificam-se de acordo com as suas características, tipo ou estilo. Estamos perante aquilo a que A. S. Silva (1994) chama de níveis de cultura. Na mesma linha de pensamento, Cuche (1999) diz-nos que as culturas nascem das relações sociais e como estas relações não são iguais existe desde o início uma hierarquia entre as culturas: hierarquia cultural. Nesta hierarquia há uma distinção entre cultura dominante e cultura dominada. Cuche defende que o facto de haver uma cultura dominante não quer dizer que lhe seja reconhecido superioridade em relação à cultura dominada, o que está em causa é a força dos grupos sociais que a sustentam que estão em relação de dominação ou de subordinação.

Assim a cultura dominante seria a grande cultura / grande tradição/ cultura cultivada/ erudita/elite e a cultura dominada seria a pequena cultura/pequena tradição/ cultura popular e mais tarde a cultura de massas tomaria lugar de pequena tradição (sobrevivência da verdadeira cultura popular) (Santos, M.L., 1988).

Mas ainda há designações diferentes. Na obra de Crespi encontramos a diferenciação entre a cultura dominante e contracultura ou subcultura, também reconhecida como cultura da pobreza ou cultura das minorias (Crespi, 1997).

Maria de Lurdes Santos (1988) critica a distinção preconceituosa de classificações em relação às diferentes práticas culturais e defende uma análise cultural onde não isole uma das outras as diversas práticas culturais nem simule caracterizá-las.

Como vimos anteriormente, a definição de cultura é bastante complexa porque não existe apenas uma cultura mas várias culturas que passam por diversas transformações. Toda a cultura é movente, passa por um processo de construção, reconstrução e desconstrução, daí falar-se em culturas no plural (Souza, 2010).

Santos, M. L. (1988) acentua a heterogeneidade da cultura: “a cultura na nossa sociedade é um sistema simbiótico- antagonista de múltiplas culturas, nenhuma delas

homogénea” (Morin, citado em Santos, M. L., 1988: 690). Existe, portanto, uma pluralidade de culturas na nossa sociedade e um entrosamento entre elas, sendo que nenhuma é homogénea.

Crespi foca também a heterogeneidade da cultura dizendo que a cultura é um “conjunto de representações, códigos, leis, rituais, modelos de comportamento, valores que constituem, em cada situação social específica, um conjunto de recursos, cuja função própria surge diferentemente definida consoante os momentos.” (Crespi, 1997: 30)

A cultura popular, na sua origem, tem pontos de vista diferentes. Numa perspectiva minimalista a cultura popular era uma cultura alienada, marginal desprovida de qualquer autonomia; era a expressão de alienação das classes populares onde a verdadeira e única cultura era a cultura erudita, ou seja, a cultura das elites sociais. Em contrapondo a esta perspectiva está a tese maximalista que defende que a cultura popular é uma cultura autêntica e autónoma em relação à cultura de elites, ou seja, defendem que a cultura popular deveria ser vista como igual ou mesmo superior à cultura de elite. Já a perspectiva ideológica populista acrescenta o facto de não aceitar a hierarquia cultural considerando até que a cultura popular é superior à cultura de elite uma vez que esta provém da criatividade popular sendo superior à criatividade da elite (Cuche, 1999).

Cuche (1999) considera que estas teses são extremas defendendo que a cultura popular não é nem dependente nem autónoma. Para Souza (2010) nenhuma cultura existe em estado puro, ela passa por influências.

A cultura popular reúne elementos originais e importados, é um conjunto de maneiras de viver com a dominação uma vez que é uma cultura dos grupos sociais subalternos, “é uma cultura “comum” das pessoas, isto é, uma cultura que se fabrica no quotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia” (Certeau, citado em Cuche, 1999: 150).

Segundo as palavras de Martín- Barbero citado em Souza (2010), para a elite a cultura era algo que se podia aprender, é distância e distinção, demarcação e disciplina, o contrário de um povo que, por sua vez, se definiria por suas necessidades imediatas (Souza, 2010).

A cultura de elite é aquela que é “enobrecida da arte, da literatura, do cinema, do teatro, da música «de qualidade» ... marcada pela dialéctica do desapossamento e do reconhecimento” (Silva, A. S., 1994:426). Enquanto que a cultura popular era transmitida informalmente em público (tabernas, mercados, praças e igreja), a cultura cultivada era transmitida formalmente em lugares específicos como nas universidades, escolas, bibliotecas... (Santos, M. L. L., 1988). Contudo, não deixaria de haver trocas culturais entre elas, (um “intercâmbio”), como por

exemplo a transmissão da cultura popular através das amas, artesãos, cantores (grupos socialmente favorecidos) junto da nobreza. Essa troca não era uma troca igual mas desigual, bilateral.

Para além destas questões, M. L. L. dos Santos (1988) refere que a cultura popular não é homogénea. Ela subdivide-se em várias culturas populares pois também há a distinção entre a cultura popular rural e a cultura popular urbana e tal como acontece nas duas “tradições” existem grupos ocupacionais itinerantes (intermediários) que promovem trocas culturais entre as diferentes culturas populares. Também A. Santos Silva (1994) refere a pluralidade da cultura popular, sendo que cada cultura popular representa a combinação de diferentes elementos. O mesmo se passa na grande tradição onde se verifica uma troca, por exemplo, entre a cultura de elite civil e cultura de elite eclesiástica. Estamos perante aquilo a que Castelnovo e Guinzburg, citados em Santos (1988), chamam de centro e periferia cultural.

Com as mutações sócio-históricas que se verificaram ao longo dos tempos e mais concretamente a partir do século XX com o aparecimento da figura do artista e constituição dos campos culturais autónomos, o desenvolvimento industrial, o aumento do tempo livre, o alargamento e diversificação de públicos, o desenvolvimento dos meios de comunicação, entre outras, a cultura assume um novo olhar, entra em cena a cultura de massas (Lopes, J. T., 2000). A crítica à cultura de massas passaria pela dissolução de classes, regiões, sexos, etnias, por um consumo comum de gostos e atitudes. (Idem, 2000).

Este consumo de gostos e atitudes comuns/ ocidentalizados corresponde, em certa medida, à chamada McDonalização da sociedade, conceito de Ritzer (1996). Ritzer analisa a sociedade comparando-a com uma das maiores e mais internacionais empresas de *fast-food*: a McDonald's. Ao comparar está a detetar problemáticas associadas a esta transformação da sociedade onde foca sobretudo a sua racionalização e uniformização.

Ritzer apresenta quatro características do sistema: eficácia, cálculo, previsibilidade e controlo e substituição do homem pela tecnologia. (Ritzer, 1996). O autor considera que o homem vivia com mais tranquilidade, liberdade e criatividade e acima de tudo trabalhava com pessoas e não com máquinas. Esta forma de vida estendeu-se por todo o mundo a um ritmo alarmante. O tradicional está em risco, a criatividade de cada um também está. As particularidades e as características culturais de uma dada cultura vão-se perdendo. Há uma racionalização na forma de estar na sociedade em praticamente todos os países do mundo. A

sociedade está em transformação onde a diversidade do tradicional acaba por desaparecer em detrimento da uniformidade contemporânea.

A “cultura de massas, ou para as massas, seria aquela que se apropriara das culturas eruditas e populares transformando-as em regime de produção em série, diminuindo o seu valor estético com o intuito de servir apenas para o consumo breve, fútil, imediato” (Souza, 2010: 7). Sobre a distinção entre cultura de massas e cultura para as massas, Cuche (1999) defende, no entanto, que não é por uma grande massa de pessoas que recebem a mesma mensagem que esta massa constitui um conjunto homogêneo, ou seja, há uma uniformização da mensagem mas não da sua receção.

Adorno e Horkheimer (Costa, Palheta, Mendes, Loureiro, 2003) foram dois teóricos que criaram o conceito de indústria cultural. Eles defendiam que o desenvolvimento da comunicação de massas teve um impacto sobre a ideologia da cultura das sociedades modernas. A indústria cultural é “um conjunto de meios de comunicação como, o cinema, a rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos” (Costa, Palheta, Mendes, Loureiro, 2003: 2)

Com a revolução industrial as sociedades passaram a ser vistas como sociedades industriais. Estas caracterizam-se por uma aplicação de vários conhecimentos tecnológicos e científicos às técnicas de produção, um grande investimento em máquinas e instalações e por uma produção em série. Daí que vários autores refiram que a cultura se transforma em cultura de mercadoria, onde o sujeito não tem voz, tudo é condicionado em favor da economia. Para Adorno, citado em Costa, Palheta, Mendes, Loureiro, (2003), a indústria cultural não é democrática, impede o homem de pensar de forma crítica, de imaginar.

Por sua vez, Maccdonald e Dominic citados em Souza (2010) diz-nos que a cultura de massas é uma cultura democrática, ela abre espaço para novas leituras, é uma cultura que termina com os preconceitos entre qualquer pessoa, mostrando a importância do diálogo entre as culturas.

São muitos os autores que referem a massificação ou mercantilização da cultura, bem como a indústria cultural que faz alusão à estandardização e racionalização das técnicas (Lopes, J. T., 2000; A. S. Silva, 1994; M. de L. L. Santos, 1988). Segundo estes autores, a produção cultural em série pretende distanciar criadores e consumidores eliminando as

resistências destes últimos num poder cada vez mais centralizado, há no fundo um uniformizar de consciências.

Também Marilene Chaui (2008) critica a indústria cultural dizendo que ela opera da seguinte forma: por um lado, separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado, ou seja, as obras raras e caras destinam-se às elites e as obras comuns e baratas às massas, acrescentando a divisão de elite “cultura” e massa “incultura”; por outro lado, cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais. Esta autora diz que basta estarmos atentos aos horários dos programas de rádio e televisão para concluirmos que as empresas de divulgação cultural já pré-selecionaram o que cada grupo/classe pode ver, ouvir ou ler.

O objetivo da indústria cultural é o consumo, ela vende cultura. Por conseguinte, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, mas sim ir de encontro ao seu agrado, utiliza então a estratégia de devolver-lhe com nova aparência o que ele já sabe, já viu ou já fez (espetador, ouvinte, e leitor “médio”). Uma outra crítica da autora em relação à indústria cultural tem a ver com o facto de esta considerar a cultura como lazer ou entretenimento. A este propósito, refere a transformação do trabalho cultural, das obras de pensamento e das obras de arte, dos atos cívicos e religiosos em entretenimento. Estabelecendo uma clara distinção entre o entretenimento e a cultura, diz-nos que o entretenimento é a maneira como as sociedades inventam os seus momentos de distração, diversão, lazer e repouso e que por isso mesmo se distingue de cultura na medida em que esta é entendida como trabalho criador e expressivo das obras de pensamento e das artes (Chaui, 2008).

Nesta dialética entre culturas dominantes e culturas dominadas, A. S. Silva (1994) considera que assinalar a complexidade das tipologias é um fator de enriquecimento e não de empobrecimento.

“Evidenciar as travessias, os pontos de encontro e intersecção, as linhas de penetração recíproca entre diferentes universos deve levar-nos à melhor percepção do que os diferencia, porque o que os diferencia não são elementos ou entidades dadas de uma vez por todas, mas sim combinações de elementos, circunstancializadas, dinâmicas e alteráveis.” (Silva, A. S., 1994: 130)

Na mesma linha, Souza (2010) refere que o diálogo entre as culturas é favorável e não significa com isso termos que quebrar as nossas raízes, como também não significa romper com a nossa cultura. Citando Canclini, diz que a este cruzamento cultural, chama de fronteiroço, onde as culturas se modificam no contacto entre elas (Souza 2010).

João Teixeira Lopes (2000) defende uma alteração da conceptualização dos diferentes níveis de cultura, ou seja, em vez de falar-se em modelo hierarquizado prefere a coexistência plural das manifestações culturais, salientando a diversificação das escolhas e gostos culturais. Mencionando Diana Crane, que elaborou um modelo tripolar de conceptualização das atividades culturais (*core domain*, *peripheral domain* e *o urban core*), este autor pretende demonstrar um modelo que contraria o modelo hierarquizado dos níveis de cultura. Em relação ao primeiro (*core domain*), insere as indústrias culturais de nível nacional e internacional para uma audiência vasta e heterogénea, como por exemplo, a televisão, cinema e jornais. O segundo (*peripheral domain*) refere-se aos produtos para subgrupos com diferentes idades e estilos de vida (estações de rádio, editores de livros e revistas, outros jornais, etc.) e o terceiro (*urban core*) tem como foco principal as audiências locais em contexto urbano (rádios locais, concertos, festivais, exposições, teatro...) tendo em conta os diferentes meios sociais.

Jaume Trilla Bernet (2005) apresenta várias características de cada tipo de cultura. Em relação à cultura oficial ou dominante o autor diz-nos que é uma cultura que tem capacidade para elaborações de grande alcance, é normativa, recebe e estrutura contribuições individuais, como por exemplo, os artistas e especialistas; estabelece os padrões estéticos, legais, religiosos e económicos que dirigem a atividade dos outros sectores; tem poder de decisão e goza de prestígio.

A cultura de massas baseia-se na produção e consumo estandardizados; cumpre normas fixadas internacionalmente, apoia-se em relações impessoais; é um produto gerado pela «cultura oficial» em determinada etapa do seu desenvolvimento; destina-se aos sectores da população que não têm acesso aos níveis mais elevados da cultura dominante; carece dos níveis mínimos de organização interna que permitiriam de catalogá-la como cultura; é uma pseudocultura (pela falta de autonomia e de organização), independentemente dos seus conteúdos.

Por sua vez, a cultura popular baseia-se em relações frente a frente; responde a especificações locais (ou, pelo menos, de menor extensão do que as da cultura dominante); é uma cultura desvalorizada, própria daquelas que não detêm o poder, das classes subalternas; carece de poder de decisão para estabelecer normas fora do seu âmbito limitado; tem um certo nível de organização própria (por isso, pode considerar-se cultura), mas o seu funcionamento está constantemente sujeito a ser redefinido/ manipulado pelos interesses da cultura dominante.

2.4 Democratização e Democracia Cultural

Como já foi referido, com a evolução das sociedades, nomeadamente a industrialização, o surgimento da classe trabalhadora, o aumento do tempo livre, entre outras transformações sociais, fez com que a cultura se transformasse em indústria e com ela o surgimento de um novo conceito: o de democratização cultural.

Em 1959 nasce o Ministério dos Assuntos Culturais, com André Maulraux à frente. O seu projeto político tinha como principal objetivo “tornar acessíveis as obras da humanidade ao maior número possível” (de pessoas) (Jean Caune, citado em Lopes, J. T., 2009:2).

Este projeto político assentava na democratização cultural. Para tal, utiliza como meio a difusão cultural, que aciona variadíssimos meios, desde os meios infraestruturais (multiplicam-se as Casas da Cultura), económicos e financeiros. Assim, a democratização cultural tem como objetivo elevar o nível cultural das massas, pelo que indivíduos e comunidades são tomados como meros recetores da cultura. Ela assenta, por isso, num conceito patrimonialista da cultura (Trilla, 2005), daí as estratégias de difusão e de extensão cultural, pretendendo fazer chegar a cultura de elite ao povo, considerando como a verdadeira cultura a que atua como elemento de distinção social das classes que dominam os seus códigos (Caballo, Candia, Caride, Meira, 1996).

As principais características desta política cultural baseiam-se nas seguintes conceções: uma conceção descendente da transmissão cultural, pois parte-se do património cultural e/ ou criação artística para as diversas casas de cultura; uma conceção paternalista da política cultural, que tem a ver com a ideia de elevar o nível cultural das massas, onde se promove sobretudo o consumismo puro e a passividade das pessoas; uma conceção hierarquizada da cultura (cultura erudita, cultura de massas e cultura popular); uma conceção arbitrária do que é ou não cultura; uma conceção essencialista das audiências; e uma conceção liquidatária do sujeito (Lopes, J. T., 2009).

O grande falhanço da democratização cultural deriva da falta de participação dos intervenientes, perante a passividade e o consumismo. Numa perspetiva patrimonialista, “ a cultura é um património que se deve conservar e difundir, mas cuja produção continua a estar nas mãos de sectores muito minoritários do conjunto social. Democratiza-se o consumo cultural, mas a definição e a criação da cultura permanece elitista” (Trilla, 2005: 23).

Como refere J. T. Lopes (2009) a grande dificuldade de acesso à cultura tem a ver com a natureza simbólica e não tanto material. Citando Heinich, este autor considera que as dificuldades de entrada da alta cultura derivam “não tanto de um défice de meios financeiros, nem mesmo, por vezes de conhecimentos, mas, antes de tudo, de falta de à vontade e de familiaridade, a consciência difusa de «não estar no seu lugar», que se manifesta nas posturas do corpo, na aparência indumentária, na maneira de falar ou de se deslocar” (Lopes, J. T., 2009: 5).

A partir do Maio de 68 verificam-se intensas mudanças na sociedade, nos modos de pensar, de estar, de agir, nos estilos de vida, onde a participação social ganha grande peso enquanto mudança de um estado de passividade, alienação consumista e de demissão cívica (Lopes, J. T., 2009). Na década de 1970 o Conselho Europeu defende que “a cultura não é apenas um bem de consumo, mas também um espaço para que os cidadãos possam formar a sua própria cultura” (Lopes, J. T., 2009:5). O consumo cultural dá lugar à participação cultural e o conceito de democratização dá lugar ao conceito de democracia cultural.

“A democracia cultural afirma a prática responsável da liberdade dos indivíduos e dos grupos, assegurando a coerência da sociedade por uma solidariedade desses mesmos indivíduos e grupos. Esta sociedade é, pois, uma associação de homens livres que lutam por objectivos comuns na diversidade das suas convicções” (Hicter, citado em Quintana, 1986: 25).

Esta perspetiva vai para além da ideia de levar cultura às massas; leva as pessoas a participar e a implicarem-se. Não é, portanto, mero objeto de consumo, pois vai às raízes, procura costumes, abarca os problemas quotidianos, discute ideias, partilha, leva à realização pessoal e coletiva de uma determinada coletividade. Deste modo, “não é um meio para difundir, mas uma forma de transformar as potencialidades das comunidades para a gerar” (Trilla, 2005: 23). A democracia cultural promove a participação individual e coletiva e da vida associativa na realização de atividades culturais, promovendo transformações estruturais na sociedade. Toma como base a diversidade cultural e as culturas até então consideradas inferiores. Nesta perspetiva a cultura deixa de ser única e exclusivamente um bem de consumo ou património da elite, para configurar-se como âmbito de desenvolvimento pessoal e coletivo (Caballo, Candia, Caride, Meira, 1996).

2.5 A Cultura Popular

A cultura popular é um sistema de conhecimentos que abrange usos, relações e criações proporcionando uma interação do indivíduo com o seu meio (Caballo, Candia, Caride, Meira, 1996). Este conjunto de conhecimentos vai-se adquirindo ao longo da tradição do povo que o identifica. Este processo denomina-se por endoculturação, ou seja, o processo de transmissão da cultura aos novos membros por meio da aquisição da linguagem, crenças, hábitos, costumes, etc. favorecendo a identidade cultural de indivíduos e comunidades como sistema de referência criando a consciência coletiva de pertencer a um grupo cultural (Caballo, Candia, Caride, Meira, 1996).

O ponto de partida para analisar a cultura popular é a Revolução Francesa, uma vez que foi a partir desta que ocorreram importantes transformações sociais (Silva, A. S., 1994). Este autor analisa três importantes processos que se seguiram a estas transformações. O primeiro processo é relativo ao aparecimento de vários grupos populares no cenário sociopolítico pós revolução, ou seja, várias massas populares chegaram e com elas vários elementos culturais. O segundo refere-se à teia de complexas relações entrelaçadas por meios intelectuais e o terceiro processo refere-se à forma como o Estado e instituições e grupos hegemónicos conseguiram impor uma localização e uma definição institucional e legitimada daquilo que entendiam como cultura popular, uma cultura reconhecida e reconhecível. Esta revolução é, então, considerada uma mudança histórica com profundas alterações, atingindo praticamente todas as dimensões e instituições da vida social, promovendo uma nova elaboração ideológica e uma criatividade cultural fortemente marcada por uma coloração expressiva e festiva. (Silva, A. S., 1994).

O processo de entrada das massas também trouxe várias mudanças societais, incluindo reivindicações, revoltas, disrupções públicas, etc., levando vários autores a considerar este processo um processo bicéfalo. Surge a estigmatização das massas operárias como «classes perigosas» a par da crescente idealização do campesinato e do mundo rural, como a genuína fonte da cultura popular e da identidade nacional. (Silva, A. S., 1994).

Se numa sociedade existe uma diferenciação, hierarquização social, o mesmo se passa com a cultura. A cultura popular é, deste modo, uma cultura de grupos subalternos numa relação de dominação (Cuche, 1999). A este respeito, Silva, A. S. (1994) refere que estas culturas serão dominadas, controladas e domesticadas quer pelo Estado quer pelos grupos

dominantes e que esta dominação social vai jogando umas contra as outras culturas subalternas, depuradas a ritmos e intensidades desiguais.

A cultura popular será crescentemente definida como problema de democracia e de democratização. A ideologia que mais se aproxima dos ideais da cultura popular é a democracia cultural, enfatizando a igualdade social e a participação cívica, contudo, Silva, A. S. (1994) ressalva a ideia de que o problema principal ao equacionar a democracia é o de proporcionar às maiorias que são as massas populares, os meios para realizarem os seus direitos e acederem à cidadania. Duas questões são levantadas por este autor: como as artes de ser e fazer chegaram até nós e como podemos nós redefinir como cultura popular? Por outro lado, como se podem perceber como cultura, «usos e costumes» algumas práticas e representações populares mais visíveis no espaço público?

A «etnologização das artes» de Michel de Certeau (citado por Silva, A. S. 1994) é usada para descrever o percurso que seguiu a relação erudita com o saber-fazer tradicional, ao longo do desenvolvimento do capitalismo industrial europeu. Este percurso é marcado por dois tempos: “num primeiro momento, as pontes de ligação entre «artes mecânicas» e saber técnico especializado, ainda explicitadas no século XVIII, vão sendo cortadas, pela desvalorização que o progresso da maquinofatura e da tecnologia imprime ao modo de fabrico artesanal. No segundo, ocorre, então, um movimento de estetização dessas artes populares de ser e fazer - as quais, retiradas do quotidiano de trabalho e consumo das massas crescentes de assalariados, são representadas já como tradições, peugadas da história, merecedoras, enquanto tais, de conservação museológica, interesse erudito ou fruição estética”. (Silva, A. S., 1994: 103). Este percurso é visto para o autor como um vetor central para explicar as motivações que levam à origem dos variadíssimos estudos sobre os usos, costumes e saberes populares (Idem, 1994).

“O povo celebrado e analisado, cujo património se divulga e conserva, é o povo da pré-modernidade. É com ele que se identifica o espírito nacional, os seus usos, costumes, romances, cantares, sagesas é que são redefinidos como cultura, saber do povo, folklore.” (Silva, A. S., 1994: 104)

Na cultura popular há um conceito muito ligado a este tipo de cultura que é o folclore. Os folcloristas põem a ênfase nas questões relacionadas com o povo, com as tradições orais e os rituais. O interesse relacionado com o «Folk» (povo) terá surgido nos finais do século XVIII por vários intelectuais europeus. (Burke, 1991)

Silva, A. S. (1994) diz-nos que há uma série de condicionantes/realidades sócio-políticas sobre o povo (a sua especificidade e localização) que analisadas irão repercutir na formação e reprodução das representações, eruditas e doutrinárias, sobre a cultura popular. Em causa está o conhecimento e o reconhecimento das qualidades associadas ao povo. É analisada a distinção entre *plebs* e *populus* verificando-se que a grande dificuldade reside em saber quem (e em que condições) pertence a uma ou outra categoria. Dependendo da sua especificidade, poderemos encontrar situações de promoção de plebe a povo como o contrário, a degradação de povo a plebe. Exemplificando, A. S. Silva (1994) menciona Michelet que, no primeiro caso, dá como exemplo a promoção revolucionária da plebe a povo com o acesso à pequena propriedade garantido aos camponeses e, no segundo caso, a degradação de povo a plebe pela crescente eliminação da produção independente do ofício e da qualificação artesanal. Por tudo isto, o autor conclui que a demarcação entre povo e plebe é móvel.

É inevitável, quando se fala de cultura popular, não abordar as questões de dominação social e cultural e as hierarquias sociais dos níveis culturais. Importa reconhecer que as práticas e identidades da cultura popular não se organizam, formalizam nem reproduzem da mesma maneira como a cultura superior e que a forma como a “produção simbólica” seleciona, apropria e transforma elementos de origem popular tem a ver com o processo de culturização ou estetização.

A cultura popular tem características próprias tendo em conta a sua especificação e localização no espaço e no tempo.

“Falando em cultura popular, falaremos, pois, desses universos de sentido, padrões de conduta, práticas e obras propriamente culturais, intrinsecamente associados à condição e à acção da multiplicidade de actores, individuais e grupais, presentes num certo espaço-tempo social” (Silva, A. S., 1994: 119).

Segundo Burke (1991), alguns autores substituem o conceito de cultura popular por cultura das classes populares por este apresentar falta de impressão de homogeneidade. Em primeiro lugar importa definir o que são classes. Quando falámos de classes falamos de “classes de condições e condicionamentos, como objetos quadros e resultados de classificações” (Silva, A. S., 1994: 131). Citando Thompson, este autor considera que as classes são formações socioculturais, dizendo que são “conjuntos muito frouxamente definidos de pessoas que partilham os mesmos acervos de interesses, experiências sociais, tradições e sistema de valores, que têm uma disposição para se comportarem como uma classe, para se definirem a si próprios

em termos de classe, pelas suas acções e na sua consciência, e em relação a outros grupos e pessoas” (Thompson, citado em Silva, A. S., 1994: 132).

Na procura de características que identificam as classes populares, A. S. Silva (1994) começa por referir o que no uso corrente é entendido por classes populares. De facto, quando se fala no povo referimo-nos a um grupo distinto das elites ou classes médias, um grupo que não faz parte destes grupos mais “distintos” da sociedade. Por outro lado, entendido como populares são grupos prejudicados pela distribuição dos recursos e poderes numa sociedade. Esta diferenciação de classes está diretamente ligada com a questão económica, nomeadamente devido a três fatores: a propriedade dos meios de produção, a detenção de qualificações técnicas e educativas e a posse de força de trabalho e as diferenças quanto às «possibilidades de mercado». Então, numa primeira abordagem sobre as classes populares e o que as identificam, o autor supracitado conclui dizendo: “tomaremos por classes populares as mais penalizadas (....) pela estrutura da distribuição, prevalecente em cada espaço-tempo social, de todas estas forças, recursos e poderes, forças associadas entre si segundo modalidades variáveis, susceptíveis de investigação empírica” (Silva, A. S., 1994: 134).

Por outro lado, e ainda com base em A. S. Silva (1994), voltamos à velha questão das hierarquias e da dominação, ou seja, relacionar as classes não só em termos de condições mas de ocupantes de posições. Neste caso as classes populares são também as mais penalizadas em termos de hierarquização, da ocupação de posições e pela reprodução da ordem hierárquica.

É focado também as identidades coletivas, o «nós», o grupo que partilha experiências de vida, interesses, valores, numa igualdade relativa de condições e disposições, ligados por um forte sentimento de pertença.

Esta pertença popular define-se pela referência a instituições (que diferem de contexto para contexto como por exemplo os sindicatos, os partidos, os grupos religiosos, as associações cívicas e culturais, e também, as associações desportivas), práticas e símbolos passados, a imagens de si, muito sedimentas nas culturas tradicionais, que os mais velhos reproduzem mas que os mais novos dificilmente conseguem evitar. Neste prisma, as classes populares são “aqueles grupos cujos membros assumem traços identitários que vivenciam, ao menos virtualmente, comuns a si mesmos, e distintos, de outros grupos, e que interpretam como característicos de uma condição que, implícita ou explicitamente, propõem ou aceitam como popular” (Silva, A. S., 1994: 136).

... “uma das características mais vincadas da cultura popular é precisamente não se manter estanque, mas gerar múltiplas linhas de interação”... (Silva, L. M., 1991: 158).

Definir cultura popular e quem e o que pertence à cultura popular não é fácil, até porque há grupos de pessoas que pertencem à cultura elitista mas que são participantes da cultura popular. Por outro lado, há outros que pertencem claramente à cultura popular mas têm acesso à cultura de elite. Daqui surge um conceito associado: bicultural (Burke, 1991). Bicultural é um conceito semelhante ao bilinguismo, pois descreve a situação de pessoas que pertencem à elite mas que aprenderam práticas da cultura popular, desde canções, contos populares que tinham acesso nas universidades e nas escolas. Dito de outra forma são “participantes da cultura popular mas mantêm a sua própria cultura” (Burke, 1991:25).

Este autor diz-nos ainda que dentro de algumas sociedades havia duas tradições. A grande tradição e a pequena tradição. A grande tradição inclui pessoas que sabiam e podiam ler e escrever e cultivava-se nas escolas ou nas igrejas e a pequena tradição inclui tudo o resto, ou seja, os iletrados e desenrolava-se sobretudo nas comunidades aldeãs. Estas duas tradições interagiam entre si e como tal influenciavam-se mutuamente (Burke, 1991).

Numa perspetiva semelhante, A. S. Silva (1994) distingue dois tipos de cultura na cultura popular. A grande cultura e a pequena cultura. A pequena cultura é a cultura local e endógena habituada às iniciativas locais (pequena animação local) e a grande cultura é uma cultura nacional e mercantil, ou seja, íntegra características do empreendimento mercantil cujo modelo de referência é o consumo privado ou a assistências a espetáculos.

Existem vários “traços estruturais” relativos às atividades que se enquadram no campo da “pequena cultura popular” (Silva, A. S., 1994):

O primeiro traço é que estas se organizam numa base regional, entre localidades vizinhas e as deslocações são de curto a médio raio.

O segundo traço é relativo à estrutura organizativa. Vista da perspetiva de uma Comissão de Festas Silva (1994) diz-nos que esta compreende: “a constituição de um núcleo duro de animadores voluntários, que a ela agrega auxiliares mais ou menos regulares, responsáveis pelo planeamento de todas as tarefas; a angariação de fundos, sob as duas formas principais dos peditórios porta a porta e da obtenção de patrocínios comerciais; a seleção dos conjuntos, bandas, fogueteiros, a contratar, com base, geralmente, nos conhecimentos já adquiridos e na propaganda recebida, e de modo a combinar, com custos orçamentais suportáveis, alguma

garantia decorrente de actuações anteriores com a necessidade de introduzir variações nos programas; a realização dos contratos; se a festa inclui espectáculo folclórico, o acionamento dos circuitos de «permuta», quer dizer, a confirmação junta dos grupos de amigos da participação graciosa; a aquisição dos serviços religiosos, dos oficiantes e, se for o caso, do sermonista, a emissão dos bilhetes, a obtenção das licenças policiais; e, bem entendido, um grande trabalho de coordenação e execução nos dias anteriores e no decurso da própria festa.” (Silva, A. S., 1994: 383)

O terceiro traço do campo da pequena cultura popular revela-se na ideologia deste tipo de cultura. Esta enfatiza a ruralidade e a tradição, a celebração dos emigrantes, a manipulação dos símbolos nacionais, regionalistas e bairristas.

O quarto traço tem a ver com o modelo de receção favorecido pelas atividades da pequena cultura popular. Aqui debate-se o tema da folclorização entendido como a “separação das funções de participação e de assistência; des/recontextualização de elementos, face aos respetivos quadros de sentido originais; extensão da relação mercantil «a objetos e práticas tradicionalmente destinados a uma fruição coletiva e gratuita»” (Silva, A. S., 1994: 385) Tal como as várias festas tradicionais, as atividades da pequena cultura popular procuram uma “participação expressiva da multidão”. O padrão de receção é a fruição pública, coletiva e local.

Por sua vez, a “grande cultura popular” tem a ver com a oferta industrial dirigida a meios populares. A. S. Silva (1994) equaciona a relação entre os atores locais e a indústria de lazer dizendo que cada vez mais o efeito direto e indireto da reconstrução industrial da grande cultura popular aparece nas várias iniciativas locais e cada vez mais a organização local e regional vai integrando vetores caraterísticos do empreendimento mercantil. Em relação à indústria de lazer, o autor salienta a televisão como um dos principais veículos da cultura de massas e que tal como a escola esta contraria a cultura popular opondo-lhe um padrão “alienígena” de valores e condutas e quotidianos urbanos (Silva, A. S., 1994).

Burke (1991) defende que existem várias culturas populares, muita variedade, de tal forma que não é muito fácil definir quando começa uma e quando termina outra. Por exemplo, existem variedades da cultura popular no campo e na cidade.

Focando a cultura popular nas cidades, Burke (1991) diz que as festas ocupam um lugar importante. Aliás, a festa é um traço distintivo da(s) cultura(s) popular(es), em geral. Como afirma A. S. Silva: “As culturas populares são culturas festivas” (Silva, A., S., 1994: 458)

Segundo Bakhtin (1987) as múltiplas manifestações da cultura popular podem subdividir-se em três grandes categorias. A primeira categoria refere-se às formas dos ritos e dos espetáculos, incluindo, sobretudo, os festejos carnavalescos, as obras cômicas representadas nas praças públicas. A segunda categoria refere-se às obras cômicas verbais de variada natureza, desde orais e escritas, em latim ou em língua vulgar. A terceira categoria está relacionada com as diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro.

Numa análise aos ritos, espetáculos e festas, este autor considera que a festa e sobretudo os festejos de carnaval e o riso ocupavam um lugar importante na vida do Homem na idade média. Por outro lado, refere os banquetes como uma peça fundamental do universo popular.

A alimentação é indissociável das festas, pois festa que é festa tem comida e bebida; para além de um ato necessário à sobrevivência do homem, o comer é um ato social. Nas festas troca-se a comida do dia-a-dia por uma comida especial, uma comida para ser compartilhada coletivamente, é uma comida grupal e não individual ou familiar (Moura, 2008).

Para A. S. Silva (1994), a festa é a “inclinação cultural” para a interação, para a comunicação prática entre várias pessoas próximas e nela investir fortes componentes lúdico-expressivas. Podem ir de encontros de família, vizinhos, amigos, ligados ao trabalho, a ritos de passagem ou a solenidades públicas ou até despoletados espontaneamente. Nesta interação, partilha e pertença, as festas promovem o reforço dos laços sociais de um grupo:

“A participação comum, numa concepção de cultura que impõe significados particulares ao fluxo da experiência, envolve uma comensalidade, uma gestualidade, um discurso, uma coreografia, o espírito da roupa, uma sensualidade, uma sexualidade, uma religiosidade, uma política e, até mesmo, uma economia simbólica que entrecruza trocas” (Moura, 2008: 33)

A festa opõe-se à rotina da vida; é uma manifestação de vida diferente, de uma vida “presenteada”. (Lucena, 2008). Burke diz-nos que falar sobre as festas é ter em conta o ritual. Sendo também um conceito difícil de definir, refere-se sobretudo “ao uso da ação utilizada para expressar significados, frente a outro tipo de ações com sentido mais utilitário ou à expressão de diversos significados através de imagens e palavras.” (Burke, 1991: 260).

As festas são também “celebrações” de identidades locais, uma vez que nos seus temas e nos seus modos estão espelhadas características que identificam cada concelho. (Silva, L.M., 2000). O comemorar, o festejar, o fazer a festa constitui uma difusão da tradição e de

transmissão de saberes. Ela tem sempre a função de “operar ligações, um espaço privilegiado de reunião de diferentes, de assembleia coletiva, de sociabilidades.” (Lucena, 2008: 99).

As festas acontecem por variadíssima ordem. No entanto, as festas populares propriamente ditas surgem na maioria das vezes num culto religioso, numa igreja, numa capela, num seminário, ou seja, em manifestações divinas. Contudo, estas festas apresentam várias manifestações profanas, pois “quase todas as festas religiosas possuíam um aspeto cómico popular e público, consagrado também pela tradição” (Bakhtin, 1987: 4). Como forma de atrair e cativar, procurava-se abrilhantar as festas com um carácter mais apetecível com atividades populares. L. M. Silva (1991) refere que as festas populares surgem da vontade do povo e desenvolvem-se por sua iniciativa. Elas não se instituem mas constituem-se com avanços e recuos e são “o resultado da confluência de uma multiplicidade de fatores que lhes deu origem” (Silva, L. M., 1991: 77).

Com isso muitas festas religiosas perderam certa visibilidade em detrimento da festa profana. Em relação ao culto a São Nicolau aconteceu um pouco assim. Tendo sido um Santo muito venerado na Idade Média, com o passar do tempo foi perdendo um pouco da sua popularidade.

Capítulo 3 – Contextualização histórica das Nicolinas

As Festas Nicolinas, antigamente designadas por “Festejos a S. Nicolau”, tiveram, como tantas outras tradições espalhadas pelo nosso país, um carácter religioso na sua origem. Surgiram em honra a São Nicolau, considerado o Padroeiro dos Estudantes.

Este culto, segundo Silva L. M. (2000), adquiriu em Guimarães uma “fixação especial”. Contribuíram para tal vários fatores, sendo o principal a influência de vários peregrinos do país e do estrangeiro, sobretudo os romeiros de Santiago de Compostela, à Nossa Senhora da Oliveira, cuja devoção e visita originou, segundo o mesmo, um provérbio antigo “quem for a Santiago/ e não visitar a Senhora da Oliveira/ não faz romaria verdadeira” (Silva, L. M., 2000: 13).

Este culto foi apropriado pelos estudantes que construíram uma capela em honra a São Nicolau nos anos 1661 – 1663 onde instituíram a sua Irmandade com estatutos datados de 1691 (Silva, L. M. 1994).

Já nos estatutos da Irmandade de São Nicolau capítulo XIV, do século XVII (Carvalho, 1956), aparecem referências às chamadas Danças Nicolinas que dão origem a este lado profano. Com o tempo, o lado profano, as manifestações de alegria e de festa vão ocupar primazia na tradição onde os estudantes são os protagonistas.

Antigamente, estudar era um privilégio de poucos, pois a maioria deixava de estudar muito cedo para se dedicar ao trabalho. Os únicos que podiam participar nas festas eram os jovens masculinos que estudavam. Os estudantes orgulhavam-se dessa condição tendo despoletado várias disputas com os chamados futricas (os não estudantes).

Inicialmente, nas festas, destacaram-se os coreiros, os estudantes da Colegiada de Nossa Senhora da Conceição e depois os estudantes das escolas de Guimarães. O Liceu de Guimarães, desde o século XIX, é o grande impulsionador das Festas Nicolinas.

Nos primórdios desta tradição, a sua celebração era meramente religiosa mas, com o tempo, ganhou, como tantas outras, um lado profano que aos poucos e poucos adquiriu maior relevo nas Festas Nicolinas.

A realização das festas cingia-se a um dia só, 6 de dezembro, dia de São Nicolau. No entanto, com vários fatores associados, como iremos ver ao longo deste trabalho, o período dos festejos foi-se alargando. Atualmente, as Festas Nicolinas têm uma duração de 8 dias, iniciando-se a 29 de novembro e terminando a 8 de dezembro.

3.1 O culto a São Nicolau

O São Nicolau terá nascido em Pátara, na Lícia, em 270 d.C.. Foi monge e abade tornando-se posteriormente Bispo de Mira.

Há várias referências ao lado solidário deste Santo. Segundo Silva L. M. (1994), São Nicolau, filho de uma família rica e ilustre, terá ficado órfão ainda muito novo. O bem material herdado tê-los-á aplicado em obras de caridade e na ajuda aos mais necessitados.

São-lhe reconhecidos vários milagres, desde multiplicar o pão e a sua distribuição aos pobres, desde o livrar os navegantes das tempestades, entre outros. O milagre de ter ressuscitado três estudantes que haviam sido esquartejados por um estalajadeiro foi o que mais influenciou e motivou a devoção e o respeito pelos estudantes (Miguel F. C., 1998).

Passados anos da sua morte, a cidade de Mira encontrava-se em poder dos turcos e como as suas relíquias estavam em perigo, uns mercadores de Bari retiraram-nas e construíram uma igreja na terra do Santo onde as relíquias deste foram lá guardadas (Silva, L. M. 1994).

O culto a este Santo está espalhado por toda a Europa e está, também, identificado na conhecida figura de Pai Natal (Santa Claus) representando o lado amigo e protetor das crianças. (Carvalho, A. L., 1956).

Em Portugal o culto do Santo ganhou um forte destaque para as cidades mais a norte de Portugal, nomeadamente Porto e Braga. No Porto era festejado do seguinte modo: para além da celebração religiosa realizada na freguesia que o tinha por orago, era realizado um magusto com a Irmandade. O Abade da freguesia oferecia as castanhas, a lenha era obtida pelos jovens rapazes que iam de porta em porta pedinchar («Quem dá lenha ou algum pau, p´ra fogueira de São Nicolau?»).

Em Braga o culto do Santo era festejado no interior da igreja e também em espaços livres “por maneira ruidosa nas ruas” (Carvalho, A. L., 1956: 45).

São Nicolau Patrono dos Estudantes em Guimarães

Em Guimarães, o São Nicolau era celebrado na Igreja da Colegiada pelos populares e pelos seus estudantes, sendo o dia 6 de dezembro o dia da festa litúrgica de São Nicolau (protetor e amigo dos estudantes).

Como vimos, este dia era marcado por festejos em vários locais, festejos religiosos e também profanos. A dramatização era a atividade mais praticada pelos estudantes como forma de veneração ao Santo.

Em Guimarães as atividades teatrais estão muito presentes na veneração a São Nicolau constadas nos estatutos da sua Irmandade, que tinham como principal objetivo a angariação de fundos para o culto e para a edificação da capela em sua homenagem. Esta faceta teatral está bem presente no número que faz parte das Festas Nicolinas atual: as Danças de São Nicolau.

A interação entre o lado profano e o lado religioso é uma realidade presente na devoção ao São Nicolau, ao ponto destes lados se terem tornados autónomos e ter prevalecido o lado profano. Contudo, esse destaque do lado profano da festa não foi bem visto por parte da Igreja o que levou a várias “infectivas” dirigidas aos estudantes, como por exemplo, ex-comunhões por parte do Arcebispo de Braga. (Silva, L. M. 1991)

Os estudantes, com o dinheiro ganho nas Danças e Comédias, construíram uma capela ao São Nicolau (entre 1661 e 1663) sediando também a sua Irmandade na Igreja da Senhora da Oliveira, onde atualmente existe, também, um altar em sua honra. Esta igreja foi bastante procurada por muitas pessoas devotas à Senhora da Oliveira, conhecida por vários milagres e por vários benefícios recebidos por parte de vários reis.

Contudo, à revelia dos estudantes, a capela de São Nicolau foi desmantelada no ano de 1970 tendo sido depois reedificada no mesmo local em 1998.

As Festas Nicolinas vão buscar influências e origens ao culto medieval ao São Nicolau e o seu carácter profano foi adquirindo maior destaque: “... a celebração profana do Santo foi ganhando raízes, passando a realizar-se na rua com arraial, danças, números populares, representações académicas, por vezes também muita arruaçada” (Silva, L. M. 1991: 79).

Como vimos, as festas populares passam por uma multiplicidade de fatores e influências. Entre o ano de 1537 – 1543 surge a Universidade da Costa, em Guimarães. Com ela vieram professores e alunos de fora e, concomitantemente, mais conhecimentos sobre outros costumes em uso. Estes costumes terão sido anexados às Nicolinas começando assim a ganhar uma maior consistência.

“As festas “foram aparecendo”, desenvolvendo, enraizando e instituindo em tradição, tomando feições de ritualidade” (Silva, L. M. 1991: 81).

As Festas Nicolinas foram progredindo em termos de tradição, mas nem sempre tiveram uma fase boa. Houve anos em que as Festas Nicolinas não se realizaram por vários motivos, desde a morte de alguma individualidade portuguesa importante, como por exemplo a morte da D. Maria II e do Senhor D. Pedro V em 1853 e 1861, ou simplesmente por não haver ninguém com a iniciativa de as realizar. No entanto, as Nicolinas encontraram sempre alguém que as mantivesse vivas até aos nossos dias.

A Irmandade de São Nicolau

Segundo Carvalho (1956) e Silva L. M. (1994) o culto a São Nicolau é uma realidade anterior à construção da Capela de São Nicolau e, concomitantemente, anterior à institucionalização da Irmandade e dos seus estatutos datados em 1691. Podemos constatar esta ideia nas seguintes palavras: “esta iniciativa de se instituir uma Irmandade e mandar levantar uma capela não se improvisa, seria impossível que não tivesse antecedentes” (Silva, L. M. 1994: 39). Desta forma, “o estatuto de 1691 não representa, pois, a data precursora do culto Nicolino em Guimarães” (Carvalho, 1956: 49).

Talvez esta seja a questão mais enigmática das Nicolinas: a sua longevidade (Silva, L. M. 1991). Há pouca documentação relativa às Festas Nicolinas, porque “as festas académicas destinavam-se a ser “vivas” e não a ser historiadas ou documentadas” (Silva, L. M. 1994: 19). No entanto, para este autor, a falta de registos é promotora de falta de conhecimento, pois um dia se alguém quiser conhecer melhor esta realidade encontrará apenas suposições, hipóteses, conjecturas e nada de concreto e fiável. Considera, ainda, que o período áureo da formação e enraizamento das festas foi o período compreendido entre o ano de 1895 e 1945, pois foi nesse período que se verificou uma fixação e estabilidade das Festas Nicolinas atingindo o “estado adulto” (Silva, L. M., 1994).

Este autor refere os seguintes períodos da existência das Nicolinas: o período pré-histórico, ou seja, o período que antecede a data dos primeiros estatutos da irmandade de São Nicolau, 1691; o período histórico que vai desde 1691 aos nossos dias sendo dividido por 3 subperíodos: o de formação, que vai de 1691 a 1895; o de maturação, que vai de 1895 a 1945; e o de consolidação, que vai desde o ano de 1945 até aos nossos dias (Silva, L. M., 1994).

O normal era instituir primeiro uma Irmandade para que posteriormente conseguissem construir a sua capela. Na segunda metade do século XVII um grupo de estudantes com o objetivo de “reorientar as manifestações de devoção ao Santo, que era afinal o Padroeiro de

Estudantes e académicos em geral, talvez desagradado com os excessos de sobreposição da dimensão profana relativamente à dimensão religiosa... fizeram nascer uma Irmandade que se chamaria a Irmandade de São Nicolau. Com o objetivo de angariarem meios para este fim realizaram várias danças e comédias o que vieram a promover ainda mais o lado profano da festa. (Silva, L. M., 1991: 39).

Como forma de discutir os variados assuntos, nomeadamente o destino da Irmandade, esta tinha uma “mesa” composta por um juiz, um secretário, um tesoureiro, um procurador e mordomos eclesiásticos e seculares. Podiam pertencer à Irmandade os sacerdotes, beneficiados, letrados e estudantes, contudo não podiam ser casados nem exercer ofício mecânico (mesteres oficinais, trabalho de mão). Só o “rapaz” solteiro podia fazer parte da Irmandade o que, para Carvalho (1956), significava já a natureza das diversões realizadas na devoção ao Santo.

Para além do culto a São Nicolau a Irmandade tinha como objetivo o sufrágio das almas dos Irmãos defuntos e ainda a assistência aos vivos: emprestava dinheiro a juros, dava esmolas, atribuía subsídios, etc. (Silva, L. M. 1994).

Nos estatutos de 1961, os primeiros estatutos da Irmandade, é referido a data de festejo a São Nicolau:

«Ordenamos que a festa de S. Nicolau se faça no seu dia, querendo-a transferir o possam fazer até ao mês de Maio, e não mais adiante. Assistirá na festa o Juiz mais os Oficiais, com suas medalhas penduradas ao pescoço por uma fita branca, e o que não assistir, estando na terra, o juiz o condenará em uma libra de cera fina» (Carvalho, 1956: 49).

Por outro lado, está presente nos estatutos a forma com a Irmandade poderia angariar mais dinheiro em prol dos seus objetivos, nomeadamente ao culto do Santo. Aqui referenciamos as comédias e as danças já mencionadas anteriormente.

«Querendo alguém que se lhe façam Comédias ou Danças, e falando nisso a algum Oficial da Mesa, esse o fará a saber aos mais, para que juntos determinem o por quanto se podem fazer; e ajustando-se no preço, terá cuidado, todos ou a maior parte da Mesa, rogar quem houver de entrar, e procurar o que for necessário para isso; e repartirão entre si o trabalho dos ensaios, ou aos dias, ou às semanas, conforme lhe parecer.» (Carvalho, 1956 : 53)

Segundo Carvalho (1956) em 1738 terminou a prática de explorar essas representações (danças, teatro...) por parte da Irmandade. Mas o culto permaneceu.

3.2 Dimensão religiosa e profana das festas

De um modo geral, as festas populares começam e adquirem inicialmente uma dimensão religiosa. Contudo, como diz Thiesse “as festas populares, muitas vezes religiosas, são preparadas para se tornarem espetáculo público” (Thiesse, 2000: 251). À medida que o tempo vai passando elas vão ganhando características próprias levando à aquisição de uma outra dimensão: a dimensão profana das festas.

Carvalho (1956) diz-nos que todas as festas académicas tinham uma representação de carácter litúrgico ou profano. As Festas Nicolinas não são exceção à regra, pois nasceram pela devoção de um Santo Padroeiro dos Estudantes, o São Nicolau, mas com o tempo e com várias alterações e adaptações foram ganhando também um lado profano, lado esse que, nos dias de hoje, ocupa maior relevo. Como refere L. M. Silva (1991), a “vertente religiosa das Nicolinas, que noutros tempos atingiu subido brilhantismo, encontra-se hoje reduzida a um mínimo envergonhado, limitada praticamente às Novenas da Conceição e à celebração da Missa de São Nicolau” (Silva, L. M., 1991: 179).

3.3 As Nicolinas e o liceu

O ensino em Guimarães deu os primeiros passos na Escola da Colegiada, no século XIII. Com o tempo, outras instituições de ensino foram aparecendo em Guimarães, nomeadamente a Universidade da Costa extinta há vários anos. Nestas instituições é que “germinaria a ideia dos escolares se meterem de gorra com «os meninos do coro» da Colegiada, os quais vinham de longe mantendo, por tradicional costumeira, e na qualidade de discípulos da escola capitular, uma diversão profana em dia de S. Nicolau” (Carvalho, 1956:37). Aqui constata-se que os «meninos do coro» e os estudantes se aliavam nos festejos ao Santo Patrono dos Estudantes.

Várias instituições de ensino foram surgindo até chegar ao Liceu de Guimarães, considerado o estabelecimento de ensino mais ligado à tradição Nicolina, o grande impulsionador das tradições académicas da cidade de Guimarães. Na origem do liceu está o

Seminário da Nossa Senhora da Oliveira. Foi criado no ano de 1891 (anexo à Colegiada) e era dirigido só a seminaristas.

Inicialmente o Seminário do Liceu tinha apenas finalidades eclesiásticas, que, com o tempo e “com uma forte reação”, (Silva, L. M., 1991) passou, também, a acolher alunos candidatos para carreiras civis, ou seja, carreiras de vida social e científica, passando, deste modo, a ser um ensino aberto a todos. Esta forte reação fez-se sentir também na defesa de um Liceu em Guimarães: “Guimarães tem já colégios, escolas e um Seminário para a instrução geral, mas estes não oferecem ainda as garantias que dispensem por completo um Liceu” (Comércio de Guimarães, citado em Silva, L. M., 1991: 47).

No ano de 1896, cinco anos após a criação do Seminário, é agregado ao mesmo o Liceu Nacional (Carvalho, 1956).

O teatro sempre foi um instrumento de cultura usado no ensino. Um dos temas propostos em teatro era o Milagre de São Nicolau e no dia litúrgico do Santo era frequente a exibição deste tipo de representação pelos escolares (Carvalho, 1956).

O Liceu de Guimarães teve várias alterações ao longo dos tempos, quer na sua localização, quer nos ciclos de ensino e no número de alunos. Hoje em dia o Liceu de Guimarães é a atual Escola Secundária Martins Sarmiento.

Apesar de esta escola, ainda hoje, ter uma “ligação” mais forte com as Nicolinas, as festas são de todos os estudantes de Guimarães.

Antigamente não era bem assim. Segundo L. M. Silva (1991) os estudantes da Escola Francisco de Holanda, antiga escola industrial, estavam proibidos de participar no cortejo do Pinheiro bem como nos vários números nicolinos. Facto que, para este autor tratou-se de uma “má leitura dos direitos de ser Nicolino”. Diz que não existe por parte de nenhuma escola/instituição de ensino o privilégio e a exclusividade de ser Nicolino e que não foi unicamente o Liceu a contribuir para aquilo que as Festas Nicolinas são hoje. Destaca também o Colégio das Hortas, o Instituto Escolar da Sociedade Martins Sarmiento, instituições que contribuíram também para a continuidade desta tradição ao longo dos anos.

3.4 Senhora Dona Aninhas (A madrinha dos estudantes)

“No tempo da Senhora Aninhas, Madrinha dos Estudantes, após uma passagem pelos campos e pelo mercado, fazendo das suas, iam os Estudantes guardar as caixas à lojinha da Senhora e dirigiam-se para as aulas” (Silva, L. M., 1991: 93).

A Senhora D. Aninhas tinha um pequeno comércio local na Rua de Santa Maria perto do antigo Liceu. Esta “lojinha” era frequentada por muitos estudantes, entre os quais, rapazes vindos de longe e sem família que encontravam na Sr. D. Aninhas um ombro amigo e uma figura maternal.

Vários pregões fazem referência à “Dona Aninhas” e ao afeto e carinho demonstrado pelos estudantes. Pregão de 1959:

*“O ‘Velho Nicolino, eu quero recordar,
O teu amor dótrora à Santa Sôr ‘Aninhas
Aquele que p ‘ra ti foi anjo tutelar,
Que o bem te desejou...por quem desvelo tinhas...”*

(Pregões de São Nicolau, 1997: 183)

No ano de 1945, numa ceia Nicolina, a Senhora Aninhas tendo estado presente na mesma, foi homenageada pelos nicolinos o que nos leva a perceber o quanto esta senhora significa para a comunidade nicolina.

Em 1971 foi inaugurada uma lápida na casa onde morou “Dona Aninhas” com os seguintes versos:

*“Aqui nos abriste o peito
Aqui te quisemos bem
Aqui foste de Estudantes
Conselheira e Santa Mãe”*

(Miguel F. C. 1998)

A Senhora D. Aninhas, por tudo o que ela fez, tem um lugar especial no coração dos nicolinos, um lugar de eleição e o direito de “figurar na primeira linha das personalidades Nicolinas” (Silva, 1992:12).

3.5 Os Números Nicolinos

Os números nicolinos são definidos por L.M. Silva (1991) como manifestações de jovialidade que passaram a fazer parte da tradição nicolina. Os números nicolinos sofreram ao longo do tempo algumas alterações. Baseando, sobretudo, em Silva, L. M. (1991) e Carvalho (1956) passo a descrever, sucintamente, os números nicolinos. Ora vejamos:

Números nicolinos:

- | | |
|------------|-------------------------|
| • Novenas | • Magusto |
| • Ceias | • Roubalheiras |
| Nicolinas | • Pregão |
| • Pinheiro | • Maçãzinhas |
| • Posses | • Danças de São Nicolau |

As Novenas

“ Os coreiros de sinetas barulhentas e os civis, outros jovens, zabundando as caixas e os bombos ritmados a preceito nove vezes que os nove dias dos festejos assim obrigavam” (Miguel, F. C. 1998: 18)

A festividade da Nossa Senhora da Conceição foi celebrada em Guimarães há muito tempo atrás, sendo a capelinha de Azurém o local de maior devoção. Na origem das novenas está o costume dos meninos do coro da colegiada celebrarem “um ato religioso” nesta capelinha. (Carvalho, 1956). Deste modo, os escolares antigos “legaram às gerações de académicos que lhes sucederam a prática devota de irem, manhãzinha cedo, assistir às novenas da Conceição” (Idem, 1956: 105).

Esta capelinha, que se chama Capelinha da Nossa Senhora da Conceição de Fora, é precisamente assim considerada por estar localizada fora da cidade, “fora de muros”.

A ligação dos Estudantes de Guimarães com as novenas da Nossa Senhora da Conceição vem desde o tempo em que existia um altar e uma capela da Senhora da Conceição, na Igreja da Nossa Senhora da Oliveira. Passou posteriormente a haver uma estreita ligação da Colegiada com a Capelinha de Azurém seguida de uma ligação com uma Irmandade sediada na mesma Capelinha. Às novenas assistiam os meninos de coro da colegiada e os estudantes. Esta afinidade entre os estudantes e os coreiros tem muito a ver com a frequência das mesmas aulas de gramática e latim. (Silva, L.M., 1991). Tal como acontece hoje, estes estudantes abrilhantavam as novenas com caixas e bombos, tendo este costume passado de geração em geração.

Contudo, este costume não foi iniciado pelos estudantes mas sim pela população em geral, “gentes do povo”, que tinha esse costume na devoção da Nossa Senhora da Conceição e não só (Idem, 1991).

A celebração das novenas que antecedia o dia da Nossa Senhora da Conceição, dia 8 de dezembro, fazia-se numa missa pelas 6 horas da manhã, sendo o primeiro dia de novenas o dia a seguir à noite do Pinheiro.

O horário da missa das novenas terá contribuído para uma menor vivacidade desta tradição. Hoje em dia, as novenas são celebradas pelos estudantes de Guimarães apenas num dia, tendo a hora da missa alterado. No ano de 2012 a missa foi celebrada às 8h30.

Como forma de enfrentar melhor o dia nestas manhãs de outono os estudantes tinham o costume de numa taberna próxima da capelinha comer o chamado “Caldo d’unto” que consistia num caldo feito com gordura, ovo e cebola (Silva, L. M., 1991).

As Ceias Nicolinas

As ceias Nicolinas visavam promover os momentos de camaradagem e de convívio, pois “o principal motivo do ajuntamento nicolino sempre foi (e ainda o é) o desejo de conviver” (Silva, L. M., 1991: 98).

Na sua origem está o jantar realizado anualmente com os confrades da Irmandade de São Nicolau onde estes se reuniam para conviver mas também para avaliar e programar as atividades futuras; por outro lado, houve várias “Posses” que se foram instituindo entre os estudantes e certas casas mais abastadas ou até mesmo em algumas tabernas (Silva, L. M., 1991).

Antigamente as ceias Nicolinas realizavam-se depois do cortejo e do enterro do pinheiro. Atualmente, em vez da ceia, faz-se o jantar do pinheiro e é realizado antes do cortejo do mesmo. O motivo principal desta alteração é, segundo L. M. Silva (1991), a hora tardia das ceias que desfavorecia a participação dos estudantes.

Na ceia nicolina era servida uma ementa tradicional nicolina que consistia em: papas de sarrabulho, rojões de porco com batatas, tripas com grelos, caldo verde com tora, bolinhos de bacalhau e sardinhas assadas. Tudo isto acompanhado por um vinho verde “carrascão” seguido de castanhas assadas e um bagaço. Antigamente as ceias realizavam-se em tabernas ou casas

senhoriais hoje em dia, realizam-se nos restaurantes da cidade. No final todos se reúnem no Largo do Cano para mais um cortejo do Pinheiro (Silva, L. M., 1991).

O Pinheiro

“O tronco do Pinheiro via-se de muito longe – anunciava, divulgava, convidava” (Silva, 1991: 108)

O Pinheiro é o primeiro número das Festas Nicolinas. Só assim tem sentido, uma vez que “toda a festa popular, anunciada à maneira antiga, começa por erguer um mastro, arvorando no seu topo uma bandeira” (Carvalho, 1956: 95). O levantar do Pinheiro servia, assim, para anunciar à população o início de mais umas festas.

Esta tradição não é única nas Festas Nicolinas, pois está também presente em várias festas populares com o mesmo propósito; talvez por isso se diga que “nas raízes do Pinheiro, estão antiquíssimos festejos populares” (Silva, L. M., 1991:107).

Não é conhecida a data da primeira vez que o Pinheiro saiu à rua, por falta de documentos, mas é igualmente um número com várias alterações ao longo do tempo. Anos atrás este número destacava a Bandeira Nicolina, mas é claro que para poder ser hasteada os nicolinos recorriam a uma árvore, na mesma árvore seria colocada uma imagem/figura de Minerva, que simbolizava a Deusa da Sabedoria (Silva, L. M., 1991).

Os estudantes faziam homenagem a esta Deusa com a esperança de esta poder auxiliar no sucesso escolar com o menor esforço e empenho possíveis. Anos mais tarde, a bandeira escolástica passou a ser substituída pela “crouinha” (penacho do pinheiro) e a figura de Minerva deixou de ser colocada na árvore, mas continua a ter um lugar no cortejo. Para Silva (1991) a preferência pelo Pinheiro deve-se a várias influências populares. Várias aldeias tinham o costume de colocar um tronco ao alto, uso tradicional para iniciar qualquer festejo. Este costume aparece por exemplo, nos festejos de São João, em certas regiões rurais. O “mastro de São João” na Estremadura, Alentejo, Elvas e Algarve é um exemplo disso mesmo.

O percurso do cortejo do pinheiro sofreu também algumas alterações e adaptações à realidade social, física e económica da época. Na abertura do cortejo já iam igualmente grupos com caixas e bombos “Zabumbas”, à sua frente o “chefe de bombos” com a “maçaroca” comandando a “banda Nicolina”.

A qualidade do toque dependia dos ensaios que, por sinal, se realizavam no mesmo local que ainda hoje se realizam: o Largo da Mumadona. Participavam no cortejo várias juntas de bois. No ano de 1902 participaram 40 juntas de bois com o acompanhamento de vários lavradores no cortejo (Silva, L. M., 1991). Uma curiosidade: com tantas juntas de bois era evidente a chiadeira dos carros, chiadeira essa que só era permitida nas Festas Nicolinas (Carvalho, 1956).

A diminuição do número de juntas de bois deve-se precisamente às novas realidades sociais. A economia transformou-se, o meio rural, a riqueza da pecuária, que tanto caracterizava a localidade, também se foi perdendo e por isso a presença de animais é cada vez mais rara e difícil de conseguir.

Os carros alegóricos e os bois também eram enfeitados. Os carros levavam motivos alusivos aos acontecimentos mais marcantes do ano. O carro do Pinheiro (oferecido por uma família rica) decorado com os tons escolásticos (verde e branco) e adornado com bandeiras, lâmpadas a óleo, balões, entre outros, era o último do cortejo seguido do carro de Minerva e o carro do cupido, tendo este uma participação mais recuada no tempo.

A fechar este número ia uma banda de música que tocava o hino escolástico (ver Anexo 1). À chegada do Pinheiro, ao seu local de “enterro” (local esse que foi-se alterando com o tempo tendo sido vários anos enterrado no Largo do Toural) deitava-se muito fogo-de-artifício.

Tanto o local de enterro como o local da saída do Pinheiro não foi sempre o mesmo, por exemplo, no ano de 1870 o Pinheiro não saiu do Largo do Cano mas sim das Quintãs.

Após a urbanização do Toural, o enterro do Pinheiro deixou de ser lá realizado, passando por vários locais da cidade até chegar ao local que ainda hoje se mantem e que tem um monumento (monumento Nicolino) para homenagear as festas e os seus participantes e lembrar que ali é o destino final do cortejo do Pinheiro, ou seja, no Campo da Feira.

Outra situação idêntica ao que acontece hoje em dia é a dispersão de vários grupos no final do cortejo por alguns locais da cidade (destaca-se as imediações do Liceu de Guimarães) continuando o toque de caixas e bombos pela noite fora.

As Posses

“Foi «sempre» como se vê, «uso e costume» anterior à data do lançamento, pagar aos Estudantes que festejavam S. Nicolau, seu Patrono, uma «porção» dos frutos da dizimaria de St. Estevão de Urgezes” (Carvalho, 1956: 66).

Na origem deste número nicolino estão vários acontecimentos, mas a sua origem radica sobretudo nos “legados” auferidos pela Irmandade de São Nicolau e na Renda de Urgezes, sendo esta renda aquela que oferecia as maçãzinhas que os estudantes ofereciam às damas. As Posses estavam ligadas à carência e à privação que muitos estudantes viviam (Silva, L. M., 2000).

A renda de Urgezes tinha a ver com a dádiva de um cônego da colegiada aos estudantes (referimos aqui que antigamente as dificuldades económicas eram uma realidade para muitos). Esta dádiva instituiu-se como posse e era recolhida na Casa da Renda de Urgezes. Consistia em castanhas, vinho, tremoços, nozes e palha.

Após a extinção dos dízimos no ano de 1832 (imposto da igreja que obrigava o pagamento da 10ª parte dos rendimentos das terras) um cabido da Colegiada deixou de entregar a renda aos coreiros e aos estudantes. Isso despoletou revolta por parte dos “escolares” que com a aliança dos coreiros recorreram para o tribunal. Os estudantes ganharam a causa mas o cabido recorreu, desta vez, para a relação do Porto, acabando por vencer a causa, para tristeza dos estudantes (Carvalho, 1956).

Depois do desconformismo associado à perda da renda, os estudantes criaram a fundação escolástica. Nesta associação a primazia revelava-se na parte profana das Festas Nicolinas. Nela também se determinava quem podia gozar de “foro escolástico”. Assim ficou determinado que os escolares da vila de Guimarães, indivíduos nela residente que tivessem frequentado as aulas da Universidade e os eclesiásticos da vila podiam colaborar nas Nicolinas. (Carvalho, 1956).

As Posses tinham uma ligação estreita com o Magusto, daí que se desse primazia a uma posse (à primeira posse do cortejo) que era na Cruz de Pedra onde traziam de lá o mato que serviria precisamente para a fogueira do Magusto.

Depois de instituídas as Posses os estudantes não admitiam o seu incumprimento (toma “ares de compromisso”), verificando-se tal no pregão de 1818.

“ Deste decreto o = Cumpra-se = pertence:

Viva e reviva o lépido Estudante

O Rendeiro que estoure, que há trotante”

(Pregões de São Nicolau, 1997: 23)

A perda da ação contra o cabido por parte dos estudantes despoletou uma consciência maior da importância deste costume, verificando-se uma maior ajuda por parte dos populares aos estudantes, intensificando a sua colaboração (Silva, L. M. 1991)

Depois de estabelecida a posse, os estudantes vão aos seus “instituidores” dizendo em “sonoro pregão”: A posse!...Venha a posse!... (Carvalho, 1956: 107).

O cortejo saía pelas 20h00 no Largo D. Afonso Henriques tendo vários bombos e caixas a acompanhar. Atualmente ainda se mantem a Banda de Música que também parava nos locais para se proceder à posse mas já não levam consigo nem os bombos nem as caixas.

A Banda de Música tocava preferencialmente o Hino Escolástico (ver Anexo 1) e a posse ou seria entregue pessoalmente ou por um criado no Largo do Toural, ou então era levantada pelos estudantes no próprio local em que esta descia pela janela ou pela varanda, num cesto de vime auxiliado por uma corda.

A posse tinha a mais variada gama de produtos, produtos esses que eram da preferência dos estudantes: vinho, pão-de-ló, chocolates, frangos, chouriços, presunto, aguardentes... (Silva, L. M., 1991).

As Posses também tinham muita animação, diversão e brincadeira à mistura; por vezes dava-se asas à verdadeira comédia como é exemplo a posse do Barroca que, num ato mais exagerado de desinibição, baixava as calças e mostrava as nádegas provocando assim risadas de quem assistia. Também era frequente haver posses onde se proclamavam verdadeiros discursos.

Para Miguel (1998) as posses “são pois, bandos de estudantes que, com a tocata acompanhando a estúrdia ao som do hino Escolástico, vão a cada casa ou estabelecimento combinado, buscar ou aguardar a Posse quase sempre bem “gritada”. Dádiva generosa para a ceia daquela noite de convivialidade” (Miguel F. C., 1998:20)

Ao longo do tempo várias Posses foram desaparecendo, mas outras tantas foram aparecendo dando continuidade a esta tradição. As Posses são criadas de “livre vontade” e por

simpatia; é uma maneira original de os “moradores da cidade” participarem nas Nicolinas. (Carvalho, 1956).

Depois deste costume cumprido, seguia-se o magusto com os produtos recolhidos nas Posses e vivia-se “uma das melhores ocasiões de convívio entre os Estudantes e populares integrada nas Festas Nicolinas” (Silva, L. M., 1991: 135).

O Magusto

Tudo aquilo que era recolhido nas Posses era colocado junto do Pinheiro. Ai acendia-se a fogueira, assavam-se as castanhas e dava-se início ao Magusto. O convívio entre os populares e os estudantes era uma característica desta tradição onde aos futricas era autorizado participar (único momento nas festas onde tal acontece). Desta forma, L. M., Silva (1991) considera que este número nicolino favorecia a interação com a população e o diálogo entre gerações, algo muito importante para a educação e formação destes estudantes.

Durante muito tempo as autoridades desencorajaram o Magusto por causa da intromissão de desordeiros, o que fez com que este não fosse realizado. Contudo, havia uma alternativa ao Magusto: os estudantes distribuíam castanhas aos lavradores que acompanhavam os nicolinos no Pinheiro (Silva, L. M., 2000).

Hoje em dia e desde o ano de 1990 o Magusto é realizado na Praça de Santiago, praça essa muito acolhedora e, sobretudo, livre de trânsito.

As Roubalheiras

“Grupos de estudantes disfarçados conspiram na sombra” (Carvalho, 1956:99)

A seguir às posses dava-se o Magusto, a seguir ao Magusto davam-se as Roubalheiras que consistem “em fazer mudar de sítio todas as coisas ao alcance da mão e que, pela sua natureza, dão na vista, uma vez expostas em estendal público” (Carvalho, 1956: 99).

As Roubalheiras têm origem na “noite das fogueiras” das festas de São João, tornando-se uma realidade vimaranense como também de muitos outros pontos do país.

Os estudantes, ainda na noite das posses e do Magusto, espalhavam-se por vários locais da cidade e davam início a mais uma noite de roubalheira. Roubavam de tudo um pouco e geravam a perfeita confusão ao misturar tabuletas de vários profissionais (médicos, advogados, cabeleireiros...), ao desviar automóveis do local onde se encontravam, ao espalhar lenha pela cidade, ao levantar os paralelos do chão, ou seja, ao provocar verdadeiras transformações a que muitos populares na manhã seguinte não achariam muita piada. (Silva, L. M.,1991).

Uma realidade menos positiva desta tradição, e que não se trataria de uma brincadeira mas de um ato mal-intencionado, era o facto de algumas pessoas se terem aproveitado da noite das Roubalheiras para fazerem das suas, sem nada ter a ver com as Nicolinas; aliás, havia quem se aproveitasse desta noite para se vingar de alguém, motivo que levou a que as Roubalheiras tivessem data incerta no programa nicolino (Silva, L. M.,1991).

O Pregão

“Ele levanta a voz...contra tudo aquilo que impõe um reparo, a nível local, nacional e mesmo mundial”

(Silva, L. M., 1991: 154)

Pregão Nicolino, ou Bando Escolástico, como antigamente se chamava, consistia num “longo texto, de estilo retórico e emplumado, composto predominantemente em verso alexandrino, versando assuntos académicos, da festa dos Estudantes e das suas tradições e também de casos da atualidade do dia-a-dia escolar, da cidade, do país e até do mundo” (Silva, L. M., 1991:149).

O objetivo prévio do Pregão é anunciar a festa. Atualmente não corresponde à realidade, pois quando se realiza este número já vários outros aconteceram.

O Pregão remonta ao século XVIII, sendo o mais antigo que se conhece o Pregão de 1817. A diferença de Bando e Pregão reside no facto de o Bando simbolizar o espírito de grupo enquanto que o Pregão tinha a ver com o que publicamente se anuncia através da oralidade (Silva, L. M., 2000).

Em tempos recuados, o Pregão Nicolino com forte enraizamento popular, anunciava desde casamentos, prémios, castigos, decretos oficiais, etc..

Com fortes influências do período medieval, os pregoeiros, normalmente em cima de um cavalo acompanhado por vários auxiliares com sinos e tambores, iam despertando desta forma a atenção da população para o que se iria passar.

O pregão tinha o objetivo de informar, convocar e influenciar. Contudo, nem sempre foi aceite, porque não havia liberdade de expressão e por isso vários pregões foram proibidos por referirem situações marcantes e polémicas da época; exemplo disso foi o pregão de 1844, que foi interdito uma vez que proferia determinados versos menos positivos sobre o Cabido da Colegiada (Silva, L. M., 1991).

L. M., Silva (1991) refere o aparecimento do pregão Nicolino nos finais do século XVIII com alguma influência da Revolução Francesa e afirma que existem pregões anteriores ao de 1817 uma vez que os pregões seguintes têm muitas semelhanças com este o que demonstra “uma experiência já dilatada”.

A tradição carnavalesca também estará na origem do pregão, com os chamados testamentos carnavalescos, onde ao lado de uma cultura séria/oficial aparecia a cultura popular promovendo o riso e o desvendar de várias situações de injustiça social.

O Pregão Nicolino era proclamado em vários pontos estratégicos da cidade, como nas escolas, praças, largos, casas particulares, locais de maior movimento. Os locais quer da saída do Pregão quer da sua proclamação foram variando até hoje.

Segundo L. M. Silva (1991) na data de – 1990 – o Pregão saía do Liceu Martins Sarmiento em direção à Câmara Municipal passando pela Escola da Veiga, Escola Francisco de Holanda, Praça de Santiago e Casa da Senhora Aninhas. Hoje em dia, como iremos ver, o cortejo tem um percurso e uma saída diferentes.

Os pregões são fontes de vários relatos, de situações ocorridas na época em que foram feitos permitindo conhecer um pouco da sua realidade; por exemplo, no pregão de 1901 faz-se referência às mudanças na cidade de Guimarães:

Guimarães! Guimarães! Como estás mudada
Desde que tens polícia, a grande força armada
E galgas a Avenida, arfando a tais abalos...

(Pregão, 1997: 93)

O cortejo do Pregão abria com um estudante a cavalo, “impecavelmente vestido”, levando a bandeira da academia consigo e à sua volta ia uma “guarda de honra” seguido de um grupo de estudantes mascarados e com tambores (Silva, L. M., 1991).

Em relação às mascaras, estas foram abolidas uma vez que se verificaram vários desacatos “cobertos por ela”.

Finalmente aparecia o carro do Pregão com alguns cavalos a puxá-lo. Nesse mesmo carro costumavam ir quatro estudantes um dos quais o Pregoeiro que proclamava o Pregão Nicolino do alto do carro (hoje isso só se verifica no Largo do Toural). O Pregoeiro devia revelar a sua capacidade discursiva, quer nos gestos, nas atitudes, no tom de voz... (Carvalho, 1956).

Em meados do século XIX várias figuras mitológicas fizeram parte do cortejo do Pregão fato que hoje vemos no espetáculo das Danças de São Nicolau.

Aconteceu também em anos anteriores ter saído à rua mais do que um pregão que poderia significar a criatividade acrescida dos estudantes ou então o desentendimento entre eles.

O Pregão dos Velhos apareceu como forma de manter a vitalidade nicolina e como possibilidade dos velhos participarem ativamente nas festas.

Os caixeiros (futricas para os vimaranenses) foram também bastante referidos no Pregão Nicolino. Havia desentendimentos entre os estudantes e caixeiros e muitos iam a banhos no chafariz (chafariz esse que primeiro existiu no Toural onde foi retirado em 1873 tendo sido colocado no Jardim do Carmo até ao ano de 2012 (Guimarães Capital Europeia da Cultura) tendo sido reportado para o seu local de origem: Largo do Toural).

“O sórdido taul, o audaz caixeiro
Que à função se meter de prazenteiro
Há-de limpar-nos com a língua as botas
E levar as costelas meias rotas”
(Pregão 1817, 1997:21).

As Maçãzinhas

“De todos os números das Nicolinas aquele que mais vale pelos seus efeitos espectaculares, pela sua graça e gentileza, é a oferta das «maçãzinhas» às Damas” (Carvalho, 1956:123)

O número das maçãzinhas, considerado o número mais belo das Festas Nicolinas, realiza-se no dia litúrgico de São Nicolau, ou seja, no dia 6 de dezembro.

Encontramos no século XVIII a sua possível origem num “movimento romântico” oriundo da França, Inglaterra e Alemanha. Este número nasceu num ambiente de inspiração medieval em homenagem ao cavaleirismo e ao amor, aos castelos, à cortesia feudal, e à homenagem à beleza.

Predominam certas características nas maçãzinhas que nos levam à semelhança daquilo que em tempos muito recuados (século XII) terão sido as Justas e os Torneios. Basicamente, as Justas e os Torneios consistiam em combates cavaleirescos onde os cavaleiros combatiam com lanças (no caso das Justas, e foi daqui que veio o uso das lanças nas maçãzinhas sendo esta coberta na ponta por uma maçã) e espadas (no caso dos torneios) em honra da Dama.

Para além destas influências encontramos outras manifestações festivas que de alguma forma foram influenciando este número nicolino (“chapéus de rosa” pelo São João, São João em Florença que poderá estar na origem das fitas académicas também usadas pelos nicolinos, etc.).

Há notícias que tanto os nicolinos novos e nicolinos velhos distribuíam as maçãs, algo que se dissipou nos nossos dias e que passou a fazer parte exclusivamente dos novos.

Nas lanças estavam presas as fitas de sede às cores que eram geralmente oferecidas pelas raparigas e continham inscrições muitas vezes bordadas e várias dedicatórias.

A maçã, símbolo do pecado original, não era uma maçã qualquer. Tinha de ser pequenina e rosadinha como a tradição mandava. Não nos esqueçamos que a origem destas maçãs está na Renda de Urgezes onde se ofereciam maçãs com estas particularidades.

Numa época onde as famílias educavam sobre um modelo bastante tradicional em que as raparigas eram severamente controladas/vigiadas/protegidas (iam sempre acompanhadas na rua) havia fortes limitações à interação entre os sexos opostos. Ora, pela altura das Nicolinas, o relacionamento entre os estudantes e as raparigas era facilitado, até porque os estudantes pediam aos seus pais para deixarem as meninas virem até às janelas ou varandas, como é demonstrado no pregão de 1851.

“E tu, ó governanta austera e dura
Antídoto cruel contra a ternura
Não julgues que amanhã possas ainda
A moça proibir – esbelta e linda –

De à janela aparecer – toda puxada-”
... (Pregões de São Nicolau, 1997:58)

Como forma de retribuição pela maçã, as raparigas ofereciam pequenos presentinhos (cigarros, garrafinhas, bugigangas, gravatas, material escolar...).

Segundo Carvalho (1956) a divisa dos estudantes na oferta das “maçãzinhas” é:

“- Ser amável ao belo sexo!” (Carvalho, 1956: 125).

O cortejo das maçãzinhas realizava-se no Toural sendo depois substituído pela Praça de Santiago e a hora do cortejo (inicialmente privilegiado o final da tarde) foi-se alterando. Os estudantes, para além da maçã, também ofereciam bolos às damas, com a intenção de lhes adoçarem a boca e com isso os seus modos (Silva, L. M., 1991).

O cortejo levava os estudantes trajados a rigor, os carros alegóricos, que acompanhavam o mesmo, levavam motivos da cultura clássica e da mitologia greco-romana (estes assuntos terão sido abordados nas aulas de latim).

Devido à decadência deste número e como tentativa de estimulação e incentivo ao seu melhoramento foi realizado em 1895 um concurso onde distinguiram dois estudantes (Silva, L. M., 1991).

Tudo isto faz com que às maçãzinhas sejam reconhecidas como “a alma essencial dos nicolinos numa relação natural de descoberta do homem e da mulher” (Miguel F. C. 1998: 22).

As Danças Nicolinas

Lembramos que as Festas Nicolinas cingiam-se nos seus inícios a um só dia de festejo. As Danças Nicolinas eram também realizadas no dia de São Nicolau logo a seguir às maçãzinhas. Trata-se de um espetáculo somente do sexo masculino onde estes se “vestem” de diferentes personagens (Miguel F. C., 1998).

As Danças Nicolinas ou Danças de São Nicolau eram um número de encerramento das festas e também um número bastante atrativo. As Danças consistiam em dramatizações e danças tendo a forma “tipo opereta” (Silva, L. M., 1991).

A sua origem, como já foi mencionado, está fortemente ligada à necessidade de angariar fundos para a Irmandade de São Nicolau. As Danças tinham lugar nas ruas e nas casas de

particulares, mas foi sobretudo no Teatro D. Afonso Henriques que elas conheceram o seu esplendor.

Num jornal de 1855 as danças aparecem descritas desta forma “ à noite, estando o teatro todo iluminado, os camarotes e plateia cheios, aí se dirigiam todos os Estudantes com as suas exibições e danças. Corrido o pano, apareceu Minerva em um tronco e todos os Estudantes mascarados, principiaram a cantar o hino escolástico. Seguiram-se as danças e depois várias contra danças, bem como lindos e preciosos quadros vivos, que os Estudantes perfeitamente desempenharam” (“Braz Tisana” de 11.12.1855, citado em Silva, L. M., 1991: 209).

Muitos espetáculos eram pagos outros gratuitos. Os estudantes para arrecadarem com as despesas que esta tradição e as suas tarefas/atividades envolviam formaram uma Comissão de Peditório em que trajados a rigor, de capa e batina, iam de casa em casa, pedindo colaboração, angariando as somas necessários (isto ainda acontece e é apelidado de peditórios).

Nas representações, tal como aconteceu em 2012, apareciam personagens da mitologia grega, nomeadamente Minerva (muito evocada nas Nicolinas como temos vindo a verificar), Vénus e Cupido (muito relacionado com a simbologia do amor, algo que também caracteriza esta tradição nicolina).

Para finalizar este espetáculo era cantado o Hino Escolástico com os estudantes e o povo.

As Danças passaram a ser realizadas pelos Nicolinos Velhos quando os novos deram provas de desinteresse, o que lhe deveu a designação de Dança dos Velhos. Estes aparecem quando as Nicolinas passam por alguma dificuldade “feitos cavaleiros andantes dos usos e costumes tradicionais”... (Silva, L. M., 1991:214).

Para terminar esta descrição das Nicolinas no passado, com base documental, e iniciando a descrição das Nicolinas no presente, com base na investigação que foi realizada através da observação participante, cito as palavras de Silva:

“Foi assim que as Nicolinas se tornaram grandes – tão grandes que ainda que atravessando, como tudo o que é humano, crises e transformações, têm podido resistir-lhes e ultrapassá-las, mantendo-se até aos nossos dias em toda a sua grandeza e esplendor. E é na base da constatação do modo como a história, com altos e baixos, bons e maus momentos, tem modelado estas tão antigas tradições académicas que se poderá acreditar, para o futuro, que enquanto existirem Escolas em Guimarães, e a frequentá-las um só Estudante que seja, jamais deixará de haver Festas Nicolinas” (Silva, L. M., 1991: 218).

Capítulo 4 – Metodologia

4.1 – O estudo de caso de observação participante

A presente investigação tem como objetivo conhecer e compreender as Festas Nicolinas, quem e como as dinamizam. Para tal, foi necessário: conhecer a tradição Nicolina; conhecer os organizadores e dinamizadores das Festas Nicolinas e os significados das suas ações, nomeadamente a Comissão de Festas Nicolinas e a Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães (AAELG); observar e analisar a organização e a animação das festas e compreender a relação entre a AAELG “velhos nicolinos” com as festas e com a Comissão de Festas Nicolinas;

A metodologia usada insere-se no paradigma interpretativo, cujo principal objetivo é compreender a realidade em causa. Este paradigma não pretende provar ou demonstrar, mas sim compreender. Como refere Ferreira, “não tem em vista a verificação de regularidades, mas a análise de singularidades e de tensões que entretecem a ação quotidiana” (Ferreira, F.I., 2011: 75).

O paradigma interpretativo está orientado para a descoberta, sendo esta uma descoberta interativa. É importante conhecer e conceber a realidade na perspetiva do outro; é por isso também entendido como uma prática comunicativa em que todo o conhecimento é subjetivo e por isso interpretável. A ênfase é dada às pessoas e à importância de conversar e de saber escutar como forma necessária para as compreender (Lopes, M. S., 2011).

Neste sentido é importante observar e escutar numa mútua troca de opiniões e interações.

“Um investigador de campo que começa a trabalhar com pessoas que não conhece apercebe-se rapidamente que estas pessoas dizem e fazem coisas que compreendem, mas que ele não. Uma destas pessoas pode fazer determinado gesto que põe todos os outros a rir. Elas partilham uma compreensão do significado do gesto, mas o investigador não. Quando começa a partilhar, começa a “compreender”. Passa a deter parte da “perspectiva daqueles que estão por dentro” (Wax, citado em Bogdan e Biklen, 1994:59).

O objetivo principal deste tipo de investigação, de inspiração etnográfica, é o de compreender e conhecer a ação humana e as razões dessa ação. Não é só estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um

diário, etc.; “o que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (Geertz, 1989: 15).

Para Ferreira (2011) “a etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de um conjunto de técnicas, essencialmente, observação e conversações desenvolvidas no contexto da investigação. O etnógrafo descreve, em diários, relatos ou notas de campo, através da escrita, mas utilizando também o desenho, a fotografia, o vídeo, etc., as situações que observa, o que pensa e sente sobre essas situações e a reflexão sobre o seu próprio papel de investigador” (Ferreira, F. I., 2011: 75).

Para Geertz (1989) a etnografia é uma descrição densa, sendo o etnógrafo aquele que tem como tarefa fazer essa descrição. É-lhe exigido que observe, registre e analise a realidade em estudo. Em causa está “uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (Geertz, 1989: 20).

Esta descrição é “microscópica”, tem em conta os pormenores que às vezes parecem pouco importantes para a compreensão e a interpretação dos factos mas que depois se tornam fulcrais para o estudo. Dar primazia às consideradas insignificâncias, ter em conta que nada é trivial, é outra característica desta metodologia pois o que hoje nos parece insignificante é mais tarde considerado importante para encontrarmos o sentido das coisas; “o objectivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos mas densamente entrelaçados” (Idem, 1989: 38).

A preocupação básica neste tipo de investigação é o estudo da cultura, das suas manifestações e inter-relações. Aquilo que de facto é importante para esta metodologia “são os significados e interpretações elaboradas pelo investigador, conforme o contexto social em que se desenvolve a tarefa, de forma que se veja perfeitamente reflectidas as percepções, ações e normas desse grupo social que se está analisando” (Serrano, 1997 (b): 108).

A metodologia usada na investigação empírica que se apresenta no capítulo seguinte foi o estudo de caso de observação participante, com orientação etnográfica.

Segundo Serrano, o estudo de caso é “uma metodologia de análise do grupo, cujo aspeto qualitativo nos permite extrair as conclusões derivadas dos fenómenos reais ou simulados, numa linha formativa-experimental, de desenvolvimento da personalidade humana ou de qualquer outra realidade individualizada e única” (Serrano, 2011:104). Trata-se de uma

estratégia de investigação que pretende uma análise exaustiva de um problema, grupo, pessoa, organização ou outra unidade social.

O principal instrumento de investigação é o próprio investigador que diariamente deve registar as suas observações, informações e impressões, através de entrevistas aos seus informantes, da observação de rituais, da escrita do seu diário (Geertz, 1989).

Com o intuito de recolher o máximo de informações possíveis é necessário que o investigador ganhe a confiança dos investigados; para tal, a “sociabilidade e a familiaridade” fazem parte deste tipo de investigação onde a “atitude empática”, a abertura e a sensibilidade devem estar presentes (Ferreira, 2011).

Para Raúl Iturra (1986) o método de observação participante é um método violento, tanto para quem está a ser investigado como para o próprio investigador; desta forma é necessário definir com clareza o papel de investigador para não ser visto como um intruso.

A técnica da observação participante é das mais empregues na etnografia para aceder à realidade educativa e social; “toda a investigação social é, em sentido amplo, uma forma de observação participante, porque não podemos estudar o mundo social sem fazer parte dele”. (Ferreira, 2011: 74).

Neste estudo, a observação participante foi usada desde os preparativos das Festas Nicolinas até à sua animação. Para ajudar na recolha de informação foram usados alguns instrumentos de recolha de dados, sendo estes descritivos das situações, dos locais e das conversas em causa.

No terreno, as notas de campo foram fundamentais para descrever a realidade, recolhendo todas as informações possíveis, sendo posteriormente compreendidas e transportadas para o diário de bordo. Ainda no terreno contou-se com a ajuda da máquina de filmar, funcionando também como máquina fotográfica, sobretudo nos dias festivos (números nicolinos).

De seguida passo a descrever os principais passos do trabalho de investigação:

- 1- Revisão bibliográfica: Elaboração de fichas de leitura sobre cultura, tradições, Nicolinas e metodologias de investigação.
- 2- Elaboração de um plano aberto, flexível e ajustável de forma a orientar o caminho de investigação;

- 3- Estabelecimento de contactos com os membros da Comissão de Festas Nicolinas e com os “Velhos Nicolinos” no sentido de dar a conhecer o estudo e obter o consentimento informado destes e delinear o processo de investigação.
- 4- Observação dos preparativos das Festas Nicolinas;
- 5- Observação das Festas Nicolinas;
- 6- Análise e tratamento dos dados;

Não posso deixar de referir que a ética esteve presente em todo o processo. Os sujeitos conheceram o estudo em causa e aderiram voluntariamente (consentimento informado) e foram tratados respeitosamente e envolvidos no próprio processo de investigação.

4.2 Descrição da Investigação

Iniciei a investigação sobre as Nicolinas com uma exploração em diferentes e variadas fontes, como documentos, textos, *sites* e páginas de internet, documentários, notícias e obras. Pude recolher informação que me permitiu conhecer mais um pouco sobre esta peculiar tradição e perceber por onde e por quem teria de iniciar os meus contactos conducentes à pesquisa no terreno.

Verifiquei que o *site* da Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães (AAELG) oferecia uma vasta gama de informação, onde foi possível verificar o seguinte: esta associação tem uma ligação muito grande com as Nicolinas, participa em vários momentos nicolinos com a Comissão de Festas Nicolinas e organiza algumas iniciativas relacionadas com as festas.

Como o objetivo deste estudo é conhecer as Festas Nicolinas, conhecer e compreender as ações de quem as organiza e as realiza (Comissão de Festas Nicolinas e AAELG), fiz o meu primeiro contacto com esta Associação; foi, portanto, o ponto de partida.

No dia 4 de outubro, pelas 21h00, telefonei para a AAELG, tendo sido atendida pelo Sr. João Neves, secretário da associação. Expliquei o âmbito do meu trabalho e de seguida fui informada sobre o procedimento pelo qual eu tinha que pedir a autorização para a realização deste estudo. Enviei um *email* dirigido ao Presidente da AAELG, focando em primeiro lugar o meu interesse em estudar as Nicolinas, o porquê e como. De seguida, pedi a respetiva autorização, mostrando disponibilidade para qualquer esclarecimento adicional.

No dia 8 de outubro a associação respondeu, por via *email*, ao meu pedido, dizendo o dia, a hora e o local para a apresentação do meu pré-projeto (projeto elaborado no primeiro ano do curso de mestrado em Estudos da Criança, especialização em Associativismo e Animação Sociocultural).

À hora combinada compareci na Torre dos Almadas (sede da AAELG). Conheci pessoalmente o Presidente e o Secretário da Associação e apresentei o meu pré-projeto. Na reunião foram-me dadas algumas informações relativas às condições do meu estudo. Foi frisado que a Comissão de Festas Nicolinas tem rituais próprios nos quais eu não poderia participar. De seguida, falaram um pouco sobre os objetivos da Associação e sobre as Nicolinas e os seus números; demonstraram o desagrado sobre as notícias da noite do Pinheiro onde são apenas frisados os excessos de alguns; e referenciaram alguma bibliografia sobre a tradição Nicolina. No final da reunião foi-me dito que iriam analisar o meu pedido com mais membros da associação e iriam informar a Comissão de Festas Nicolinas sobre o estudo.

Foi a AAELG que agendou o meu primeiro contacto com a Comissão de Festas Nicolinas, para o dia 23 de outubro de 2012, pelas 18h45, na Torre dos Almadas.

Este primeiro contacto foi muito curto. O Presidente da Comissão informou-me que a Comissão iria participar na cerimónia de compromisso (à qual não assisti) nesse mesmo instante. Este primeiro contacto consistiu numa breve apresentação pessoal e numa breve apresentação do meu estudo ao Presidente da Comissão, onde me referiu que não haveria problema em acompanhar e observar a Comissão em vários momentos relativos às festas e que mais um estudo relacionado com as Nicolinas seria até uma mais-valia. No final combinamos o nosso segundo encontro para o dia 1 de novembro, dia do cortejo “Romagem da Saudade”. Na antevéspera da primeira saída oficial da Comissão, contactei com o Presidente da Comissão para combinar a hora e o local certo da saída.

O percurso desta investigação, no que respeita à observação participante, ao acompanhamento da Comissão das Festas Nicolinas, era traçado no dia em que me encontrava com a Comissão, ou seja, neste primeiro contacto combinamos o segundo, no segundo combinávamos o terceiro e assim sucessivamente.

O período de investigação no terreno iniciou-se no dia 1 de novembro e terminou no dia 8 de dezembro nas Danças de São Nicolau, último número das Festas Nicolinas. Não havia um horário pré-definido. Acompanhei, para além dos números nicolinos, as atividades mais marcantes da Comissão e da AAELG que foram surgindo e às quais me foi possibilitado

participar; refiro sobretudo os ensaios das Danças de São Nicolau, os ensaios dos toques, os peditórios, as visitas da AAELG às escolas, a participação nos “Guias Improváveis” (no âmbito do programa “Tu fazes parte” integrado num vasto elenco de atividades do evento Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012, o programa “Guias Improváveis” consistia numa seleção de um conjunto de pessoas com a intenção de partilhar o seu “olhar” sobre a cidade). Algumas das pesquisas no terreno foram sugeridas por mim, como por exemplo, o acompanhamento de um peditório e o corte do Pinheiro.

Normalmente era o Presidente da Comissão que me informava das iniciativas que iam realizar e me dizia se podia participar ou não. Contudo, algumas informações relativas às iniciativas da Comissão não me eram ditas e eu, se tivesse conhecimento de alguma, perguntava se podia participar. Tenho que referir que esta situação era perfeitamente normal atendendo ao excesso de trabalho da Comissão e sobretudo do Presidente da Comissão em tempo de Nicolinas. Por esta razão, tive sempre o cuidado de ao longo do processo de investigação não perturbar o trabalho da Comissão. Muitas vezes, quando precisava de informações, esclarecimentos, tirar dúvidas, etc., perguntava primeiro se era oportuno naquele momento conversar.

A entrada no terreno foi algo receosa porque as Nicolinas envolvem sobretudo pessoas do sexo masculino. Pensava como seria a abertura da Comissão e da AAELG a uma presença feminina no seu contexto de trabalho. No entanto, ao longo do tempo este receio foi diminuindo e fui ganhando maior à vontade e empatia com os membros da Comissão e com os membros da AAELG. As pessoas que me facilitaram um maior entrosamento neste meio foram o Sr. João Neves secretário da AAELG e o Presidente da Comissão.

Para o terreno levava um bloco de notas pequeno e discreto e uma esferográfica para registar as notas de campo. Focava a minha observação nas várias ações realizadas pelos membros da Comissão e observava tudo o que estava em redor desta. É claro que num “campo” com tantos acontecimentos a decorrer ao mesmo tempo tive que proceder às filtragens e à seleção daquilo que seria mais importante observar num dado momento. Estava atenta aos gestos, às conversas e ia interrogando a comissão e outras pessoas presentes sobre qualquer ação que não compreendesse. Aproveitava também para inquirir os intervenientes das festas, estudantes/nicolinos na sua maioria. Depois fazia o registo daquilo que observava. Quando pegava no bloco de notas fazia-o sobretudo quando ninguém desse conta; isto porque sentia que as pessoas ao vê-lo não se sentiam à vontade com o que supostamente eu pudesse escrever.

No final da observação e da recolha de dados, do momento analisado, transcrevia as notas completando com informações que se encontravam guardadas na minha memória para um “diário”. Tentava fazê-lo no próprio dia da investigação, uma vez que os acontecimentos eram ainda muito recentes; no entanto nem sempre foi possível, uma vez que muitas dessas observações eram realizadas à noite prolongando-se até de madrugada. Refiro-me à noite do Pinheiro, à noite das Posses e ao Magusto, aos ensaios das Danças de São Nicolau e às Danças de São Nicolau.

Para além deste instrumento de recolha de dados levava, na minha bolsa, uma máquina para filmar e fotografar. Nas Nicolinas, e sobretudo nos números nicolinos, existem muitas informações, situações, ações a ocorrer em simultâneo. De tal forma que as filmagens/ os vídeos e as imagens, posteriormente transferidos para o computador, auxiliaram em muito a minha memória e a análise e interpretação dos dados, ao abranger uma vasta gama de situações, imagens e sons.

Ainda no terreno, tinha em atenção a minha localização perante o grupo. Procurei ser discreta mas ao mesmo tempo estar posicionada em locais/posições de destaque onde conseguisse visualizar melhor o que estava a acontecer, sobretudo as ações de maior destaque num dado momento. Estive atenta a conversas informais que foram surgindo e fiz o seu registo, nomeadamente, comentários, expressões e opiniões dos participantes nas Nicolinas.

A par da observação participante, recorri à análise documental. As fontes foram, sobretudo, *sites* da internet, a biblioteca municipal e a AAELG. Antes de ir para o terreno consultei alguns documentos procurando informações sobre possíveis realidades que pudesse encontrar. As Festas Nicolinas são uma tradição secular que ao longo do tempo se foi transformando. Porém, há vários aspetos que permanecem de uns anos para outros. Por isso, ao recorrer à análise documental pude verificar as diferenças e as semelhanças entre as Nicolinas do passado e as Nicolinas do presente.

Relativamente ao processo de recolha de dados, afirmo que este ocorreu sem problemas e sem rejeições por parte dos sujeitos. As pessoas não manifestaram qualquer relutância ao meu trabalho; muito pelo contrário, colaboraram sempre naquilo que lhes fora pedido.

A observação e as “conversas informais” com os intervenientes das Festas Nicolinas aconteceram quase sempre em paralelo. Passo a enunciar/apresentar os “informantes” mais relevantes no meu trabalho:

- A Comissão de Festas Nicolinas - foi com a Comissão que passei a maior parte do tempo da investigação. Alguns membros esclareceram-me sobre várias dúvidas relativas às ações que praticavam, outros informavam-me sobre as atividades que iriam participar, outros, ainda, falaram na sua entrada na comissão, opinaram sobre as Festas Nicolinas, etc..

- Membros da AAELG - para além de me terem facilitado a integração no terreno, convidaram-me para participar em várias atividades, abordaram as festas de uma maneira geral, da sua associação, das suas funções e objetivos, da sua relação com a Comissão de Festas e com as festas propriamente ditas, descreveram um número Nicolino em particular, as Danças de São Nicolau, cuja organização está a cargo da AAELG, e com eles tomei conhecimento de quem escreve os textos das Danças, quem são os “atores”, os ensaiadores etc..

- Membros das anteriores Comissões de Festas Nicolinas - vários membros das comissões de Festas Nicolinas dos anos anteriores participaram nas várias atividades da comissão atual apoiando a sua organização e realização; muitas conversas destes intervenientes tinham a ver com as suas experiências passadas e com as suas opiniões relativas às festas.

- Sr. “Manuel Silva” – um apaixonado pelas Nicolinas, com bastante experiência e participação de vários anos nas festas. Posso considerar o Sr. Manuel um exemplo vivo de “futrira”, o qual me relatou experiências passadas no contexto Nicolino. Conheci o Sr. Manuel numa fase muito recente da investigação e por isso pôs-me ao corrente de algumas características das festas e sobre a sua participação “Nicolina”.

- Uma proprietária do Monte de Aldão – No corte do Pinheiro, no Monte de Aldão, reencontrei uma professora minha do 2º ciclo. Proprietária do monte, onde há vários anos é cortado o Pinheiro, falou-me da sua vivência e experiência no que diz respeito a este momento e chamou a atenção para as características da ação do corte e do transporte do Pinheiro.

- Presidente da Comissão das meninas que ajudava na organização das maçãzinhas – No decorrer das Nicolinas foi formado um grupo de meninas (grupo informal) ao qual pertenciam algumas tarefas relativas às maçãzinhas. Conheci a “Presidente” do grupo que me explicou quais as suas tarefas na organização e dinamização deste número Nicolino.

- Autor de um Pregão Nicolino – Conheci um autor do Pregão Nicolino no cortejo do Pregão e conversamos, essencialmente, sobre a elaboração de um Pregão e a eleição do Pregoeiro.

De seguida apresento duas tabelas: na primeira refiro as atividades em que participei para a recolha de dados (no total, participei em 23 atividades, estando aproximadamente 70

horas no terreno); na segunda apresento o cronograma que serviu de base à preparação da dissertação.

Tabela 1 – Atividades observadas

Data (2012)	Observação	Local	Tempo da observação
1 de novembro	Cortejo “Romagem da Saudade”, primeira saída oficial da Comissão de Festas Nicolinas;	Saída da Torre dos Almadas em direção ao cemitério da Autoguia;	Das 7h00 às 12h30
8 de novembro	Ensaio das Danças de S. Nicolau	Auditório da associação “Os Trovadores do Cano;	Das 21h30 às 23h40
9 de novembro	Ensaio dos Toque nicolinos	Largo da Mumadona	Das 18h00 às 19h45
10 de novembro	Primeira moina	Saída do Largo da Mumadona;	Das 14h30 às 19h30
16 de novembro	Ensaio dos toques nicolinos	Liceu de Guimarães;	Das 18h00 às 19h00
16 de novembro	Peditório	Creixomil	Das 19h40 às 21h40
17 de novembro	Segunda moina	Saída do Largo da Mumadona	Das 14h30 às 17h30
24 de novembro	Terceira moina	Saída do Largo da Mumadona	Das 14h30 às 16h00;
24 de novembro	“Guias Improváveis”	Auditório do Patronato da Senhora da Oliveira;	Das 16h00 às 19h00;
27 de novembro	Ensaio das Danças de S. Nicolau	Auditório da associação dos “Trovadores do Cano”	Das 21h30 às 00h30;
28 de novembro	Visita da AAELG às escolinhas	EB1 de Monte Largo	Das 12h00 às 13h30
29 de novembro	Corte do Pinheiro	Monte de Aldão	Das 7h00 às 10h00
29 de novembro	Cortejo do Retábulo de S. Nicolau	Saída do Largo do Município	Das 10h30 às 12h00
29 de novembro	Cortejo do Pinheiro	Saída do Cano	Das 22h30 às 3h30
2 de dezembro	Solenidades em honra a S. Nicolau	Igreja da Nossa Senhora da Oliveira	Das 11h00 às 13h00
2/3 de dezembro	Roubalheiras	Concentração Largo do Toural	Das 00h00 às 2h00
4 de dezembro	Dizimo de Urgezes	Junta de Freguesia de Urgezes	Das 19h00 às 20h30
4 de dezembro	Posses e Magusto	Saída do Campo da Feira	Das 21h30 às 2h00
5 de dezembro	Pregão	Saída do Campo da Feira	Das 15h00 às 19h30
6 de dezembro	Maçazinhas	Saída junto às Oficinas S. José	Das 15h00 às 18h00
7 de dezembro	Novenas, peditório no mercado e entrega à Casa dos Pobres;	Saída da Torre dos Almadas	Das 7h00 às 12h00
7 de dezembro	Baile Nicolino	Escola Secundária Martins Sarmento (Liceu de Guimarães)	Das 21h30 às 1h30
8 de dezembro	Danças de S. Nicolau	Centro Cultural Vila Flor	Das 22h00 às 1h30

Tabela 2 – Cronograma da investigação

	2012					2013									
Atividades /Período	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	
Pesquisa Bibliográfica	x	x	x	x	X	x	x	x	x						
Elaboração de Fichas de Leitura	x	x	x	x	X	x	x	x	x						
Recolha de Dados		x	x	x	X										
Tratamento de Dados				x	X	x	x	x	x	x	x	x			
Elaboração da Dissertação							x	x	x	x	x	x			
Revisão da Dissertação													x		
Entrega da Dissertação														x	

Capítulo 5 – Análise e discussão dos resultados

Neste presente capítulo são analisadas as Festas Nicolinas do ano de 2012. Foram observadas várias atividades, que descrevo, usando os vários dados obtidos durante o processo de investigação. As atividades são descritas neste trabalho numa ordem cronológica dos acontecimentos. O ponto 5.1 faz referência à constituição e eleição da Comissão. É o primeiro ponto a ser analisado pois é a partir deste momento que se iniciam os trabalhos de preparação das festas. No ponto 5.2 é analisado a AAELG, associação muito presente e importante nas Festas Nicolinas, dinamizadora de várias atividades. Os pontos seguintes analisam as atividades que observei e que fazem parte dos preparativos e das festas propriamente ditas. Temos o cortejo da “Romagem da Saudade”, no ponto 5.3, que constitui a primeira saída oficial da Comissão. Segue-se o ponto 5.4 que refere os ensaios que são levados a cabo para a execução das Festas Nicolinas. Foi subdividido este ponto para descrever os ensaios correspondentes às Danças de São Nicolau (5.4.1) e aos ensaios correspondentes aos toques nicolinos (5.4.2), sendo ainda feita uma descrição das moinas uma vez que estas, de uma maneira geral, constituem ensaios dos toques (5.4.3). No ponto 5.5 é analisado o peditório realizado pela Comissão de Festas Nicolinas tendo em vista a angariação de fundos para as festas. A participação no programa “Guias Improváveis” é referida no ponto 5.6, atividade que deu a conhecer um pouco sobre a tradição Nicolina ao público presente. No ponto 5.7 é analisado a participação da AAELG nas escolinhas de Guimarães tendo em vista a transmissão desta tradição aos mais novos. Do ponto 5.8 ao ponto 5.17 são analisados os vários números nicolinos que fazem parte do programa das Festas Nicolinas, à exceção do ponto 5.9 que se refere às Solenidades em honra a São Nicolau, atividade que não faz parte do programa das festas. O capítulo termina com uma discussão dos resultados obtidos (ponto 6).

5.1. Eleição e Constituição da Comissão de Festas Nicolinas

A Comissão de Festas Nicolinas é eleita na última sexta-feira de setembro. No momento da eleição é atribuído o cargo para o qual o nicolino foi eleito. Os estudantes escolhem o cargo que gostariam de ter e submetem-se à sua eleição. O que às vezes acontece é que o estudante não consegue ser eleito para o cargo desejado mas pode conseguir a eleição noutra. O

Presidente da Comissão, numa conversa informal, contou-me que há três anos que participa na Comissão, mas houve um ano que não quis participar por não ter sido eleito para o cargo desejado (Chefe de Bombos).

Depois de eleita a Comissão de Festas Nicolinas realiza-se uma cerimónia de compromisso, na Torre dos Almadas, com os testemunhos da Direção da A.A.E.L.G., da Irmandade de S. Nicolau e de alguns convidados. Assumem o compromisso de cumprir a tradição (Ver Anexo 2).

Os cargos são os seguintes: Presidente, Tesoureiro, Vice-Presidente, Secretário, Chefe de Bombos, Subchefe de Bombos, 1º Vogal da Academia, 2º Vogal da Academia, 1º Vogal de Festas e 2º Vogal de Festas. Para cada cargo existem várias funções associadas: funções administrativas, financeiras, organizativas, entre outras.

O Presidente é o responsável máximo pela Comissão. Deve organizar todos os certificados de matrícula de todos os elementos da comissão para serem validados pela AAELG e só depois é que podem iniciar a sua atividade. Deve também organizar todas as atividades que tenham em vista a angariação de fundos. Cabe ao Presidente exigir o respeito e a obediência por parte dos seus colegas. Durante o meu trabalho de investigação pude constatar esta exigência. Foi-me dito, numa das atividades que observei, que só o Presidente e o Vice-Presidente poderiam chegar atrasados: “simplesmente são os únicos que podem chegar atrasados, os outros não, senão levam nas orelhas” (membro Nicolino que não consegui identificar uma vez que era a primeira vez que estava com a comissão). Um velho Nicolino, depois da chamada de atenção do Presidente a um membro da Comissão, advertiu deste modo os membros mais novos: “estão a ver o que faz um Presidente... vocês têm de obedecer ao vosso Presidente”.

O Tesoureiro é o principal adjunto do Presidente e tem como tarefa auxiliar o Presidente na angariação de fundos para a Comissão, ajudando na decisão relativa ao destino a dar a esses mesmos fundos. O Vice-Presidente é o substituto formal do Presidente. O Secretário é o responsável pela escrita da Comissão. O Chefe de Bombos é responsável por ensinar os toques nicolinos à população estudantil, concretamente, o toque do bombo. O Subchefe de Bombos deve auxiliar o Chefe de Bombos e é responsável pelo ensino do toque da caixa à população estudantil. Este cargo é escolhido pelo Presidente mediante as capacidades observadas. O 1º Vogal da Academia é o condutor dos desfiles. No Pregão e nas Maçãzinhas o 1º Vogal da Academia marca o desfile do cortejo montado num cavalo e transporta consigo a bandeira erguida da AAELG- Velhos Nicolinos. O 2º Vogal da Academia auxilia o 1º Vogal da Academia e

orienta a condução dos desfiles nicolinos. O 1º Vogal de Festas é responsável pela ornamentação e embelezamento dos vários números das festas e é considerado o coordenador dos vários eventos nicolinos. O 2º Vogal das Festas é o auxiliar do 1º Vogal.

Só mais tarde o Pregoeiro é encontrado, mediante as qualidades de declamação. Caso não seja encontrado ninguém da Comissão com capacidade para recitar o Pregão, é possível recorrer a alguém de fora para o fazer. O ponto do Pregoeiro auxilia o Pregoeiro lendo o Pregão em voz baixa. Pode ser o substituto do Pregoeiro caso este esteja impedido de o fazer.

Depois da eleição, cabe a toda a Comissão das Festas Nicolinas a organização e realização das Festas Nicolinas e isso compreende: a realização de todos os números nicolinos, a realização das moinas nos dois fins de semana que antecedem as Nicolinas, a organização, colaboração e a participação com os infantários de Guimarães no “Cortejo do Retábulo de S. Nicolau”, e a deslocação em romagem ao cemitério da Atouguia para aí prestarem homenagem aos ilustres nicolinos aí sepultados (Ver anexo 3).

A Comissão de Festas Nicolinas tem normalmente 10 elementos. Este ano, e através de uma conversa informal com o vice-presidente (no terceiro dia de moina), foi-me dito que esta Comissão (2012) tem apenas 9 elementos porque um membro desistiu. Para além das desistências por variados motivos (um dos quais é o não agrado por parte da família do aluno na sua participação na Comissão), pode ocorrer a expulsão de um determinado membro caso este não cumpra as suas funções.

Na Comissão de Festas Nicolinas entram alguns elementos novos que são apelidados pelos velhos de “malotas”. Contudo, permanecem elementos que fizeram parte da Comissão do ano anterior como forma de “transmitir” e de explicar a tradição.

A Comissão de Festas Nicolinas não tem sede própria e isto causou alguma tristeza aos membros da Comissão que não tem as condições de trabalho que gostariam de ter: “a comissão é quem organiza todas as Festas Nicolinas e por isso a Comissão deveria ter uma sede fixa, pois desta forma há material que se perde e que lá (na sede) poderia estar guardado, perde-se portefólio” (Presidente da Comissão).

Esta Comissão tem rituais próprios aos quais se juntam almoços e jantares de convívio. A este propósito o Sr. João Neves disse que “até acabarem as festas eles arranjam sempre almoços e jantares”. Esta realidade foi justificada por um membro da Irmandade de São Nicolau, que referiu a importância destes convívios: “é uma maneira de incutir o espírito de grupo, pois muitos nem se conheciam de lado nenhum pois não estudam todos na mesma escola e é

necessário que o grupo se conheça”. A conversa é concluída pela seguinte afirmação: “ depois formam uma amizade para toda a vida” (Sr. João Neves).

A Comissão de Festas Nicolinas dedica muito tempo em prol das festas. Um dos problemas que tem de enfrentar é o de conciliar o trabalho da Comissão com a atividade escolar.

O Secretário da Comissão de Festas Nicolinas disse-me que era a primeira vez que pertencia à Comissão. O Presidente já lhe tinha falado das Nicolinas e da Comissão e desde cedo se interessou por elas. A preocupação dele eram as aulas, pois receava perder o aproveitamento escolar. Prometeu, por isso, ao pai que isso não iria acontecer e só mediante isso o pai autorizou a sua entrada na Comissão.

Numa conversa informal com a mãe de um membro da Comissão das Festas Nicolinas e de um antigo Nicolino, disse-me estar convencida que o rendimento escolar dos filhos baixou precisamente pela dedicação destes às Festas Nicolinas. Diz, ainda, que o filho falta muitas vezes às aulas para cumprir com as suas obrigações enquanto Nicolino.

Por isso, L., M., Silva (1991), ao reconhecer que o aproveitamento escolar da maioria dos estudantes conhece um significativo decréscimo, defende uma adaptação do calendário escolar no período das festas para que estes as possam organizar sem com isso prejudicarem os seus estudos.

“Os novos nicolinos interrompem as actividades escolares a que dedicam, durante o ano inteiro, e por obrigação, o seu dia a dia. E se essa interrupção não é feita abertamente, eles alheiam-se em grande medida das suas obrigações, de modo que os professores, a escola, as famílias...só os cegos da perspicácia é que não notam que por ali passou qualquer praga que tresmalhou o rebanho...E eis que em grupos vivem a boémia e a tradição, por alguns dias, indiferentes a tudo.” (Silva, L. M., 1991: 22)

5.2. A Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães

“Uma enraizada característica dos Velhos Nicolinos é em grande medida, alimentarem uma relação muito intensa com o passado e a tradição”... “instituem laços em torno de memórias comuns, que mergulham profundamente no passado” (Silva, L. M., 1991:101)

A Associação dos Estudantes do Liceu de Guimarães (AAELG) foi pensada por um grupo de antigos estudantes e velhos nicolinos como forma de manter uma relação de união com todos aqueles que um dia frequentaram o Liceu de Guimarães.

Consta nos estatutos desta associação, aprovados em 1961 e revistos em 1999, que a AAELG visa manter a tradição escolar vimaranense, colaborando, incitando e subsidiando os estudantes das escolas secundárias a realizarem as Festas Nicolinas. Um dos seus principais objetivos é zelar pela preservação das Festas Nicolinas e, com isso, estabelecer uma relação com os novos nicolinos, servindo de referência para os mesmos.

Segundo L., M., Silva, havia uma necessidade em controlar determinadas atitudes dos novos nicolinos, nomeadamente na organização das suas festas e, por isso, era “ necessário retomar as rédeas da organização das festas, garantir-lhes uma liderança firme, evitar atitudes de consequências irremediáveis” (Silva, L. M., 1991:29). Por outro lado, esta associação viria a dar um estatuto de existência legal aos nicolinos velhos.

Em 1956 é proposta uma intervenção dos velhos nicolinos em todos os números das Nicolinas, nomeadamente, no cortejo do Pinheiro até às Danças de São Nicolau, onde se frisava a necessidade dos “Velhos”.

Estes são os objetivos da instituição, que estão diretamente ligados com o caso em estudo. Para além destes a Associação tem outros objetivos: ajudar com subsídios ou por outros meios os estudantes mais pobres que frequentam o Liceu e atribuir, como forma de incentivo, prémios aos melhores alunos das várias áreas do mesmo estabelecimento de ensino.

Na abertura das Danças de São Nicolau há um momento dedicado à entrega dos prémios aos melhores alunos do Liceu de Guimarães. Numa conversa informal com Presidente da AAELG, este disse-me que houve quem já tivesse perguntado porque é que estes prémios não se estendem a todas as escolas secundárias da cidade. Segundo ele, quem reconhece o mérito são os professores do liceu nas diferentes áreas e como tal não faria sentido.

Referente aos subsídios para os estudantes mais pobres, disse-me que a Associação tinha antes de 1974 uma intervenção nos serviços sociais. A AAELG deixava uma determinada importância para as despesas de livros e refeições. Por outro lado, quando a Comissão de Festas Nicolinas não tinha como pagar determinados serviços necessários para as festas a Associação ajudava para que “a malta nova não passasse por caloteiros” (Presidente da AAELG).

Refere também que a Associação não é uma associação “Paternalista”. Diz que “a Comissão tem que sentir autónoma para fazer as coisas: “não queremos que as festas caiam no descrédito, mas não somos a parte visível das festas” (Presidente da AAELG).

A AAELG é uma associação empenhada em transmitir e perpetuar as Festas Nicolinas. Apoia a Comissão na organização das Festas Nicolinas e participa em várias atividades com a

comunidade como forma de dar a conhecer esta tradição, divulgando-a e motivando à sua participação; refiro-me principalmente às atividades realizadas junto das escolas. Para além disso, a AAELG tem sido muito dinâmica na restauração de números nicolinos que estiveram quase a desaparecer das festas, como é o caso das Danças de São Nicolau.

5.3 Primeira Saída Oficial da Comissão das Festas Nicolinas

Romagem da Saudade (1 de novembro de 2012)

Depois de eleita a Comissão, dá-se a sua primeira saída oficial no dia 1 de novembro (dia de todos os santos). O principal objetivo desta saída é homenagear os “ilustres” nicolinos já falecidos.

De manhã cedo, a Comissão reúne-se em frente à Torre dos Almadas (sede da AAELG). A Torre dos Almadas é uma torre localizada entre a Tulha e a Rua da Rainha e terá pertencido a Pedro Álvares de Almada, tendo por isso sido chamada de Torre dos Almadas.

Para além dos membros da atual Comissão, participam e acompanham esta deslocação membros de Comissões de festas anteriores, membros da Associação dos Antigos Alunos de Guimarães (AAELG), “irmãos” da Irmandade de São Nicolau e “apaixonados” pelas festas.

Um membro da A. A. E. L. G. abre a porta da Torre dos Almadas e inicia a cerimónia com a entrega da Bandeira da Academia (Bandeira Escolástica) ao 1º Vogal da Academia (é sempre o 1º Vogal da Academia que transporta a bandeira), como ilustra a Figura 1.



Figura 1 – Entrega da bandeira da Academia ao 1.º Vogal da Academia – reproduzido do site www.guimaraesdigital.com

O 1º Vogal da Academia e, concomitantemente, a bandeira da Academia vai sempre à frente da Comissão.

Após a sua saída, dirigem-se à Capelinha de São Nicolau e homenageiam o Santo Padroeiro dos Estudantes. Segundo o membro da AAELG que também acompanhou esta deslocação, este momento é relativamente recente; tem cerca de dois anos.

Foi-me dito que a primeira vez que a Comissão homenageou São Nicolau fizeram-no de uma maneira muito “banal”; por isso, houve a necessidade de “ajudar a que este momento se tornasse digno. Muitos deles, chegavam completamente bêbados e era o caos; mesmo no cemitério as antigas comissões andavam às aranhas, à procura dos falecidos, agora há um roteiro” (membro da AAELG).

Para melhorar esta “cerimónia”, a AAELG fez um livro com dedicatórias e um mapa para guiar a Comissão no cemitério. Por outro lado, foi pedido à Irmandade de São Nicolau que oferecesse as flores para serem colocadas nas urnas contendo um pequeno dizer: “Homenagem da Comissão das Festas Nicolinas 2012”.

Depois da Capelinha de São Nicolau dirigem-se a pé (por um percurso previamente estudado) até ao cemitério. Fizeram, como é usual, uma paragem ao pé das floristas, que se encontram junto à entrada do cemitério, para o tradicional peditório das flores (os estudantes pedem aos floristas presentes ramos de flores para oferecer aos seus familiares já falecidos).

Um dos nicolinos homenageados nesta ação foi o Nicolino-Mor Hélder Rocha (figura de referência nas Nicolinas).

Na igreja do cemitério, um membro da AAELG e da Irmandade de São Nicolau, procedeu à distribuição dos ramos de flores oferecidos pela Irmandade.

De seguida, o “cortejo” fez várias paragens em frente às urnas. Aos nicolinos mais “prestigiados” foi lida uma dedicatória, presente no livro (roteiro) elaborado pela AAELG. Os membros da Comissão foram lendo as dedicatórias à vez e no final colocaram o respetivo ramo oferecido pela Irmandade.

Os nicolinos partiram para esta deslocação com o traje do estudante (traje académico) que é composto por uma batina preta, colete preto, camisa branca, calça preta, gravata preta, sapatos pretos e capa preta. Eles têm também outro traje chamado “traje de trabalho” que é composto por camisa branca, calça preta, lenço tabaqueiro e mitra.

Uma figura muito carismática das festas, mas que nunca foi nicolino, é o Sr. Manuel Silva. O Sr. Manuel Silva é um “amante” das Festas Nicolinas. Ele participa e colabora nas

festas há muito tempo. Acompanhou a comissão nesta homenagem e acompanhou a comissão nos vários números por ela organizada. Tem uma participação ativa na decoração dos carros que fazem parte do cortejo do Pinheiro. Ajuda e aconselha a Comissão nas várias ações em prol das festas. O Sr. Manuel Silva diz o seguinte: “não sou nicolino mas conheço mais as Nicolinas do que qualquer nicolino”.

5.4 Ensaios

O período que antecede as Nicolinas é marcado por inúmeros ensaios, desde os ensaios para as danças, os ensaios para a declamação do pregão, encenações, representações, etc., mas o empenhamento maior é colocado na preparação dos toques nicolinos com a comunidade escolar. Segundo a tradição, estes “lembravam à população que as Festas Nicolinas estão a chegar” (Silva, L.M., 1991: 88).

5.4.1 Ensaio das Danças de S. Nicolau (8 de novembro de 2012)

Os ensaios das danças de S. Nicolau (número Nicolino organizado pela AAELG) decorreram nas instalações da sede da Associação dos Trovadores do Cano. Estavam vários membros da AAELG, entre eles o seu Presidente.

O ensaio das Danças (assim chamado pela maioria presente) foi coordenado por um membro da AAELG, sendo este também o escritor de vários momentos da peça. As danças de São Nicolau são uma espécie de dramatização /sátira à sociedade. As danças abordam vários temas: relativos à cidade de Guimarães (este ano o tema predominante foi Guimarães Capital Europeia da Cultura), ao país e às Festas Nicolinas.

As danças assumem quatro personagens principais: O Afonso (Afonso Henriques), a Muma (Condessa Mumadona Dias), o Truão (o palhaço), São Nicolau (Bispo S. Nicolau) e o Camareiro (empregado/criado de Afonso). Para além das personagens principais entram várias personagens secundárias, entre elas várias figuras mitológicas como têm sido tradição neste número.

Segundo o Presidente da AAELG, a personagem de S. Nicolau está menos presente do que anos anteriores, porque “o lado religioso deixa de ser tão visível como o era antes do 25 de abril de 1974, onde havia uma maior predominância religiosa” (Presidente da AAELG).

No entanto, o texto das danças depende de cada “ideólogo”. Cabe a ele escolher ou remover personagens, como foi o caso da personagem do “Diabo”, presente em várias danças anteriores mas que desapareceu.

Para além dos momentos teatrais no palco são também exibidas durante as danças vários *sketches*: “geralmente aparecem nas pausas das Danças, nomeadamente na mudança de cenários para entreter o público” (Presidente da AAELG). Um dos *sketches*, chamado “Olimpiadas do Varandim”, decorreu no Largo do Toural, onde fizeram uma abordagem ao desporto antevendo a Cidade Europeia do Desporto (2013).

A Comissão de Festas Nicolinas tem uma participação mínima nas Danças; entram sobretudo no início cantando o Hino de Guimarães e no momento final onde o espetáculo termina com o Hino de S. Nicolau dos Estudantes.

Em relação à participação da Comissão nas Danças, o Presidente da AAELG referiu que a “integração” desta depende da forma como cada Comissão “se chega” para as Danças.

Para além do coordenador há outras pessoas que ensaiam outros momentos /cenas do espetáculo, nomeadamente momentos musicais, desde a aprendizagem de músicas e de danças, como ilustra a Figura 2.



Figura 2 – Ensaio das Danças com velhos e novos nicolinos

5.4.2 Ensaio dos toques nicolinos (9 de novembro de 2012)

Os bombos e as caixas acompanham vários momentos nicolinos: as Moinas, o Dizimo de Urgezes, nos vários números que integram a semana das festas, como o Pregão, o Pinheiro e

as Novenas. Para cada momento destes citado, há um toque correspondente. De tal forma, a Comissão realiza vários ensaios dos toques nicolinos.

Habitualmente estes ensaios realizam-se em frente ao tribunal no Largo da Mumadona ou no Liceu Martins Sarmiento.

São, sobretudo, os estudantes do Liceu Martins Sarmiento, da Escola Secundária Francisco de Holanda e da Escola Secundária da Veiga que frequentam os ensaios.

No ensaio, as figuras de destaque são o Chefe de Bombos e o Subchefe de Bombos. Devem ensinar os toques nicolinos. Na Figura 3 vemos o subchefe a ensinar o toque da caixa a um participante das moinas.

O Chefe dos Bombos tem consigo uma boneca presa a um cabo de vassoura (ver Figura 4) que serve para auxiliar no toque do bombo, ou seja, marca o toque do mesmo. Enquanto que a caixa é tocada apenas por uma só pessoa, o bombo é tocado por mais; é frequente ver-se quatro pessoas por bombo, mas isso varia consoante o grupo.

Há vários membros da Comissão que ao lado do grupo, com o punho fechado, auxiliam a marcação do toque (como mostra a Figura 5).

Acontece várias vezes, o grupo não tocar em simultâneo. Os membros da Comissão chamam a atenção para o facto e auxiliam na entrada do ritmo certo.

O Chefe de Bombos, quando se apercebe de que o grupo não está a acompanhá-lo, pode, também, com a ajuda da sua boneca, parar e recomeçar o toque.

Vários membros das antigas comissões também compareceram e ajudaram na sua organização. No final do ensaio um membro da Comissão anuncia a hora a que todos devem estar presentes para a primeira moina, pedindo também ao grupo para trazerem vestido camisa branca, lenço à tabaqueiro e mitra (idêntico ao traje do trabalho).



Figura 3 – Subchefe de Bombos a dar indicações sobre o toque da caixa



Figura 4 – Chefe de Bombos e a sua boneca "Angelina"



Figura 5 – Ensaio do toque com o punho fechado

5.4.3 As Moinas (10, 17 e 24 de novembro de 2012)

A moina consiste em ensaios dos toques nicolinos num cortejo, com a Comissão e vários estudantes, tendo início no Largo da Mumadona e terminando no Largo do Toural.

Os estudantes acompanham o cortejo com caixas e bombos. O toque característico da moina tem o seu próprio nome: o toque da moina.

Quando um membro da Comissão profere a palavra organizar (frequentemente ouvida), o grupo posiciona-se para arrancar, como demonstra a Figura 6. As caixas ficam nas laterais e os bombos no centro. O Chefe de Bombos, à frente e de frente para o grupo, marca o toque do bombo com a boneca. Devo dizer que, como está de costas para o percurso, é frequentemente apoiado por colegas da comissão e outros. É de salientar o grande esforço físico deste, não só na moina mas em vários números das Festas Nicolinas.

Depois temos um membro que inicia o toque da moina com a caixa até o grupo se juntar ao toque.

Antes do início da moina têm lugar alguns preparativos, nomeadamente a afinação das caixas. Verifica-se uma ajuda mútua no ato de esticar bem as cordas. O cinto da própria caixa, que serve de apoio ao seu transporte, serve de meio para esticar melhor as cordas; os membros da Comissão também auxiliam nesta tarefa.

Há todo um cuidado prévio com estes objetos. É usual verem-se caixas ao sol um mês antes do início das Nicolinas para que o toque tenha mais qualidade.

Por outro lado, várias caixas e bombos, mas sobretudo as caixas, são decoradas consoante a criatividade do seu proprietário, como ilustra a Figura 7. Vêem-se imensas caixas com imagens alusivas a Guimarães, às Nicolinas e ao Vitória Sport Clube. Também são colocados na parte metalizada da mesma, vários autocolantes relativos às Festas Nicolinas e aí a Comissão de Festas oferece autocolantes relativos ao ano a que dizem respeito.

Para ajudar a organização da moina compareceu o Sr. Manuel Silva. Lançou foguetes às 15h00 em ponto, assinalando o início da mesma. Para além do Sr. Manuel Silva compareceram outros senhores também conhecidos no “universo nicolino” sem nunca terem feito parte das Comissões das Festas Nicolinas ou serem “velhos” nicolinos. Apoiaram o cortejo nomeadamente no percurso pelas estradas, com coletes refletos, dando indicações aos automobilistas.

O cortejo passa por várias ruas da cidade dependendo do seu destino, isto é, por quem é oferecida a moina. Neste primeiro dia de moina de 2012 foram oferecidas três moinas: uma pelo bar Green Line, outra pela Taverna Bar e por último, pela Infusões Galeria.

Há locais que costumam oferecer a moina há vários anos (é o caso da família Santoalha), por outro lado, há pessoas que ofereceram a moina pela primeira vez, como é o caso do bar Green Line, um café que abriu há relativamente pouco tempo e cujo proprietário foi incitado pelo Sr. Manuel a oferecer a moina como forma de poder publicitar o seu café.

Um Velho Nicolino (o camareiro das Danças de S. Nicolau) disse-me que não há um “padrão” definido relativo à oferta das moinas: “a comissão vai onde oferecem e é cada vez mais difícil porque com a crise não é fácil dar de comer àquela gente toda...”

À porta da “moina” o cortejo para, mas continua a tocar repetidamente até que um membro manda parar, como se verifica na Figura 8 (abanam a boneca de um lado para outro proferindo em voz alta a palavra “parou”).

A “moina” consiste num “lanche” com muita comida e bebida à mistura. No final da moina, o Presidente da Comissão, ou outro membro com um cargo “superior”, agradece a oferta e no final todos “rufam” com as caixas e os bombos agradecendo a mesma.

O calendário das moinas depende de cada Comissão. A Comissão de 2012 optou por realizar três moinas nos três sábados que antecederam o início das Festas Nicolinas.

Segundo o Sr. Manuel Silva, antigamente só podia usufruir da moina “comer” quem fosse estudante e quem tocava: “eu pegava às escondidas e fugia”.

O “ritual” repete-se nas moinas seguintes.

Na moina, o Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro e Secretário vestem o traje académico e os restantes membros vestem o traje de trabalho.

O chafariz do Toural é o lugar escolhido para o final da moina (relembra-se que o chafariz tem muita história nesta tradição). Neste local, termina o dia de moinas, com repetidos toques, dizem-se algumas palavras de agradecimento e combina-se a próxima moina, apelando mais uma vez para a roupa a usar.

Na Figura 9 e Figura 10 damos conta de outra ocorrência muito visível nestas festas. Devido à intensidade do toque, é característico nas Festas Nicolinas os bombos ficarem marcados com o sangue de quem toca. Dependendo da forma como as pessoas tocam o toque Nicolino no bombo, as mãos podem ficar com feridas. O sangue resultante das feridas que sai das mãos, vai manchando o bombo; isto é encarado como sendo normal nas Festas Nicolinas.

Aliás já A. S. Silva refere as marcas nas mãos como sendo motivo de orgulho (Silva, L. M., 1991). Para muitos participantes é um motivo de orgulho, uma vez que se torna visível a força com que o toque foi tocado. Vários são aqueles, que se previnem com luvas e gases enroladas nas mãos, como forma, de as proteger. Por outro lado, nem todos os bombos chegam ao final do número com as peles intactas. É usual ver-se bombos com as peles rasgadas, e isso deve-se à intensidade com que o toque Nicolino é tocado.



Figura 6 – Forma e estrutura do cortejo da moina



Figura 7 – Caixa decorada com o Castelo de Guimarães



Figura 8 – À porta da 1.ª Moina 2012 em frente ao café Green Line



Figura 9 – Bombo com a pele rasgada



Figura 10 – Bombo marcado com sangue

5.5 Peditório (16 de novembro de 2012)

Antes do início das Nicolinas, a Comissão de Festas realiza vários peditórios pela cidade de Guimarães e arredores com a finalidade de angariar recursos para a realização das mesmas.

Os nicolinos, vestidos com o traje académico, dividem-se e a passo largo vão batendo de porta em porta anunciando o motivo pelo qual estavam ali: “boa noite, somos da Comissão de Festas Nicolinas e como é tradição estamos a fazer o peditório” (2º Vogal das Festas).

Devo mencionar que não tenho registo fotográfico dos peditórios. Há uma relutância e desconfiança por parte dos habitantes em abrir as portas, principalmente à noite. Deduzi que se

vissem alguém a tirar fotografias poderia causar mais estranheza; por isso, para não interferir e não perturbar o peditório, procurei estar sempre o mais distante possível.

A desconfiança era tão notória que várias pessoas comentaram o fato de ser cada vez mais perigoso abrir as portas a estranhos: “os peditórios deviam ser de dia pois à noite há muita malandragem, a gente tem medo” (habitante).

Depois de percorrerem várias casas, o 2º Vogal das Festas, numa conversa informal, explicou-me como funcionavam os peditórios. Cada membro tem uma quantia em dinheiro para cumprir, ou seja, tem um objetivo que deve alcançar, pode ou não fazê-lo, “a nossa meta é de chegar aos 90 euros; eu já tenho 80” (2º Vogal das Festas).

No caso de não conseguir arrecadar a quantia necessária para atingir o seu objetivo e se outro membro que faz consigo o peditório ter conseguido e até ter superado o mesmo, pode ajudar o seu colega dando-lhe o dinheiro que tem a mais para que aquele consiga entregar a quantia a que foi proposto alcançar: “vou contar o dinheiro, se precisar ajudamo-nos para entregarmos o mesmo, nós funcionamos como uma família, aqui não há uns com mais outros com menos”. (2º Vogal das Festas da Comissão de Festas Nicolinas). Outro facto a salientar para a compreensão do funcionamento deste peditório, é que os objetivos dos peditórios são diferentes consoante as zonas. Há zonas que já sabem que conseguem mais dinheiro do que outra. O peditório acaba às 22h00 ou quando a meta é superada.

5.6 Participação no “Guias improváveis” com membros da AAELG (24 de novembro de 2012)

No âmbito do programa “Tu fazes parte” – Guimarães Capital Europeia da Cultura, é escolhido um “roteiro”, desde ruas a monumentos, etc. e são convidadas pessoas da cidade para falarem desse mesmo roteiro partilhando saberes e memórias: as Nicolinas fizeram parte do “roteiro” deste programa. Os guias foram o Sr. Ricardo Gonçalves, “velho nicolino”, escritor de vários momentos das Danças e participante (“ator”), e o Sr. João Neves, tesoureiro da AAELG (tem um papel bastante interventivo nas festas).

Iniciaram o programa com uma breve abordagem das Festas Nicolinas. De seguida, fizeram uma pequena demonstração do pregão na varanda da Câmara Municipal de Guimarães, passando pela Travessa da Senhora Dona Aninhas (madrinha dos estudantes) e pelo primeiro Seminário do Liceu que agora é a futura extensão do Museu Alberto Sampaio. Os guias improváveis terminaram no Largo do Toural.

5.7 A A.A.E.L.G. e as Escolinhas de Guimarães (28 de dezembro de 2012)

A A.A.E.L.G. promove junto das escolinhas várias atividades no sentido de dar a conhecer a tradição nicolina aos mais novos.

A Torre dos Almadás tem as portas abertas às escolinhas que a queiram conhecer; quando é solicitada também faz visitas e atividades nas escolas.

Tive a oportunidade de observar esta realidade pois participei em duas iniciativas: observei uma visita de estudo de um Jardim de Infância à Torre dos Almadás, onde as crianças visitaram os espaços e participaram num diálogo sobre as festas e acompanhei a Associação numa visita a duas escolas do 1º ciclo do ensino básico de Guimarães. Alguns membros da Associação levaram caixas e bombos e tocaram o toque do Pinheiro; as crianças, por outro lado, também tinham preparado uma representação acerca dos números nicolinos.

5.8 Corte do Pinheiro, Cortejo do Retábulo de S. Nicolau e Cortejo do Pinheiro (29 de novembro de 2012)

Corte do Pinheiro

Por tradição, o Pinheiro é cortado de manhã bem cedo no dia do Pinheiro, dia 29 de novembro.

O corte do Pinheiro realiza-se no monte de Aldão, propriedade conhecida por Casa de Aldão onde já há mais de 50 anos o Pinheiro é cortado e oferecido às Nicolinas: “não sei precisamente há quanto tempo vêm cá cortar o Pinheiro mas eu tenho 65 anos e sempre cortaram cá” (Proprietária do Monte de Aldão).

Como a família de Aldão oferece o Pinheiro em prol das Festas Nicolinas há vários anos, e como os Pinheiros não são inesgotáveis, a AAELG ofereceu a esta propriedade 50 Pinheiros que foram plantados como forma de reflorestar esta localidade e, concomitantemente, perpetuar a tradição.

A Comissão e alguns homens que já costumam cortar o Pinheiro escolhem qual o Pinheiro a cortar. Este ano, o Pinheiro foi escolhido com base na facilidade de acesso, para os bois o poderem transportar. A comissão apenas assiste ao corte do Pinheiro.

Na Figura 11 podemos constatar que cortar o Pinheiro não é tarefa fácil; este é cortado com moto serra apoiado por várias cordas onde os homens que as seguram controlam a sua queda: “é preciso muita perícia para cortar o Pinheiro e transportá-lo no carro de bois. O Pinheiro quando cai não pode partir a coroa senão não serve e “chamar os bois” é diferente do campo e da cidade. Atravessar aqui a Madredeus é muito complicado e depois naquela multidão na noite do Pinheiro não é fácil não” (Proprietária Monte de Aldão).

Quem faz o transporte do Pinheiro até ao Cano (onde parte o cortejo do Pinheiro) é uma junta de bois (Figura 12) e não é qualquer boi que o faz: “eu já transporto o Pinheiro há 25 anos e estes bois são especiais; já vêm ao Pinheiro há 8 anos” (Proprietário da junta de bois que transporta o Pinheiro). No cano, o Pinheiro é vigiado pelos membros da Comissão, à vez, até à sua saída.



Figura 11 – Corte do Pinheiro



Figura 12 – A junta de bois que transportou o Pinheiro

Cortejo do Retábulo de S. Nicolau

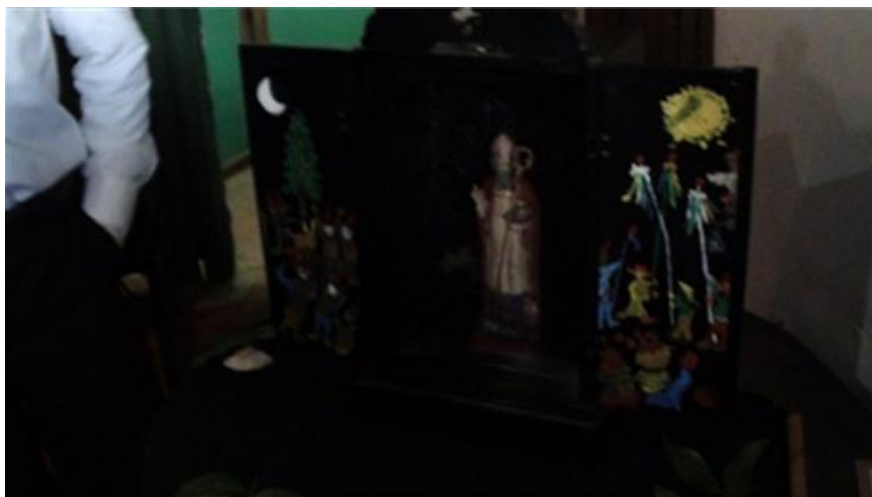


Figura 13 – Retábulo de São Nicolau

Depois do corte do Pinheiro, a Comissão parte para o centro da cidade para organizar o Cortejo do Retábulo de S. Nicolau (Figura 13).

Muita gente faz deste momento uma imitação do que acontece na noite do Pinheiro; inclusive, houve escolas que trouxeram para este cortejo uma “mini” junta de bois com um “mini” pinheiro, mas segundo um membro da AAELG é errado porque não se pretende uma imitação do Pinheiro com as escolinhas de Guimarães.

O Cortejo do Retábulo de S. Nicolau é algo ainda muito recente nas Nicolinas. Houve uma escola que iniciou este cortejo, o Lar de St. Estefânia, e que ao longo do tempo foram se juntando outras escolas. Hoje são imensas escolinhas (jardins de infância) que se envolvem neste cortejo e por isso participam centenas de crianças.

As crianças aprendem a tocar o toque do Pinheiro com a ajuda das educadoras, das auxiliares e da Comissão quando esta é solicitada. Vestem-se a rigor, conforme a tradição (camisa branca, lenço à tabaqueira e mitra) e trazem consigo pequenos tambores.

A concentração das escolas dá-se em frente à Câmara Municipal. Os nicolinos dividem-se e vão buscar as crianças das escolas que solicitaram o seu apoio. Quando todas as escolas chegam ao local combinado, estas partem em cortejo e associam-se à Comissão que, como podemos constatar na Figura 14, à frente do cortejo, transporta o Retábulo de S. Nicolau, desde a Capela do S. Nicolau até à Torre dos Almadas.

Em frente da capela encontram-se vários “irmãos” da Irmandade de S. Nicolau. E é precisamente um destes irmãos que entrega o Retábulo ao Presidente da Comissão. São proferidas algumas palavras de agradecimento às instituições lá presentes e segue-se o cortejo.

O final desta iniciativa dá-se no Largo do Toural.



Figura 14 – Presidente, com o Retábulo na mão, e a comissão a dirigirem-se para a Torre dos Almadas

Pinheiro

O jantar do Pinheiro dá início à festa e ao primeiro número da semana das Nicolinas. Os restaurantes de Guimarães estão lotados; as reservas são feitas com muita antecedência para garantir jantar nesse dia.

O menu para essa noite é também uma tradição: rojões com papas e castanha, regados com vinho carrascão.

À hora do jantar vêem-se imensos grupos de pessoas, uns maiores outros menores, com caixas e bombos tocando o toque do Pinheiro ao mesmo tempo que se dirigem para o restaurante. Aí se começa o convívio com os amigos e familiares que tanto caracteriza esta noite.

A Comissão de Festas Nicolinas não faz o típico jantar do Pinheiro. Segundo o Presidente da Comissão, estes apenas lancham, uma vez que precisam de vigiar o Pinheiro: “muitas vezes o nosso jantar é um prego no pão e bebemos qualquer coisa” (Presidente da Comissão).

Apenas dois membros da Comissão jantam. São eles o Chefe de Bombos que acompanha o jantar da AAELG e o Subchefe dos Bombos que acompanha o jantar da ACFN

(Associação das Comissões das Festas Nicolinas). Estes dois grupos vão para o restaurante sempre a tocar e saem do mesmo a tocar.

É uma noite em que várias entidades estão mobilizadas em prol do bom decorrer da festa, desde os bombeiros, a PSP, o hospital de Guimarães, entre outras.

A saída do Pinheiro dá-se às 23h00. Por volta desta hora chegam algumas juntas de bois, uma das quais para transportar a figura de Minerva, outras para transportar cartazes com piadas relativas aos acontecimentos mais marcantes do ano e uma junta para transportar o Pinheiro. Ainda antes da saída várias pessoas se deslocam ao cano só para verem o Pinheiro e lerem as “piadas”.

As “piadas” são escritas pelos membros da Comissão: “ as piadas do Pinheiro essas são escritas por nós, apoiamo-nos e perguntamos: pá uma palavra que rima com...” (Secretário da Comissão de festas)

No campo de S. Mamede e no Largo de S. Gualter, as *roulottes* com comes e bebes também já fazem parte do cenário desta noite que é uma das mais longas noites do ano em Guimarães.

O “carro” que transporta o Pinheiro a esta hora já está decorado com festões, balões, lâmpadas alimentadas a óleo que são colocadas mesmo na hora da saída do Pinheiro. A decoração está a cargo dos membros da comissão com a ajuda do Sr. Manuel Silva (ver Figura 15).

O cortejo do Pinheiro tem a seguinte ordem: à frente está a AAELG com o chefe de bombos, depois o carro de Minerva (Figura 16), seguido dos carros com piadas (Figura 17), o carro do Pinheiro e atrás está a ACFN com o Subchefe de Bombos.

A Comissão de Festas não participa com o tradicional toque do pinheiro com caixas e bombos. Tem como função zelar pelo bom percurso do cortejo até ao enterro do Pinheiro, o que implica orientar os grupos no cortejo. Vi muitas vezes a Comissão de Festas a afastar qualquer grupo que estivesse à frente da AAELG.

Os membros da Comissão estavam imparáveis, de cima para baixo davam indicações aos grupos que se iam juntando ao cortejo (de referir que ao longo do cortejo ainda se integravam grupos novos).

E, por isso, alguns membros da Comissão manifestam que não é de todo o número do Pinheiro aquele que mais gostam: “não paro na noite do Pinheiro, sempre a andar para cima e para baixo, até tive que expulsar um “velho” do cortejo” (Presidente da Comissão).

O cortejo do Pinheiro leva milhares de pessoas à rua. Umas participam com caixas e bombos e outras apenas assistem. É de salientar que a maioria das pessoas estava vestida com camisa branca, lenço à tabaqueira e mitra, tal como todos os membros da Comissão.

Muitos grupos de pessoas também levavam bonecos, vassouras ou ramos de árvore para orientar o seu próprio grupo no toque do Pinheiro. Quando não tocam todos ao mesmo ritmo, o sinal de paragem, que permite depois iniciar o toque em simultâneo, é dado com os braços erguidos, tocando com uma baqueta na outra repetidamente.

Tanto o Chefe de Bombos como o Subchefe de Bombos levavam uma pessoa atrás para os orientar no percurso. Este começou no cano e terminou no Largo de S. Gualter junto ao monumento Nicolino (ver Figura 18).

À chegada ao local do “enterro” já se encontrava uma grua, uma escavadora, um buraco feito e uma barreira policial que impedia o acesso a este local (só era permitido à Comissão).

O Chefe de Bombos subiu a um alto (monte de terra do buraco) e continuou a marcar o toque do Pinheiro enquanto as pessoas intensificavam o toque e assistiam ao seu enterro. Passado pouco tempo o Subchefe de Bombos chegou ao local e acompanhou a marcação do toque do Pinheiro.

A escavadora e a grua iniciam o trabalho de erguer o Pinheiro, é deitado no buraco uma espécie de “chamas” que iluminam o local do enterro (Figura 19). Vários homens auxiliam nesta árdua e habilidosa tarefa.

De seguida, os membros da Comissão pegam em várias pás e enquanto o Pinheiro era erguido, com a ajuda da grua e da escavadora, estes iam deitando terra para o buraco e enterrando o Pinheiro.

Quando o Pinheiro é totalmente erguido e solto pela grua, ouvem-se palmas e assobios e a Comissão festeja de imediato. Como podemos verificar na Figura 20 e Figura 21, os nicolinos abraçam o Pinheiro, cumprimentam os colegas e há uma emoção que se solta no ar; novos e velhos nicolinos choram com um sentimento de tradição cumprida.

O “mastro” é erguido e é desta forma anunciado o início de mais umas Festas Nicolinas. Terminada a tradição do Pinheiro, a festa ainda continua pela noite dentro com uma grande concentração de jovens em frente ao Liceu de Guimarães, que continuam a tocar até altas horas da madrugada. Uma palavra para descrever esta noite, esta festa, esta tradição: emoção.

No final das Festas Nicolinas, e depois da época natalícia, o Pinheiro fica a cargo do município; antigamente, e segundo o Presidente da AAELG, davam-no à casa dos pobres para cortarem e fazerem a lenha.

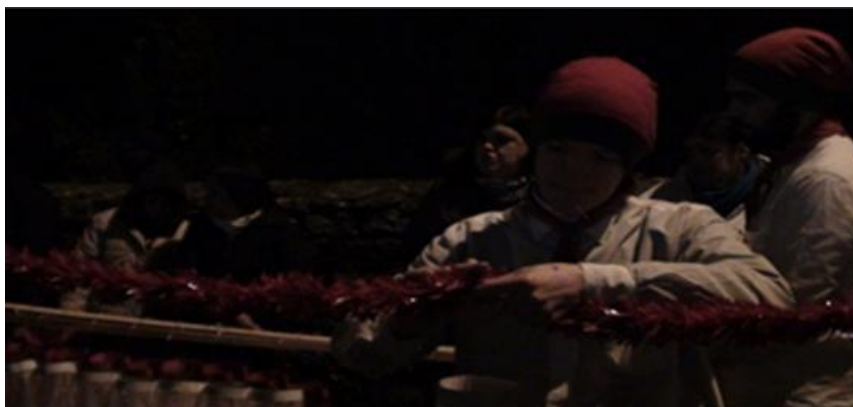


Figura 15 – A comissão a decorar o carro do Pinheiro



Figura 16 – Carro de Minerva



Figura 17 – Carro com as tradicionais piadas



Figura 18 – Local do "enterro"



Figura 19 – Iluminação do local do "enterro"



Figura 20 – Nicolinos abraçam-se e festejam o enterro



Figura 21 – Missão cumprida, um abraço ao Pinheiro

5.9 Solenidades em honra a S. Nicolau (2 de dezembro de 2012)

As solenidades em honra a S. Nicolau consistem, como o próprio nome indica, numa homenagem solene a este Santo.

Há uma pequena procissão com o Santo, antes da missa. O Santo sai da Capelinha de S. Nicolau até à Igreja da Nossa Senhora da Oliveira. A Comissão de Festas Nicolinas, que não se encontrava com todos os elementos, caminha à frente da procissão vestida com o traje académico e a tocar o toque das novenas com as caixas (ver Figura 22).

O 1º vogal da Academia leva consigo a bandeira da Academia e logo a seguir seguem os irmãos da Irmandade de S. Nicolau. A imagem de São Nicolau é transportada por alguns “irmãos” que segue atrás no cortejo (ver Figura 23).

Durante a celebração da missa, o senhor Padre lembrou o regressar às origens, “fazer conhecer o S. Nicolau, o verdadeiro Patrono dos Estudantes, tudo nasceu desta devoção...”.

Devo salientar que o toque das novenas foi ouvido durante a cerimónia. A comissão tocou dentro da igreja, algo que muitos nicolinos referem com orgulho: “toca-se caixas dentro da igreja” (Ricardo Gonçalves em Guias Improváveis).

No final da missa foi inaugurado o altar de S. Nicolau, cuja obra foi costeada pela Irmandade, e de seguida foi cantado o Hino a S. Nicolau.

Esta solenidade terminou com um “mini” cortejo que passou pela Praça de S. Tiago, pela Praça da Oliveira terminando com a entrega da imagem à Capelinha de S. Nicolau.



Figura 22 – A comissão à saída da Capelinha de S. Nicolau



Figura 23 – S. Nicolau

5.10 Roubalheiras (2 de dezembro de 2012)

As Roubalheiras, pegando nas palavras do senhor Ricardo Gonçalves nos “Guias Improváveis”, são uma “praxe” à cidade. Basicamente consistem em “roubar”, tirar coisas do seu lugar e concentrá-las no largo do Toural.

As Roubalheiras, apesar de estarem no cartaz das Nicolinas, não têm data marcada. Isto deve-se ao facto de em anos anteriores algumas pessoas terem aproveitado a noite, o seu significado, para cometerem atos menos próprios.

As Roubalheiras são realizadas sempre à noite e duram até de manhã, aproveitando as horas em que a cidade “dorme”.

Nas Roubalheiras participam a Comissão e vários antigos membros das comissões anteriores (este ano (2012) participaram cerca de 30 nicolinos). Chegam por volta da 00h30 ao Largo do Toural e montam a “tenda” (ver Figura 24). De seguida, dividem-se em grupos e cada

grupo dirige-se para uma zona. Levam consigo um pequeno papel que informa o titular do objeto “roubado” que se trata da roubalheira e que este se encontra no Largo do Toural para o ir levantar.

Posto isto, é “roubado” de tudo um pouco. Este ano até uma motorizada da PSP não escapou, tal como, placas das lojas, dos escritórios, carrinhos de compras, vasos, balizas, cadeiras, mesas, sinais de trânsito, roupa do estendal, casota do cão, entre outros.

Segundo o Subchefe de Bombos, “estamos aqui com o objetivo de fazer umas boas Roubalheiras, tentar superar o ano passado, porque é assim: quanto maior for aquilo que roubamos e pomos no Toural maior é o nosso orgulho no fim, para poder mostrar à cidade o que em grupo nós somos capazes de fazer” (Afirmção de um membro da Comissão (subchefe de bombos) tirado da reportagem da GMRTV)

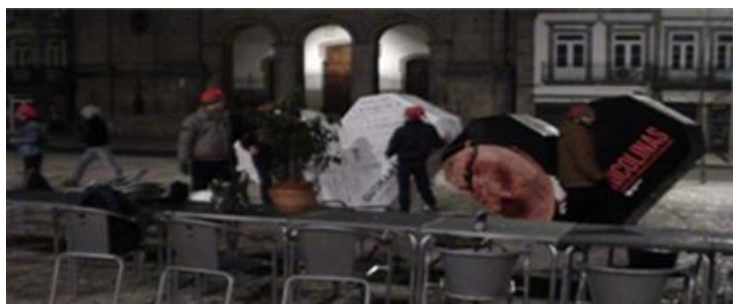


Figura 24 – A comissão na execução das Roubalheiras

Enquanto uns “roubam” outros fazem vigia aos objetos já roubados no Toural e essa vigia dura até de manhã.

5.11 Dízimo de Urgezes (4 de dezembro de 2012)

O Dízimo de Urgezes é uma “posse” que se realiza atualmente na Junta de Freguesia de Urgezes e está na origem das Posses Nicolinas.

Quando os Dízimos foram extintos, os estudantes perderam este “legado”, “posse”, “renda”, “regalia”, “dízimo” e perdeu-se este costume.

Em 1998, com um pequeno incentivo do Nicolino-mor, o Sr. Hélder Rocha, sugerindo o ressurgimento deste costume, a Junta de Freguesia de Urgezes retomou esta tradição.

No final da tarde do dia 4 de dezembro, os nicolinos, vestidos com o traje académico, chegam à Junta de Freguesia de Urgezes, com caixas e bombo, a tocar o toque das novenas. Dá-se início àquela que é considerada a primeira posse do dia.

É lido um texto (este ano da autoria do professor Álvaro Nunes) em rima (satírico/poético), por um representante da Junta de Freguesia de Urgezes, onde se referem acontecimentos mais marcantes do país, da cidade e das Festas Nicolinas. No final os nicolinos chamam pelo Dízimo:

E venha o Dízimo!

E venha o Dízimo!

E venha o Dízimo!

O Dízimo é, então, entregue pelo Presidente da Junta de Freguesia de Urgezes à Comissão de Festas Nicolinas. Esta entrega é feita de uma forma peculiar: da varanda, desce com a ajuda de uma corda, um cesto com a posse lá dentro e os nicolinos em baixo tentam alcançá-la; quando é conseguido dá-se por terminado este número.

5.12 Posses e Magusto (4 de dezembro de 2012)

As Posses, com origem no Dízimo de Urgezes, realizam-se no dia 4 de dezembro à noite, sendo o campo da feira o local escolhido para a saída. É um número Nicolino bastante animado e abrilhantado por uma Banda de Música, como podemos observar na Figura 25.

Os nicolinos, de braços entrelaçados, vão em fila, dançando e saltando ao ritmo do hino de São Nicolau, que é tocado pela Banda de Música que acompanha este cortejo (ver Figura 26). Na parte mais rápida da música os nicolinos dão as mãos e saltitam de lado para lado. Na parte mais lenta do hino (corresponde ao refrão “Folgar folgar”), os nicolinos param de saltitar e caminham em forma de “marcha”.

Todos os nicolinos estão vestidos com o traje de trabalho e este é um dos motivos porque este número é para o Presidente da Comissão o melhor número das festas: “estamos todos juntos/unidos e somos todos iguais”. (Presidente da Comissão)

A primeira Posse foi dada no Restaurante da Piedade, seguida de tantas outras: Liceu Martins Sarmiento, casas particulares, cafés, associações, etc... A última Posse foi entregue pela AAELG na sua sede (Torre dos Almadas).

Quando os nicolinos chegam ao destino (à porta de quem vai oferecer a posse), a Banda de Música para de tocar e os nicolinos em voz alta “pedincham” a *Posse:

E venha a Posse!

E venha a Posse!

E venha a Posse!

E venha a Posse!

Em cima de uma varanda ou janela, os instituidores da Posse leem ou discursam um pequeno texto, muito idêntico ao do Dízimo, e entregam-na da mesma forma: a Posse é colocada numa cesta que é descida com o auxílio de uma corda.

Neste número há muita brincadeira à mistura. Muitas vezes, quem oferece a Posse dificulta o alcance da mesma. No momento em que a Posse está prestes a ser conseguida puxam o cesto para cima. Tal situação leva muitas vezes os nicolinos a utilizar estratégias para obter a posse (ver Figura 27).

Por outro lado, muitos instituidores brincam com o facto de os nicolinos sempre que a banda toca terem de dançar. De tal forma que, antes da entrega da Posse, é pedido inúmeras vezes o toque da Banda com o simples dizer: “e toca a Banda”. Assim, os nicolinos voltam a saltar de uma forma muito característica (unidos com os braços entrelaçados circulam aos “saltitos” no meio do público e ao ritmo da música).

Tenho de salientar a Posse oferecida pela ACFN (Associação das Comissões das Festas Nicolinas). Apesar do ritual ser semelhante a todas, esta foi aquela que conseguiu “arrancar” mais gargalhadas do público. Na varanda desta associação estavam vários elementos. O texto foi uma verdadeira comédia com bastante dramatização e cânticos à mistura (ver Anexo 4).

No final das Posses, na praça de S. Tiago e Praça da Oliveira, é organizado um Magusto. Neste momento são partilhados com a população os bens recolhidos nas Posses e são oferecidas as castanhas, assadas pelas assadeiras.



Figura 25 – Banda de Música



Figura 26 – A Comissão na execução das Posses

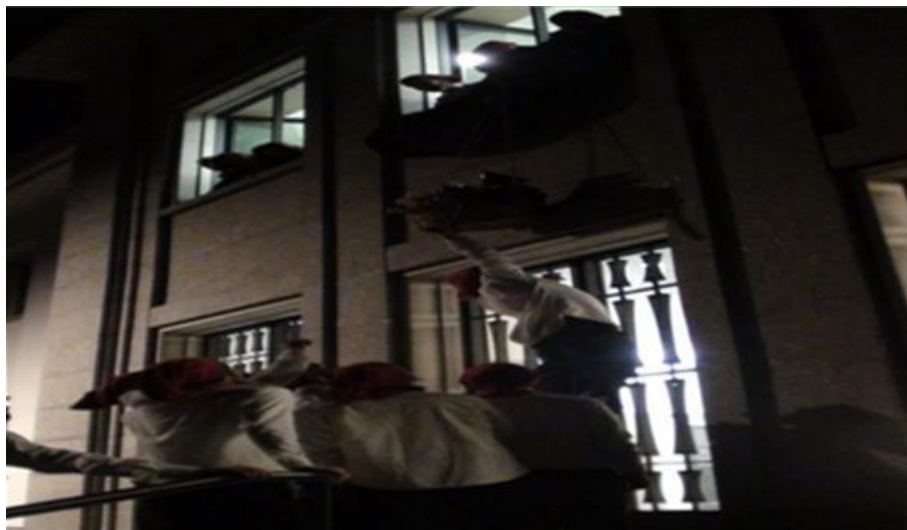


Figura 27 – Posse recolhida no Liceu Martins Sarmento

5. 13 Pregão Nicolino (5 de dezembro de 2012)

O Pregão, ou “bando escolástico”, como era chamado, consiste na declamação de um texto satírico-retórico por um nicolino previamente escolhido para o efeito: o Pregoeiro. Pegando nas palavras do Sr. Ricardo Gonçalves no programa “Guias Improváveis”, o pregão é uma comunicação ao país.

A escolha do Pregoeiro é feita por novos e velhos nicolinos mediante a realização de provas/ensaios onde observam aquele que melhor lê e declama o pregão.

Segundo o autor do Pregão deste ano, que também esteve na eleição do Pregoeiro, os nicolinos pegam em pregões de anos anteriores e dão a cada membro da comissão uma parte do mesmo para o ler. Deste modo, vão eliminando um por um até chegar àquele que tem mais atributos/qualidades para o papel. Uma curiosidade: ninguém, a não ser os nicolinos (novos e velhos), sabe quem vai ser o Pregoeiro; só o ficam a saber no próprio dia do pregão.

Durante a declamação do Pregão, o Pregoeiro fez algumas pausas para ir beber água. Esta atitude foi elogiada por alguns presentes dizendo que este sabia “cuidar da voz”. De facto, declamar inúmeras vezes o pregão não é tarefa fácil. Há toda uma apresentação a ter em conta, desde os gestos, à colocação vocal, à acentuação, à pontuação, etc.

Segundo informação do autor do Pregão do ano de 2012, qualquer pessoa pode propor a escrita do pregão. Se acontecer, como aconteceu este ano, de haver dois pregões escritos, estes vão a votação. É de opinião de que deveria haver uma partilha de ideias onde os pregões se pudessem juntar formando apenas um.

O Pregão do ano de 2012 foi escrito por João Teixeira e Melo e Tiago Borges e teve como tema inicial Guimarães Capital Europeia da Cultura.

O Pregão é lido em vários locais da cidade, locais esses que estiveram de algum modo ligados às Nicolinas: Câmara Municipal de Guimarães, Liceu Martins Sarmiento, casa da Senhora Dona Aninhas, Torre dos Almadas e Largo do Toural.

O Pregão está dividido por temas, obedecendo a uma estrutura. A primeira parte é dedicada às Festas Nicolinas, a segunda parte faz alusão aos acontecimentos mais marcantes da cidade de Guimarães e a terceira parte refere os acontecimentos mais marcantes ocorridos em Portugal (desde a política, a cultura, o desporto). No final do pregão ainda se pode ouvir um apelo aos estudantes para a dedicação e participação nicolina.

Sendo um texto bastante comprido, é escolhido um “ponto” para auxiliar o pregoeiro na declamação do pregão (o pregoeiro memoriza o pregão mas poderá enganar-se, esquecer-se e desta forma tem este apoio que se considera fundamental). O ponto está escondido e vai lendo o pregão em voz baixa junto do pregoeiro (ver Figura 28).

Os nicolinos estão trajados de forma diferente consoante o cargo que desempenham (ver Figura 29).

O cortejo do Pregão sai do Campo da Feira pelas 15h00 no dia 5 de Dezembro.

À frente do cortejo encontra-se o 1º Vogal da Academia, vestido com o traje de gala (fazem uma pequena adaptação ao traje académico), em cima de um cavalo transportando a bandeira da academia (ver Figura 30).

Segue-se o carro do Pregão, puxado por dois cavalos, que transporta o Pregoeiro, o Presidente, o Vice-Presidente e o Ponto (ver Figura 31). Atrás do cortejo segue um grupo de estudantes com caixas e bombos a tocar o toque do pregão. Este grupo é organizado pelos

restantes membros da Comissão, vestidos com o traje de trabalho, e o toque continua a ser da responsabilidade do Chefe de Bombos e do Subchefe de Bombos.

A primeira paragem foi em frente à Câmara Municipal de Guimarães. A praça do município estava cheia de pessoas tendo sido entregue um exemplar do pregão aos presentes. Era notório o nervosismo do Pregoeiro. Teve apoio por parte dos seus colegas com palavras de incentivo.

Quem também tinha bastante apoio era o 1º vogal da Academia por estar em cima do cavalo e ter passado por momentos muito complicados pela inquietude do cavalo. Não é de todo fácil manter-se em cima de um animal com aquela envergadura sem prática e experiência para o fazer.

O Pregoeiro recitou o pregão na varanda da Câmara Municipal, ao lado da Vereadora da Cultura e do Presidente da Câmara.

O Pregão foi recitado, depois, na janela do Liceu Martins Sarmiento, na janela da casa da Senhora Dona Aninhas, na janela da Torre dos Almadas e por fim dentro do carro do pregão no Largo do Toural. O Pregão foi recitado integralmente em todos estes locais e o pregoeiro fez as duas pausas habituais na mesma parte do pregão.

Enquanto o Pregoeiro recita o Pregão, os nicolinos novos e velhos zelam pelo ambiente/silêncio no local. No final do primeiro pregão recitado observa-se o contentamento e o agradecimento do pregoeiro, do ponto e do presidente (ver Figura 32).



Figura 28 – O Pregoeiro a declamar o Pregão e o ponto do pregoeiro



Figura 29 – A Comissão à saída do cortejo do Pregão



Figura 30 – 1.º Vogal da Academia à saída do cortejo



Figura 31 – Carro do Pregão



Figura 32 – Final do 1.º Pregão recitado

5.14 Maçãzinhas (6 de dezembro de 2012)

As Maçãzinhas realizam-se no dia litúrgico de São Nicolau. Este número nicolino consiste na entrega de maçãs pelos nicolinos às “damas” simbolizando o seu afeto por elas.

O cortejo das Maçãzinhas sai, normalmente, pelas 16h00, em frente às Oficinas de São José (lar de jovens rapazes). Vários meninos das oficinas participam no número e são “escudeiros”. Os escudeiros ajudam os nicolinos na recolha de presentinhos oferecidos pelas damas e na colocação das maçãs nas lanças.

Na Figura 33 e Figura 34 podemos ver vários carros alegóricos, decorados por diferentes escolas, que participam no cortejo. Decorreu, à semelhança de anos anteriores, um concurso de melhor carro das Maçãzinhas, como forma de incentivar à participação neste número. Segundo uma professora do Liceu Martins Sarmento, os alunos empenham-se muito para o concurso, trabalhando muitas horas com afinco na sua decoração.

O carro vencedor é divulgado nas Danças de S. Nicolau.

À frente do cortejo e em cima do cavalo vai o 1º Vogal da Academia. Seguem-se os carros das várias escolas transportando jovens do sexo masculino (membros da comissão, rapazes de outras escolas e jovens das oficinas) e as lanças (objeto que permitia entregar as maçãs às damas que estão nas varandas). A lança é uma longa vara com a ponta em metal afiada onde os nicolinos colocam a maçãzinha para chegar às meninas que estão nas varandas. As maçãs que são oferecidas nas Maçãzinhas têm características muito próprias: são pequenas e rosadinhas. As lanças são decoradas com várias fitas coloridas e cada cor corresponde a um significado. A fita do laço tem o dobro do tamanho das restantes, ata todas as fitas, e é oferecida por alguém especial. Para quem participa pela primeira vez, a fita de laço é oferecida pela mãe e é branca. Pode ser também oferecida por uma “dama”, ou melhor “a dama”, sendo esta fita cor-de-rosa (ver Figura 35 e Figura 36).

Depois dos carros alegóricos, segue-se o carro dos 4 (coche) que transporta os membros mais importantes da comissão (Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro e Secretário). Realçando o cortejo, participa, mais uma vez, a Banda de Música que, posicionada no final do mesmo, entoa os sons de São Nicolau.

Chegados à Praça de Santiago, para além de uma multidão à espera para assistir ao número, já se encontravam as meninas nas varandas da Praça de S. Tiago. As varandas estavam decoradas com capas pretas enfeitadas com várias flores (camélias brancas) (ver Figura 37).

As meninas que queiram participar neste número inscrevem-se junto da Comissão de Festas Nicolinas ou então junto da Comissão feminina que ajuda na organização deste número no que diz respeito à decoração das varandas e à participação das meninas.

Quando todos os carros chegam à Praça de Santiago, os nicolinos pegam nas lanças e colocam uma maçã no topo. Por baixo das varandas, os rapazes entregam as maçãzinhas às meninas que, por sua vez, como forma de agradecimento, oferecem um pequeno presente em troca, como demonstra a Figura 38.

Este número termina quando todas as meninas são presenteadas.



Figura 33 – Carro decorado pelos alunos da Escola Secundária Martins Sarmiento



Figura 34 – Carro decorado pelos alunos da Escola Secundária Francisco de Holanda



Figura 35 – A lança com a maçã na ponta



Figura 36 – As lanças decoradas com as fitas



Figura 37 – Varanda da Praça de S. Tiago com as "damas" à espera das maçãzinhas



Figura 38 – A entrega da maçã, a sua recolha e a entrega do pequeno presente

5.15 As Novenas (17 de dezembro de 2012)

As Novenas são celebrações religiosas realizadas nove dias antes do dia 8 de dezembro, dia da Nossa Senhora da Conceição. Esta tradição sofreu, como tantas outras, algumas alterações ao longo do tempo. Hoje em dia a Comissão de Festas Nicolinas participa apenas uma vez nestas celebrações. Este ano celebraram as novenas no dia 7 de dezembro.

A Comissão de Festas Nicolinas reúne-se à frente da Torre dos Almadás para partir em cortejo com vários estudantes que se associam a esta tradição. Este cortejo é animado com o som das Novenas “proveniente” das caixas e bombos que os estudantes, e também alguns membros da Comissão, levam consigo.

Todos os membros da comissão iam trajados com o traje académico, menos o Chefe de Bombos que se fazia acompanhar da já estimada “Angelina” (a boneca que marca o toque Nicolino).

O cortejo percorre várias ruas de Guimarães até chegar à Capelinha de Azurém de Fora, onde se celebra a missa. À frente da Capelinha tocam várias vezes o toque das Novenas (ver Figura 39). A Comissão de Festas Nicolinas participou também na celebração da missa (Figura 40).

No final desta celebração, o cortejo dirige-se ao mercado municipal que, com o som dos tambores, anunciam a chegada para mais um peditório a favor da Casa dos Pobres.

Os membros da Comissão distribuem-se pelo mercado pedindo alimentos pelas bancas, sendo posteriormente colocados em carrinhos de compras (ver Figura 41).

No final do peditório o cortejo segue em direção à Casa dos Pobres para entregar os bens alimentares conseguidos. Como é costume, os nicolinos que queiram tomar o pequeno-almoço nesta instituição podem fazê-lo; e assim se dava por terminada esta missão (ver Figura 42).



Figura 39 – Em frente à Capelinha da Nossa Senhora da Conceição



Figura 40 – Participação da Comissão na Missa



Figura 41 – Peditório de bens alimentares no Mercado Municipal



Figura 42 – Entrega dos bens alimentares à Casa dos Pobres

5.16 Baile Nicolino “Baile da Saudade” (7 de dezembro de 2012)

O Baile Nicolino consiste num baile de gala que junta novos e velhos nicolinos que, acompanhados pelas suas “damas”, num ambiente de muito *glamour* e animação, despedem-se de mais umas festas académicas.

Todos os membros da Comissão, as suas damas e os demais presentes se vestem a rigor. Eles de fato de gala (com o habitual traje académico mas com a camisa de gala, o laço e

as luvas); elas de vestido de cerimónia, uns compridos outros curtos, consoante o gosto de cada uma.

O Baile da Saudade, assim chamado pela comissão e organizado por esta, foi, no ano de 2012, realizado no pavilhão desportivo da Escola Secundária Martins Sarmento (Liceu de Guimarães). Vários professores desta escola ajudaram na sua organização e na decoração do espaço.

Primeiro é servido o jantar. Os “brindes” e as emoções marcam este momento. Depois do jantar “abrem” o baile e dá-se lugar a um “pezinho de dança”.

5.17 Danças de São Nicolau (8 de dezembro de 2012)

As Danças de São Nicolau são um número nicolino protagonizado pela AAELG, juntando a comédia e a crítica social dos acontecimentos mais marcantes do ano. Este ano o tema central das festas foi Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura (ver Figura 43).

As Danças de São Nicolau têm sido recentemente realizadas no Centro Cultural Vila Flor e destacam-se alguns momentos já habituais no seu início: a divulgação do carro alegórico vencedor das Maçãzinhas (este ano a Vereadora da Cultura procedeu à entrega do prémio tendo-se pronunciado sobre as tradicionais maçãzinhas num apelo marcante à sua participação e ao seu melhoramento) e a entrega dos prémios aos melhores alunos das várias áreas. Posto isto, dá-se início ao espetáculo.

As danças de São Nicolau, como já foi dito, desenrolam-se em torno das seguintes personagens principais: A Muma, o Afonso, o Truão, o Camareiro e o São Nicolau.

É um espetáculo cheio de animação, onde predomina a gargalhada constante. O espetáculo tem uma ordem estruturada. Inicia-se com o cântico do Hino de Guimarães, entoado por todos os participantes das Danças (desde os Velhos Nicolinos à Comissão de Festas Nicolinas) e termina com o cântico do Hino de São Nicolau, tocado pela banda dos “Trovadores do Cano”, com a participação de todos.

É um espetáculo com bastante adesão, onde se assiste a vários sketches previamente realizados (ver ensaios das danças). O número de bilhetes é muito inferior ao número da procura destes. Segundo Ricardo Gonçalves, “os bilhetes já estão esgotados pois há pessoas com lugares marcados há “20 anos” (em Guias Improváveis)



Figura 43 – Um dos momentos altos das Danças de São Nicolau (foto guimaraesdigital)

As Festas Nicolinas fazem parte da cultura vimaranense. É uma tradição muito estimada por todos aqueles que um dia vivenciaram, participaram nas festas. Alguns comentários que ouvimos dão conta deste sentimento tantas vezes difícil de descrever:

“...isto é como a tropa, respeitamos o traje mais do que os universitários, não há riquezas não há nada... ...quem manda é a Comissão...posso estar na China mas no dia 29 tenho que estar aqui, até me caem as lágrimas.” (ex. membro da Comissão de Festas Nicolinas).

Este sentimento é comum a todos os que um dia fizeram parte das Nicolinas. Podem estar longe, mas no dia 29 de novembro fazem tudo para estarem presentes e participarem nas festas com muito reencontro e convívio à mistura, “como se com esse regresso quisessem simbolizar um retorno ao doce ninho da infância, da adolescência e da juventude, àqueles tempos que os anos já há muito arredaram de si, mas que continuam bem vivos no seu espírito por um sortilégio da afectividade e da memória”(Silva, L. M., 1991: 23).

“...estou a adorar, foi a melhor coisa que fiz nos últimos tempos, e o meu horário veio mesmo a calhar; sou do liceu, antigamente as festas eram só do liceu, hoje não, mas o liceu é o liceu” (Secretário - Comissão das Festas Nicolinas).

“ Hoje, mais do que um culto religioso, é uma característica identitária da cidade, é uma das coisas que distingue Guimarães de outras cidades, porque é um ritual de encontro, saudade e amizade de todos aqueles que de alguma forma estudaram em Guimarães”.... (Ricardo Gonçalves, em Guias improváveis).

6. Discussão dos resultados

Mediante a análise documental e a observação participante foi feita uma descrição das Festas Nicolinas do ano de 2012. Constatase que as Festas Nicolinas são uma tradição muito antiga da cidade de Guimarães e ainda perduram, sendo consideradas património cultural da cidade.

Como tantas outras tradições, as Nicolinas transformaram-se ao longo do tempo. Tal como a cultura é movente, as sociedades não são estáticas, as histórias não são imóveis, as Nicolinas não são imutáveis.

Estas transformações ocorreram em variadíssimos aspetos. Deste a localização dos acontecimentos, das datas festivas, dos números nicolinos, dos participantes nas festas, dos organizadores e dinamizadores, do carácter religioso e profano, etc.

Começando pelo carácter religioso e profano das Festas Nicolinas, verificamos que estas tiveram uma religiosidade espontânea na sua origem: a devoção a São Nicolau. Contudo, a partir de uma multiplicidade de fatores, um dos principais a angariação de fundos para a Irmandade de São Nicolau através das chamadas Danças, o lado profano foi despoletado. Hoje, as Festas Nicolinas são festas marcadamente profanas, nas quais o culto religioso ainda existe mas com menos intensidade. Vejamos quais os momentos religiosos festejados nas Festas Nicolinas do ano de 2012: o cortejo intitulado “A romagem da saudade”, o Cortejo do Retábulo de São Nicolau, as Solenidades em honra a São Nicolau e as Novenas.

Quanto à localização dos acontecimentos, verifica-se que antigamente o palco principal de vários números das festas era a Praça do Toural. Ora, com o desenvolvimento da cidade e a alteração paisagística da mesma, alguns números nicolinos deixaram de ser lá realizados. Refiro-me, principalmente, ao enterro do Pinheiro (o local atual é o campo da feira junto ao monumento Nicolino), às Maçãzinhas e ao Magusto (Praça de Santiago).

As Festas Nicolinas, nos seus primórdios, cingiam-se a um dia só de festejo, dia de São Nicolau. Atualmente, a festa compreende uma duração de um pouco mais de uma semana. Tem início a 29 de novembro e termina a 8 de Dezembro.

Os números nicolinos sofreram também várias alterações, desde adaptações, rejeições e recriações. Como vimos ao longo deste trabalho, alguns números desapareceram por um período de tempo do programa das festas tendo sido mais tarde reincorporados nas Nicolinas,

como, por exemplo, as Danças de São Nicolau (o número mais ligado às origens das Nicolinas) e as Roubalheiras. O baile Nicolino não fazia parte desta tradição, é um número bastante recente.

Os números nicolinos foram acompanhando as mudanças sociais ao longo do tempo. Por exemplo, o cortejo do Pinheiro levava muitas juntas de bois numa altura onde a pecuária era uma realidade muito presente em Guimarães. Com a industrialização da cidade este número acabou por ver diminuído o número de juntas de bois; no entanto, o número de caixas e bombos aumentou. O Pinheiro é simplesmente o número que atrai mais pessoas a participar. São milhares que saem à rua para verem o Pinheiro. Homens e mulheres, rapazes e raparigas juntam-se no cortejo dotados de caixas e bombos e acompanham-no até ao seu enterro. As maçoazinhas eram por excelência o número de eleição das Festas Nicolinas, a homenagem às damas era o seu objetivo principal, numa época em que as relações entre os dois sexos tinham muitas restrições. Hoje em dia rapazes e raparigas convivem e relacionam-se diariamente sem qualquer proibição ou restrição, mas o número continua, e concomitantemente a tradição.

Verifica-se uma certa recriação de alguns números, uma espécie de retrato um tanto ou quanto forçado para a tradição não desaparecer; um exemplo disso é o Magusto.

No cortejo a “Romagem da Saudade”, os bombos e caixas não fazem parte da cerimónia. Durante esta homenagem um membro da Comissão das Festas Nicolinas sugeriu que se adicionasse o toque das novenas e os presentes concordaram manifestando vontade de o fazer. Aqui está presente a ideia de que é uma tradição em constante mutação. Daqui depreendemos que efetivamente a mudança não se opõe à tradição. Mais uma vez se observa que esta tradição, mantendo a sua essência, não é “um quadro fechado”; está aberta a sugestões e alterações.

Os números nicolinos são um conjunto de práticas festivas com características muito peculiares. A originalidade e a criatividade manifestam-se nesta tradição, que se considera única no país e no mundo. Não são conhecidos relatos de festas académicas como as Nicolinas. Relembra-se que os únicos estudantes do ensino secundário que mantêm o uso do traje académico são os estudantes de Guimarães.

As caixas e os bombos fazem parte da maioria dos números que compõe as festas. Para cada cerimónia há um toque correspondente/associado, de tal forma que os ensaios são realizados inúmeras vezes com a participação da comunidade estudantil.

Esta tradição de carácter juvenil mantém uma característica muito própria. São os estudantes que organizam e animam as Festas Nicolinas. Antigamente só os estudantes do

Liceu de Guimarães podiam participar nas festas, enquanto hoje todos os estudantes de Guimarães participam, sendo consideradas as festas de todos os estudantes de Guimarães. As Festas Nicolinas, para além dos estudantes de Guimarães, promovem a participação de toda a comunidade. Os estudantes interagem com a comunidade em vários números nicolinos. Todos fazem e vivem a festa.

A Comissão de Festas Nicolinas continua a ser unicamente constituída por elementos do sexo masculino e aqui é manifestada a opinião de nunca se alterar, uma vez que para os nicolinos as mulheres são as “homenageadas” das festas e, como tal, não faz sentido serem elas a organizar essa homenagem. Existe, no entanto, uma Comissão feminina que organiza e auxilia a Comissão de Festas Nicolinas no número das Maçãzinhas, no que diz respeito à reserva, ornamentação e embelezamento das varandas.

A Comissão é composta por 10 elementos, cada elemento tem um cargo e funções associadas. Os peditórios de porta em porta, com o objetivo de angariar fundos para a concretização desta tradição, fazem parte das suas funções. O Pregoeiro e o Ponto são escolhidos posteriormente quando as capacidades de declamação tenham sido observadas e avaliadas. Todos os elementos são alunos das escolas secundárias de Guimarães e têm idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos. Esta Comissão, para além de organizar e realizar as festas, dão vida às mesmas, animando-as, ou seja, são os protagonistas das Nicolinas. A Comissão não está sozinha na organização, preparação e execução das festas, tendo o apoio de vários elementos das comissões de festas anteriores, da AAELG e ainda de algumas pessoas que acompanham as festas e as comissões há vários anos, como é o caso do Sr. Manuel Silva.

A Comissão de Festas Nicolinas renova-se de ano para ano (aos novos nicolinos é-lhes apelidado de «malotas»), mas mantém na sua constituição elementos da comissão anterior, que irão transmitir todos os rituais e ações Nicolinas. Esta passagem de testemunho é um meio importantíssimo da transmissão da tradição, sendo esta transmitida principalmente pela oralidade. É através da oralidade e da escrita que muitas tradições perpetuam no tempo.

Esta comissão tem rituais muito próprios: são rituais académicos de socialização e de integração que neste convívio e partilha criam laços de amizades muito fortes. O sentimento de pertença ao grupo e de cooperação entre os nicolinos, a partilha de experiências e objetivos são características identitárias (identidade coletiva) muito presentes nesta Comissão: “funcionamos como uma família” (membro da comissão, 2012). Desde os preparativos até aos festejos andam, lado a lado, no incansável trabalho de promover mais umas Nicolinas.

Existem várias associações Nicolinas, umas mais ligadas ao culto religioso, outras mais ligadas às manifestações profanas. Para a realização da presente investigação foi focada, sobretudo, a AAELG, uma associação com várias décadas, muito ligada a estas festividades.

Com efeito, a Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães tem uma presença muito marcada nas festas. Participam em vários números nicolinos e organizam um deles: as Danças de São Nicolau. Tem como objetivo manter viva esta tradição. Não se considera uma associação paternalista, contudo auxilia a comissão na organização das festas transmitindo o conhecimento desta tradição. Por outro lado, realiza várias atividades junto das escolas e da comunidade, despertando desde cedo a “paixão” pelas festas e promovendo a transmissão da tradição.

A memória é recorrente nesta transmissão de conhecimento e saberes sobre as Festas Nicolinas. É através dela que os vários intervenientes das festas descrevem as suas experiências vividas e informam sobre a tradição. É por isso um fator promotor da perpetuação das Nicolinas e um fator de comparação com o que eram as Nicolinas no passado com o que são as Nicolinas no presente, é costume ouvir-se dizer: “as Festas Nicolinas não eram assim....”.

Por outro lado, os mais novos, ao participarem nas Nicolinas, sobretudo no cortejo do Retábulo de São Nicolau, aprendem alguns dos seus significados. Ao longo dos vários dias que antecedem as festas nas escolas, as crianças abordam o tema das Nicolinas e aprendem a tocar o toque do pinheiro.

Esta tradição incorpora símbolos e significados pelos quais o homem se comunica. Os elementos simbólicos são, segundo Geertz, “formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades e crenças” (Geertz, 1989: 105).

A tradição Nicolina está cheia de símbolos e significados. Quando iniciei este trabalho de investigação deparei-me com vários significados que eu não compreendia. Afinal de contas o que era o «malota»? O que significava a bandeira da academia? Porque estavam vestidos com aquele traje? O Pinheiro representava o quê? O que são as moinas, as posses, o dízimo de Urgezes...? O toque das caixas não é o mesmo?! Como fazem? Porque o fazem? Constatei que as Festas Nicolinas são de facto uma realidade cultural simbólica, uma “obra cultural” em que só a compreende quem participa, convive, vivencia, questiona, partilha, faz parte dessa mesma realidade, dessa mesma obra que se repete de ano para ano.

As Festas Nicolinas fazem parte da cultura popular de Guimarães. Primeiro, como vimos, o culto a São Nicolau está ligado à devoção popular, às crenças de um povo que interagem conjuntamente. A partir daqui foram criados hábitos, costumes e tradições que identificam esse mesmo povo e que são transmitidas de geração em geração, sobretudo pela via oral. Por outro lado, a cultura popular é uma cultura festiva, onde o riso, manifestações carnavalescas e os “banquetes” estão muito presentes (Bakhtin, 1987). Veja-se o exemplo das Danças de São Nicolau e das posses, onde o riso e as gargalhadas são constantes. Vários números das Festas Nicolinas tiveram, na sua origem, influências do carnaval. O uso da máscara, por exemplo, está presente no pregão Nicolino, usado como forma de ocultar as identidades dos sujeitos. Finalmente, os “banquetes” também estão muito presentes nestas festas, mais concretamente nas moinas e no jantar do Pinheiro.

As Festas Nicolinas estão muito enraizadas na comunidade vimaranense sendo promotoras também do desenvolvimento local. Refiro-me, por exemplo, à comercialização de diversos produtos nicolinos que, por esta altura, são bastante procurados, tal como o comércio e a restauração local. Por outro lado, estas festas, e sobretudo o número do Pinheiro, atraem inúmeros visitantes à nossa cidade.

A evolução das Nicolinas, sobretudo no ano do evento Guimarães Capital Europeia da Cultura (2012), fez suscitar ainda mais o interesse de fotógrafos, meios de comunicação e de vários profissionais ligados ao cinema e à música. Por um lado, torna esta tradição mais conhecida, por outro lado, esta não escapa a um processo de “mercantilização da cultura”. Ou seja, uma cultura como mercadoria, que se transforma em produto de consumo cultural, visando até interesses particulares. Vários autores criticam esta “apropriação” e “transformação” da cultura em mercadoria pois diminui o seu valor estético e cultural. Defendem que os valores culturais, o trabalho criador e expressivo da natureza humana devem ser enfatizados contra a mercantilização.

Esta tendência de mercantilização da cultura é de fato uma realidade cada vez mais presente. A mercantilização da cultura é um tema complexo que poderia ser motivo de vários estudos como forma de se compreender melhor esta realidade.

Capítulo 6 – Conclusões

O trabalho apresentado procurou conhecer e compreender uma tradição muito antiga realizada em Guimarães: as Festas Nicolinas. Para alcançar este objetivo, foi utilizada uma metodologia qualitativa, recorrendo-se, sobretudo, à observação participante e à análise documental. Os principais instrumentos de recolha de dados foram as notas de campo, tendo permitido fazer a descrição, análise e interpretação dos acontecimentos relacionadas com estas festas.

Considero que este objetivo foi cumprido na medida que, ao acompanhar a Comissão de Festas Nicolinas e ao observar as várias atividades por ela executada, permitiu-me conhecer, identificar e compreender os números, os costumes, os significados que compõem esta tradição. Por outro lado, conheci os principais intervenientes das festas e, como tal, pude constatar como estes as organizam e as realizam.

As Festas Nicolinas fazem parte da cultura vimaranense. Como vimos, a cultura é um padrão de significados transmitidos historicamente (Geertz, 1989), um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados e de formas simbólicas através dos quais se expressa ou se encarna (Burke, 1991), um conjunto de significações, padrões de cultura, práticas, obras e instituições (Silva, A. S., 1994).

A cultura não nasce com o ser humano. Ela é adquirida na relação com o grupo. As Festas Nicolinas foram transmitidas ao longo do tempo, há uma aquisição/apropriação desta tradição (do verbo *tradere* significa transmitir e entregar) por parte dos vimaranenses ao longo dos anos. Essa transmissão foi sobretudo feita pela oralidade e pela memória, condição indispensável para a existência e continuidade de um povo (Cunha, 2012). A AAELG e a Comissão de Festas Nicolinas têm um papel preponderante nesta transmissão. A AAELG, para além do apoio na organização e realização das festas, divulga, explica, transmite e incentiva a comunidade a conhecer e a participar nesta tradição. A Comissão de Festas Nicolinas apesar de ser renovada ano após ano mantém na sua constituição elementos dos anos anteriores, como forma de passar o testemunho da tradição. Contudo, tal como a cultura é movente, a tradição também o é, as Festas Nicolinas também o são. Estas foram modificadas pelo homem ao longo dos anos. Mas esta mudança não se opôs à tradição (Silva, A., S., 2000), pois as Festas Nicolinas não desapareceram e, pelo contrário, ganharam uma dimensão superior ao que elas eram antigamente.

As Festas Nicolinas constituem uma “obra cultural” (Silva, A. S., 1994 e Santos, M. L., 1988) de Guimarães. Ano após ano as Festas Nicolinas foram se repetindo e se transformando em algo superior. Lembra-se que as Festas Nicolinas, nos seus inícios, cingiam-se a um dia apenas de festejo.

As Festas Nicolinas são uma tradição predominantemente juvenil e estudantil. São maioritariamente os jovens estudantes das escolas secundárias de Guimarães que participam, organizam e dinamizam as Nicolinas.

As Nicolinas iniciam-se no dia 29 de novembro com o levantar do mastro anunciador das Festas: o Pinheiro. Ao longo de mais de uma semana (29 de novembro até 8 de dezembro) vários números são realizados e compõem esta tradição: Pinheiro, Posses, Magusto, Pregão, Roubalheiras, Maçãzinhas, Novenas, Baile Nicolino e Danças de São Nicolau. Fazem parte ainda desta tradição outras iniciativas e cerimónias: o cortejo da “Romagem da Saudade”, as Moinas, as Solenidades em Honra de São Nicolau e o cortejo do “Retábulo de São Nicolau”.

As Festas Nicolinas têm mais de três séculos e meio, e como tal, são dotadas de uma riqueza histórica e cultural muito grande. É uma tradição muito complexa, com características muito próprias que se constituem em motivo de orgulho para a população vimaranense. Esta tradição faz parte da cultura popular vimaranense. A cultura popular entendida como “universos de sentido”, padrões de conduta, práticas, obras relacionadas com a ação de vários atores (individuais ou grupais) presentes num certo espaço- tempo social (Silva, A. S., 1994). Um tipo de cultura “comum” das pessoas, que se fabrica no quotidiano, não é uma cultura voltada para o consumo, para a assistência, implica isso sim a participação dos sujeitos. Em relação às Festas Nicolinas, sobretudo, o número do Pinheiro, o momento mais “alto” das festas, verifica-se uma participação massiva nesta tradição. O que vai ao encontro das ideias de A. S. Silva (1994) quando nos diz que as festas tradicionais, as atividades da pequena cultura popular procuram uma “participação expressiva da multidão”.

A cultura popular é uma cultura onde a festa tem um lugar importante (Burke, 1991 e Silva, A. S. 1994). Uma das características presentes nas festas são o riso e os “banquetes” (Baktin, 1987), algo muito verificado nas Nicolinas. Quanto ao riso, é uma realidade muito presente nas Danças de São Nicolau, nas Posses e no Pregão. Quanto aos “banquetes” destaco as moinas e o jantar do Pinheiro como exemplos.

Estas festas constituem um pouco o “espelho” da identidade de Guimarães. Nelas encontramos várias características desta cidade e da sua população. Quer nas Danças de São

Nicolau, quer nos Pregões, estão espelhados “inclusive” os acontecimentos mais marcantes da cidade. O que constitui uma fonte privilegiada para compreender e conhecer a cidade e o seu povo.

A maior limitação deste estudo prende-se com o fato de haver uma certa familiaridade em torno deste tema (sou de Guimarães e sempre participei nas Festas Nicolinas) o que afeta o distanciamento crítico necessário num estudo desta natureza.

Acho pertinente novos estudos sobre as Festas Nicolinas pois poderão trazer novos conhecimentos e novos desafios a quem se dedica às questões da cultura. A complexidade em torno deste tema possibilita uma análise multidirecional com várias dimensões ligadas à história, sociologia, geografia, educação, etc..

Estudar a tradição estudantil vimaranense é conhecer uma tradição com características muito diferentes das diversas tradições estudantis do país. Por outro lado, é importante a contribuição de novos estudos (com mais registos e conhecimentos sobre as Nicolinas) como forma de perpetuar a tradição.

Tal como já foi referido, o processo de mercantilização que afeta várias culturas populares constitui um tema interessante para estudos futuros. Estes podem contribuir para a compreensão desta tendência em transformar a cultura em mercadoria e com isto analisar as consequências, alterações e transformações que ocorrem nessa dada cultura.

A terminar, importa referir que conhecer a tradição é também conhecer um povo, a sua cultura, os seus hábitos, os seus costumes a sua realidade.

Referências bibliográficas

- A. A. E. L. G. (1997). Pregões de São Nicolau. (policopiado)
- Burke, P. (1991). *La cultura popular en la Europa moderna*. Madrid: Alianza Editorial.
- Bakhtin, M. (1987). *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo Brasília. Hucitec.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora
- Carvalho, A. L. (1956). *O S. Nicolau dos estudantes. Tradições escolásticas de Guimarães*. (2ª edição) Guimarães.
- Caballo, M. B. V., Candia, F. X. D., Caride, J. A. G, Meira, P. A. C.. (1996). *131 Conceptos clave da educación social*. Universidade de Santiago de Compostela.
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.
- Cunha, M. J. S. (2012). A tradicional feira dos santos em chaves: um misto de animação, cultura e atração turística. *A multidisciplinar e-journal* n° 21 / Revista da ESGHT/UAIfg acedido setembro, 2012 em <http://www.dosalgarves.com/revistas/N21/2rev21.pdf>
- Crespi, F. (1997). *Manual de sociologia da cultura*. Lisboa: Editorial Estampa
- Cabecinhas, R (2006). Identidade e memória social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste. In Martins, M; Sousa, H & Cabecinhas, R. (Eds) (2006). *Comunicação e lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media* (1-37) Porto: Centro de Estudos e Comunicação e Sociedade e Campos das Letras. Acedido em março de 2013 disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6166/1/CabecinhasR_identidsocial_06.pdf
- Chauí, M. (2008) Cultura e democracia. In *Crítica y emancipación* : Revista latino americana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1. Buenos Aires. Acedido em março de 2013 disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>.
- Coutinho, E. G. (2005). Os sentidos da tradição. In Paiva, Raquel e Barbalho Alexandre (orgs) *Comunicação e cultura das minorias*. (1-11) São Paulo: Paulus. Acedido setembro, 2012 em <http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/ecoutinho01.pdf>.
- Costa, A., Palheta, A., Mendes, A., Loureiro, A. (2003) Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer. In *Movendo Ideias*, Belém, v.8, n.º 13 (p. 13-22). Acedido em fevereiro 2013 disponível em <http://www.cristhianlima.com.br/wp-content/uploads/2011/11/IND%C3%9ASTRIA-CULTURAL-REVISANDO-C%C3%B3pia.pdf>

- Ferreira, F.I (2011). Estudos etnográficos: exemplos e potencialidades no campo da animação sociocultural In Lopes, M. S. (coord.) *Metodologias de investigação em animação sociocultural* (53-81). Chaves: Intervenção.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A.
- Gomes, M. B. (2005). A cultura como dupla mediação social e a tese das três mudanças estruturais na sociedade contemporânea. In revista contrapontos, Itajaí (SC), v. 5., nº1. Acedido em abril de 2013 disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-bolshaw2-cultura.pdf>.
- Gonçalves, A. C. (1997). *Questões de antropologia social e cultural*. Porto: Edições Afrontamento.
- ITURRA, R (1986). Trabalho de campo e observação participante em antropologia. In Pinto, J. M., Silva, A. S. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais (149-163)* Edições Afrontamento.
- Lopes, J. T. (2000). *A cidade e a cultura. Um estudo sobre as práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Lopes, J. T. (2009). Da democratização da cultura a um conceito e prática alternativos de democracia cultura. In *Saber (e) Educar* nº 14. (Repositório institucional da ESEPF). Acedido em fevereiro de 2013 disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/302/S%26E14_Da%20democratizacao%20da%20Cultura%20a%20um%20conceito.pdf?sequence=2
- Lopes, M. S. (2011). A hermenêutica como paradigma metodológico do conhecimento e da animação sociocultural. In Lopes, M. S. (coord) *Metodologias de investigação em animação sociocultural* (241- 256) Chaves: Intervenção.
- Lima, A. M., Martinez, B., & Lopes, J. (1991). *Introdução à antropologia cultural*. (9.^a Edição). Lisboa: Editorial Presença.
- Lucena, C. T. (2008) A festa (re)visitada: (re)significações e sociabilidades. In Lucena, C. T. e Campus, M. C. S. S. (org) *Questões ambientais e sociabilidades*. (97–103) São Paulo: Humanitas, CERU. Acedido em fevereiro de 2013 disponível em <http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais1.html>.
- Miguel, F. C. (1998). *Cartilha nicolina*. A.A.E.L.G.. (policopiado)
- Malinowski, B. (1976). *Uma teoria científica da cultura*. Lisboa: Edições 70, Lda.

- Moura, M.M. (2008) Festas, ritos e celebrações. In Lucena, C. T. e Campus, M. C. S. S. (org) *Questões ambientais e sociabilidades*. (33-38) São Paulo: Humanitas, CERU. Acedido em fevereiro de 2013 disponível em <http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais1.html>.
- Quintana, J. M. C. (1986). *Fundamentos de animación sociocultural*. Madrid: Ed. Narcea.
- Ritzer, G. (1996). *La mcdonalización de la sociedade*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A..
- Saraiva, A. J. (1993). *O que é a cultura*. Lisboa: Editorial Estampa
- Silva, L. M. (1991). *Guimarães e as Festas Nicolinas*. A.A.E.L.G..
- Silva, L. M. (1992). *A senhora Aninhas mãe dos estudantes nicolinos*. Guimarães: A.A.E.L.G..
- Silva, L. M. (1994). *São Nicolau a sua irmandade e a sua capela na insigne e real colegiada de guimarães*. A.A.E.L.G.
- Silva, L. M. (2000). *A alma e a graça das Festas Nicolinas*. Guimarães: Ideal, Artes Gráficas
- Silva, A. S. (1994). *Tempos cruzados, um estudo interpretativo da cultura popular*. Edições Afrontamento
- Silva, A. S. (2000). *Cultura e desenvolvimento: estudos sobre a relação entre ser e agir*. Oeiras: Celta Editora
- Santos, M. L.L. (1988). Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura de massa, a cultura popular). In *análise social*/volume XXIV (101-102) (2º,3º) 689-702. Acedido em fevereiro de 2013 disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223031340N1gDW0zb2Gm99PA2.pdf>
- Serrano, G. P. (1997a). Investigação em educação social. Metodologias. In Petrus, A. (org.) *Pedagogia Social (372-401)* Barcelona: Ariel
- Serrano, G. P. (1997b). Metodologias de investigación en animación sociocultural. In Trilla, J.(coord.) *Animación sociocultural* (99-120) Barcelona: Editorial Ariel, S. A
- Serrano, G. P. (2011). Investigação avaliativa e estudos de caso em animação sociocultural. In Lopes, M. S. (coord.) *Metodologias de investigação em animação sociocultural (83-113)* Chaves: Intervenção.
- Souza, A. 2010. Debates sobre a cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. *Estudos interdisciplinares da comunicação no XII Congresso de Ciências da Comunicação*, Região do Nordeste.
- Thiesse, A.M. (2000). *A criação das identidades nacionais*. Lisboa: Temas e debates - Atividades Editoriais, Ld.^a.

Trilla, J. (2005). Conceito, exame e universo da animação sociocultural, *in* Trilla, Jaume (coord.) *Animção Sociocultural – Teorias, Programas e Ámbitos* (19-43) Instituto Piaget Horizontes Pedagógicos..

Consulta de *sites*:

Guimarães digital “*Comissão das Nicolinas recebeu esta quinta-feira o estandarte da Academia Vimaranesse*” Consultada em 2 de novembro de 2012 disponível em <http://www.guimaraesdigital.com/index.php?a=noticias&id=50467>

GMRTV “*Campo de futebol e moto da polícia nas Roubalheiras 2012 (reportagem alargada)*” Consultado em 10 de dezembro 2012 disponível em <http://www.gmrvtv.pt/>

Guimarães digital. “Danças de São Nicolau “malharam” na Capital Europeia da Cultura”. Consultada a 12 de dezembro 2012 disponível em

<http://www.guimaraesdigital.com/index.php?a=noticias&id=50896AAELG> – Velhos Nicolinos. *O compromisso*. Consultado em 12/07/2013, disponível em <http://www.nicolinos.pt/site/s/339>

AAELG – Velhos Nicolinos. “Dizimo de Urgezes” Consultada em 6 de junho 2013 disponível em <http://www.nicolinos.pt/site/s/125>

AAELG- Velhos Nicolinos. “*Estatutos da Associação dos Antigos Estudantes de Guimarães.*” Consultado em 18/06/2013 disponível em <http://www.nicolinos.pt/site/s/114>.

AAEL-Velhos Nicolinos. *Hierarquia e funções*. Consultado a 12 de julho 2013, disponível em <http://www.nicolinos.pt/site/s/127>.

A.C.F.N.. “*Posse ACFN 2012*”. Consultada em 12 de julho 2013 disponível em <http://acfn-festasNicolinas.blogspot.pt/>.

Guimarães 2012 “*Guias Improváveis*”. Disponível em <http://www.guimaraes2012.pt/index.php?cat=92&item=41297>

www.Nicolinas.pt/site

www.guimaraesdigital.pt

Anexos

Anexo 1 – Hino do São Nicolau dos Estudantes

Ó nobre pátria d' Afonso
Ó berço da monarquia
Exulta formosa terra,
Já raiou teu fausto dia!

Só a ti, ó Guimarães
Foi votado este dia
Como mimoso presente
De Paz, ventura, alegria!

Nobre filho de Minerva
Quem te pode hoje igualar;
És livre! Hoje só tu,
Podes, Nicolau, saudar!

Mas sem vós formosas damas,
Que valem festas, folias!
Vinde pois, com terno olhar,
Verter tudo em alegrias

Folgar, rapazes!
Folgar, Folgar!
Que só para o ano
Torna a voltar!

Anexo 2 – O Compromisso¹

Eu (Nome) comprometo-me

- A dedicar-me à causa Nicolina e a enobrecer os festejos ao seu Patrono: S. Nicolau;
- Na defesa da verdade dos seus rituais de fraternidade;
- A criar igualdade de oportunidades a todo o Nicolino em busca de uma excelência de Sabedoria
- Na defesa e valorização da dignidade humana e a combater “praxes” e comportamentos menores ou pouco edificantes;
- A combater o vício, a ignorância e a marginalidade;
- Na defesa das suas tradições ancestrais onde “os Velhos” são a memória e “os Novos” os obreiros-aprendizes e companheiros das Festas a S. Nicolau.
- A participar no rejuvenescimento das Nicolinas e na passagem do seu testemunho.
- A respeitar “Os Velhos” e a acompanhá-los sempre que necessário;
- Por vontade de S. Nicolau hoje sempre

¹ (Fonte: AAELG – Velhos Nicolinos. O compromisso. Consultado em 12 de julho 2013, disponível em <http://www.nicolinos.pt/site/s/339>)

Anexo 3 – Hierarquia e Funções da Comissão de Festas Nicolinas

O Presidente

O Presidente é responsável pela organização da documentação, nomeadamente certificados de matrícula, referente a todos os elementos da Comissão de Festas Nicolinas e sua apresentação atempada para validação ao Presidente da AAELG/Velhos Nicolinos. Esta documentação é imprescindível para a tomada de posse da Comissão e início da atividade.

O Presidente da Comissão de Festas Nicolinas é o seu responsável máximo e o legítimo representante da mesma, cabendo-lhe como tal, a organização da Comissão tendo em vista a obtenção de fundos para a realização das Festas Nicolinas.

Como responsável máximo da Comissão, pode o Presidente exigir o respeito e a obediência dos seus colegas, para um desenrolar harmonioso das funções para que se propuseram.

Apenas o Presidente tem poderes para assinar protocolos que venham a vincular Comissões vindouras, no entanto, essa manifestação de vontade só é legítima, depois de ter obtido um parecer favorável da direção da AAELG- Velhos Nicolinos.

Nenhum outro elemento da Comissão poderá tomar atitudes formais em nome da mesma, a não ser que para esse efeito lhe tenham sido delegados poderes de representação pelo Presidente.

O Presidente poderá ser demitido se tal for a vontade dos restantes membros da Comissão, desde que apresentem na AAELG-Velhos Nicolinos um documento comprovativo dessa vontade e elucidativo relativamente às causas que nortearam essa vontade, e desde que sejam unânimes quanto ao Nicolino que o substituirá.

Para demitir o Tesoureiro ou o Vice-Presidente, necessita o Presidente da aprovação por escrito de toda a restante Comissão.

Para demitir o Secretário, o Presidente necessita da aprovação por escrito de pelo menos, cinco elementos da Comissão, tendo que desses cinco fazer parte obrigatoriamente, o Tesoureiro e o Vice-Presidente;

Todas as aprovações supramencionadas, só têm validade quando apresentadas à direção da AAELG-Velhos Nicolinos.

Tesoureiro

Ao Tesoureiro serão responsabilidades, juntamente com o Presidente, no que concerne a assuntos do foro económico da Comissão de Festas Nicolinas.

No âmbito interno da Comissão de Festas Nicolinas, o Tesoureiro tem plenos poderes para substituir o Presidente, quando este se encontrar, por algum motivo, impedido.

Quando tal suceda, deverá o Tesoureiro conduzir a Comissão de Festas Nicolinas, sempre com o auxílio do Vice-Presidente.

Vice-Presidente

O Vice-Presidente das Festas Nicolinas é o substituto formal do Presidente e o legítimo representante da Comissão quando o Presidente esteja impedido de exercer essa função.

Deve o Vice-Presidente auxiliar o Tesoureiro na condução da Comissão, quando o Presidente não o possa fazer.

O Vice-Presidente tem poderes de representação do Presidente na assinatura de protocolos, sendo nesse caso também necessária a assinatura do Tesoureiro.

Secretário

O Secretário da comissão de Festas Nicolinas, é o responsável pela escrita da Comissão:

Deve redigir, e escrever corretamente, a ata eleitoral no livro existente na Torre dos Almadas, sede da AAELG-Velhos Nicolinos, terminando com os nomes dos elementos eleitos da Comissão.

Deve redigir todos os acordos, comunicados ou correspondência que a Comissão de Festas Nicolinas queira efetuar;

Tem que elaborar, coadjuvando o Tesoureiro, a contabilidade da Comissão;

Deve tomar todos os apontamentos que o Presidente considere necessários;

Ao Secretário cabe organizar a documentação referente à Comissão de Festas Nicolinas;

Desde o início dos trabalhos da Comissão, o Secretário deverá resumir no livro de atas das Comissões, as reuniões da semana, bem como, tudo o que de importante tenha ocorrido;

Chefe de Bombos

O Chefe de Bombos, da Comissão de Festas Nicolinas, é o responsável pela qualidade, pode e deve valer-se das gravações em mp3 que estão disponíveis na página da AAELG/Velhos Nicolinos dos toques nicolinos:

Deve marcar o toque dos bombos no Pinheiro e Pregão, nas Moinas e Novenas.

Cabe ao Chefe de Bombos assegurar o conhecimento dos toques nicolinos, por parte da população estudantil.

O Chefe de Bombos é quem deve ensinar, concretamente o toque do bombo aos estudantes vimaranenses.

Subchefe de Bombos

O Subchefe de Bombos da Comissão de Festas Nicolinas, é o auxiliar do Chefe de Bombos, e o responsável pelo ensino do toque Nicolino de caixa.

Deve o Subchefe de Bombos auxiliar o Chefe de Bombos em tudo o que este considere necessário.

O Subchefe de bombos é o elemento que deve ministrar lições de toque de caixa aos estudantes vimaranenses, devendo ser escolhido pelo Presidente pela sua especial capacidade neste particular.

1º Vogal da Academia

O 1º Vogal da Academia da Comissão de Festas Nicolinas é o condutor dos desfiles nos vários eventos nicolinos.

Deve o 1º Vogal da Academia, montado num cavalo, marcar o caminho do desfile no Pregão e nas Maçãzinhas;

No cumprimento da sua função, deve o 1º Vogal da Academia, levar erguida a bandeira da AAELG- Velhos Nicolinos.

2º Vogal da Academia

O 2º Vogal da Academia da Comissão de Festas Nicolinas, na sua função de auxiliar do 1º Vogal, é o orientador da condução dos desfiles nicolinos.

Deve o 2º Vogal da Academia, auxiliar o 1º Vogal da Academia em tudo o que este considere necessário.

O 2º Vogal da Academia é o substituto imediato do 1º Vogal da Academia, caso este se encontre, por algum motivo, impedido de desempenhar normalmente as suas funções.

1º Vogal de Festas

O 1º Vogal de Festas da Comissão de Festas Nicolinas é o coordenador dos vários eventos das Festas Nicolinas.

Cabe ao 1º Vogal de Festas supervisionar o embelezamento dos vários números das festas:

Deve idealizar e organizar a ornamentação das artérias da cidade por onde passarem os diversos números das festas;

Garantir a manutenção da decoração tradicional do Pinheiro que desfilará como mastro anunciador das Festas Nicolinas no número com o mesmo nome;

Garantir que todos os carros alegóricos que desfilem nas Maçãzinhas, e os carros de exibição da Comissão que desfilem no Pregão e nas Maçãzinhas, se apresentem condignamente;

Compete, igualmente, ao 1º Vogal de Festas, assegurar a colaboração dos populares cuja a participação é decisiva para um normal desenrolar das festas;

Terá que combinar os locais onde serão feitas as posses;

Deve tratar das reservas das cinco varandas onde é recitado o Pregão;

Cabe-lhe ainda a coordenação com a Comissão feminina na reserva e ornamentação das varandas para o número das Maçãzinhas;

Deve o 1º Vogal de Festas acompanhar o Presidente nas negociações respeitantes à obtenção do material para as festas, nomeadamente no que respeita ao Pinheiro que será cortado, ao fogueteiro que deverá anunciar a hora do início de cada número e à banda que atuará tocando o hino Nicolino nas Posses e Maçãzinhas.

2º Vogal de Festas

O 2º Vogal de Festas da Comissão das Festas Nicolinas, é o auxiliar do 1º Vogal de Festas, estando ao seu dispor para realizar as tarefas que este considere necessárias.

Deve o 2º Vogal de Festas adquirir o material necessário para a ornamentação e embelezamento dos vários números das Festas Nicolinas.

Pregoeiro

É o elemento da Comissão que pelos seus dotes orais é eleito pelos seus pares para recitar o Pregão. No caso de não se encontrar dotes de declamação satisfatórios entre os membros da Comissão poderá ser contactado alguém para o efeito, como o já foi em tempos passados.

Ponto (do Pregoeiro)

É o elemento que lê o Pregão em voz baixa junto do Pregoeiro para este o recitar, em caso de indisponibilidade do Pregoeiro também o pode substituir.

Cabe a toda a Comissão de Festas Nicolinas a responsabilidade da realização das Festas Nicolinas:

- a) Realização das Moinas nos dois fins-de-semana que antecede o início das festas;
- b) Colaboração e participação com os infantários de Guimarães na realização e organização do “cortejo do Retábulo de São Nicolau”, que inclui a oração na capela de São Nicolau e o cortejo para a sua entrega na Torre dos Almadas, que ali ficará durante as festas, na manhã do dia 29 de Novembro;
- c) Realização da festa do Pinheiro na noite do dia 29 de Novembro;
- d) Realização das Posses e do Magusto na noite do dia 4 de Dezembro;
- e) Realização do Pregão na tarde do dia 5 de Dezembro;
- f) Realização das Maçãzinhas na tarde do dia 6 de Dezembro;
- g) Participação nas Danças de S.Nicolau na noite do dia 6 de Dezembro onde por tradição fazem homenagem a um velho nicolino;
- h) Realização do Baile Nicolino na noite do dia 7 de Dezembro;
- i) Celebração das Novenas na madrugada dos dias 1 de Dezembro a 7 de Dezembro;
- j) Realização das Roubalheiras na madrugada de um dos dias das festas, acerca do qual se deverá manter o mais absoluto sigilo;
- k) Deverá a Comissão de Festas Nicolinas, deslocar-se em romagem, na manhã do dia 1 de Novembro, ao Cemitério da Atouguia portando a bandeira da Academia e prestar uma homenagem simbólica a ilustres nicolinos aí sepultados.

É obrigatória a disponibilidade de todos os elementos da Comissão de Festas Nicolinas para representação, participação e ou realização, durante todo o ano para o qual foi eleita, em eventos de divulgação das Festas Nicolinas ou para outros que sejam convocados.²

² Fonte: AAEL-Velhos Nicolinos. *Hierarquia e funções*. Consultado a 12/07/2013 disponível em <http://www.nicolinos.pt/site/s/127>.

Anexo 4 – Posse da inenarrável e sempre infame Associação das Comissões de Festas Nicolinas 2012

A nossa vetusta associação
Cultivando sua base democrata
Pretende que o Senhor Escrivão
Escarrapache o seguinte na acta:

Feliz dia ocorreu no Vaticano
O bagaço correu do alambique
Por um dia, se esqueceu o ano
Mais conhecido por Vatileak

Soubemos por vias travessas
Que em nome dos Fúria do Pau,
No presépio este ano às avessas
Estaria um equídeo de longo pirilau..

Agora, agora,
Agora, agora,
Tu és um cavalo de corrida...

Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau

Banidos foram a vaca e o burro
Ficaram os camelos. E a Virgem fula
Mandou-nos ficar com o esturro
Levem a vaca e mais uma mula...

É por isso que o possessório texto
Será lido por uma vaca sem touro

E se perceberam o contexto
Por uma mula que não vale um estouro...

Agora, agora,
Agora, agora,
Nós temos uma mula foi corrida...

Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau

A vaca:
Meus caros vimaranenses, concidadãos
Sou eu!!! Não vêm! É a vaca que vos fala
Tirar-me do presépio? A mim não!
Fui vítima de uma cabala...

A mula:
Pois, pois! Fino foi o burro...
Mal deu seu último zurro
Pôs-se a monte, rápido vazou
E a ler esta posse me deixou...

A galope, trálálá
Sem parar... trá-lá-lá
Cavalinho nunca sai do seu lugar...
Trá-lá-lá

Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau

A vaca:
Grande ano! Foi a consagração.

Fomos Capital, no berço da Nação.
Trouxemos até trombonistas suecos
Os Tugas que se quilhem! São badamecos.

A mula:

Sim, claro! Foi um grande festim
No Toural até montaram um varandim
No Carmo montaram um Urbescópio
E a massa?... Nem c'um microscópio!!

A galope, trálálá

Sem parar... trá-lá-lá

A massinha já saiu do seu lugar...

Trá-lá-lá

Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau

A vaca:

Vi o mesmo cavalo três vezes
Do alto, do comando desta Nau
E saibam “vocemessezes”
Que gosto dos Fúria do Pau!

A mula:

Tens razão vaquinha querida
Toda a bandeira vi erguida...
De pé vi também a melena
Do tal maestro Rui Massena

Agora, agora,

Agora, agora,

Nós temos um maestro de corridaaaaa..

Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau

Vaca:
Inculto! Laparoto rasteiro
Provinciano, trampolineiro
Que dizes dos Expensive Soul
You ignorant! You fool.

A mula:
Foi fixe! Foi altamente!!!
Pena Guimarães estar ausente
Os Nicolinos muito invejo
De resto era tudo d' além Tejo...

Agora, agora,
Agora, agora,
Agora é que a vaca está aflitaaaa....

Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau

A vaca:
Querias o quê, mula azeda
Tiveste as bandas na Alameda
Querias ser europeu, sem sêlo
Ver sempre artistas de Penselo?

A mula:
Não! De Penselo não diria
A S. Jorge dou primazia

Ora, diz-me: não achaste bem
Na Oliveira, a Banda de Pevidém?

Agora, agora,
Agora, agora,
Tu és capital desportivaaaaa...

Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau

Fúria do pau: ereção peniana , causada pelo enchimento da bexiga, de curta duração, e não
uma ereção por causa sexual.

Em português se usa a expressão: tesão de mijo!

Haja ordem nesta bodega
Quando tal toda a gente se esfrega
Chega de paleio da capital
E voltemos ao essencial...

Agora, agora,
Agora, agora,
Tu és um cavalo de corridaaaaa...

O pior será quando a fúria passar
O tamanho será pequeno, de assustar...
Pirilau, grosso já definha
E afinal... é só uma pilinha!

NOTÍCIAS:

O Vaticano anunciou hoje que a conta de Bento XVI na rede social Twitter - @pontifex - alcançou,
em apenas 24 horas, meio milhão de seguidores.

A primeira mensagem do Papa no Twitter só será escrita a 12 de dezembro, mas 500 mil pessoas já se inscreveram para "seguir" Bento XVI no Twitter.

A abertura da conta @pontifex foi anunciada ontem e vai ser publicada em oito idiomas.

Amigos! É o fim desta tragédia
Vivam as Nicolinas na Wikipédia
E o Papa dirá: Holy Shit!
Para a semana no seu primeiro tweet

Nicolinos! Meu Povo! Meu País!
Sou Nicolino! Sou das Festas! Sou Feliz
Amanhã, sigam o vosso coração
E estejam presentes no Pregão

Nicolinas, não é só Pinheiro
Nem bebedeira o dia inteiro.
É Danças, Pregão, é Maçãzinhas
Tenham gosto, preparem as fitinhas

Entra.... o gajo da fúria do pau e nada diz

Beijos às meninas bem jeitosas
Abraços aos de caras pilosas...
O facebook já foi... Mexam esse cú!
Xau! Vemo-nos no Badoo...

Arrete, la charrete... Comandante...
J'ai une chose pour dire num instante:
Se você se portar mal...
Vai levar com a fúria do pau³

³ Fonte: A.C.F.N. "*Posse ACFN 2012*". Consultada em 12/07/2013 disponível em <http://acfn-festasNicolinas.blogspot.pt/>.